

3º Período

Estudos da Tradução I

*Meta Elisabeth Zipser
Silvana Ayub Polchlopek
Eleonora Frenkel*

Florianópolis, 2009.



Governo Federal

Presidente da República: Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Educação: Fernando Haddad

Secretário de Ensino a Distância: Carlos Eduardo Bielschowky

Coordenador Nacional da Universidade Aberta do Brasil: Celso Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Alvaro Toubes Prata

Vice-reitor: Carlos Alberto Justo da Silva

Secretário de Educação a Distância: Cícero Barbosa

Pró-reitora de Ensino de Graduação: Yara Maria Rauh Muller

Pró-reitora de Pesquisa e Extensão: Débora Peres Menezes

Pró-reitora de Pós-Graduação: Maria Lúcia de Barros Camargo

Pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social: Luiz Henrique
Vieira da Silva

Pró-reitor de Infra-Estrutura: João Batista Furtuoso

Pró-reitor de Assuntos Estudantis: Cláudio José Amante

Centro de Ciências da Educação: Carlos Alberto Marques

Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol na Modalidade a Distância

Diretora Unidade de Ensino: Viviane Heberle

Chefe do Departamento: Rosana Denise Koerich

Coordenador de Curso: Maria José Damiani Costa

Coordenador de Tutoria: Vera Regina de A. Vieira

Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED

Coordenação de Ambiente Virtual: Hiperlab/CCE

Projeto Gráfico

Coordenação: Luiz Salomão Ribas Gomez

Equipe: Gabriela Medved Vieira

Pricila Cristina da Silva

Adaptação: Laura Martins Rodrigues

Comissão Editorial

Adriana Kuerten Dellagnello
Maria José Damiani Costa
Meta Elisabeth Zipser
Rosana Denise Koerich
Vera Regina de Aquino Vieira

Equipe de Desenvolvimento de Materiais

Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED

Coordenação Geral: Andrea Lapa
Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

Material Impresso e Hiperídia

Coordenação: Thiago Rocha Oliveira, Laura Martins Rodrigues
Diagramação: Ane Girondi
Ilustrações: Ângelo Bortolini, Rafael Naravan Kienen, Bruno Nucci
Revisão gramatical: Isabel Maria Barreiros Luclktenberg
Rosangela Santos de Souza

Design Instrucional

Coordenação: Isabella Benfica Barbosa
Designer Instrucional: Daiana da Rosa Acordi

*Copyright@2009, Universidade Federal de Santa Catarina
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida
e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade
Federal de Santa Catarina.*

Ficha catalográfica

Z79e
Zipser, Meta Elisabeth
Estudos da tradução I / Meta Elisabeth Zipser, Eleonora
Frenkel Barretto, Silvana Ayub Polchlopek.— Florianópolis : LLE/
CCE/UFSC, 2009.
142 p.
ISBN 978-85-61483-15-9
1. Tradução. 2. Cultura. 3. Comunicação intercultural. I. Barretto,
Eleonora Frenkel. II. Polchlopek, Silvana Ayub. III. Título.
CDU: 801=03

Catálogo na fonte elaborada na DECTI da Biblioteca da UFSC

Sumário

Apresentação 7

Unidade A 15

1 Elementos constitutivos das teorias de tradução.....17

1.1 A problemática da equivalência18

1.2 A questão da fidelidade25

1.3 A (im)possibilidade da (in)visibilidade do tradutor28

1.4 O fator da competência tradutória32

1.5 Mas, afinal, o que é tradução?34

Resumo 36

Sugestões de leitura 38

2 Diferentes concepções e teorizações.....39

2.1 Traduzindo o estrangeiro – a agenda política e cultural de Venuti39

2.2 Tradução: albergue do longínquo – concepções de Antoine Berman.....42

2.3 A ótica funcionalista da tradução – Christiane Nord63

2.4 “Memes” e estratégias – Andrew Chesterman69

Resumo 73

Sugestões de leitura 75

Unidade B..... 79

3 Prática fundamentada em textos: análise e tradução ..81

3.1 Tradução orientada para análise textual – o texto jornalístico on-line81

3.2 Antoine Berman: por um trajeto analítico85

3.3 Um ensaio com textos jornalísticos sob o olhar das estratégias de Chesterman	95
4 Sugestões de atividades: práticas para sala de aula.....	99
5 Considerações finais.....	131
Glossário	133
Referências	137

Apresentação

A tradução é uma ponte entre duas culturas. (Lia Wylér)

Caro(a) aluno(a),

Esta não é uma realidade idealizada da profissão. Ao contrário, muitas das nossas preocupações como tradutores profissionais ou eventuais giram em torno da busca incessante por aquela frase ou palavra perfeita, aquela que se “encaixa” direitinho no texto e nos deixa com aquela sensação de “consegui!”, sem contar a pressão sofrida com o prazo para a entrega dos documentos e a expectativa por melhor remuneração e reconhecimento profissional. Por outro lado, como bem diz a parte final deste texto, ser tradutor é achar tanto a profissão quanto nós mesmos o máximo e por uma razão bem simples: traduzir é uma delícia e também uma grande responsabilidade. Podemos sim brincar com as palavras num texto, mas, muitas vezes, dependendo do documento que temos em mãos, a palavra pode causar danos irreversíveis. Para ser um(a) tradutor(a) é preciso ser, antes de tudo, um(a) apreciador(a) da diversidade lingüística e cultural dos povos. É sobre essas e outras questões de que trata a segunda etapa do nosso curso – os Estudos da Tradução I.

Na introdução à disciplina, no livro anterior, você teve contato com uma visão geral referente aos estudos tradutórios, reunindo algumas das mais importantes tendências e contribuições da disciplina. Nós apresentamos a você alguns dos principais conceitos e modelos de estudos teóricos a respeito da modalidade de tradução em sua forma escrita. Você estudou um pouco da história e do pensamento de alguns teóricos renomados na área, teve contato com um mapeamento geral da situação da disciplina no que se refere às pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil. Por fim, apresentamos a você alguns textos coletados na internet e suas respectivas traduções. Na etapa anterior fizemos algumas perguntas que, esperamos, poderão ser respondidas por você ao final desta segunda parte do nosso curso.

O objetivo geral para este segundo livro é, por meio do exercício de análise e de tradução propriamente ditas e fundamentadas em alguns modelos teóricos, desenvolver a sua consciência crítica ante o ato tradutório, além

de habilidades para a prática da tradução comentada. Para isso, retomamos alguns dos pontos do primeiro livro, aprofundando as suas discussões, para que você possa aplicar alguns conceitos teóricos na prática efetiva. Sendo assim, os pontos que iremos discutir com você são os seguintes:

- elementos constitutivos das teorias da tradução (equivalência; fidelidade; competência em tradução; e conceito de tradução);
- diferentes concepções e teorizações, dentre as quais serão aprofundadas as concepções de Christiane Nord, Antoine Berman, Lawrence Venuti, já apresentados no livro anterior, além de Andrew Chesterman, que será abordado aqui em função da prática tradutória; e
- aplicação de modelos teóricos e de estratégias de tradução a partir de diferentes tipos de textos: literários e folder de turismo e jornalísticos em formato digital).

A organização deste material segue a forma do primeiro livro, isto é, você encontrará, ao final de cada unidade, um resumo do conteúdo estudado no capítulo, além de sugestões de leitura incluindo uma bibliografia especializada e alguns links para pesquisas na internet. No Capítulo 1, estudamos alguns elementos que constituem as teorias de tradução. Apesar de serem itens distintos, fazem parte de um todo; portanto, você encontrará apenas um resumo no final deste item. Já o Capítulo 2 trata do pensamento de autores distintos, o que nos levou a optar por “fechar” cada item com um resumo independente, visando facilitar a sua revisão. Por fim, os Capítulos 3 e 4 apresentam, respectivamente, exemplos da aplicação prática dessas teorias e sugestões para promover a sua prática.

Esperamos que, ao final deste segundo livro, cuja intenção é aprofundar e avançar os passos do primeiro, você encontre caminhos mais diversificados para pensar a tradução e também para elaborar e depurar seus pontos de vista e tendências teóricas. Parece-nos, entretanto, que existe um fio condutor por entre as diversas abordagens e conceitos que envolvem a tradução e, por essa razão, convidamos você a rever a epígrafe que abre esta nossa conversa: “A tradução uma ponte entre duas culturas”, não importa qual o caminho escolhido.

Para melhor ilustrar nossos propósitos, aqui você pode ler (e refletir sobre) a entrevista de Lia Wyler concedida à revista Época:

LIA WYLER

“A tradução é uma ponte entre duas culturas”

Revista Época – Gisela Anauate

29/10/2007



Época – O estilo de J. K. Rowling é fluido, mas cheio de construções sofisticadas. Essa característica está bem preservada na sua tradução da saga de Harry Potter. Como resguardar a alma do autor em uma obra e, ao mesmo tempo, transpô-la para um português que não soe artificial?

Lia Wyler – Quando se trata de literatura culta o leitor brasileiro advoga que a tarefa do tradutor seja procurar reproduzir o estilo do autor. O que acontece, nesta tradução, é que eu tive o mesmo cuidado com uma obra que pertence à esfera da chamada ficção comercial que, para muitos, é um gênero menor. Mas não é. A legibilidade é uma exigência deste gênero; na série Harry Potter essa legibilidade é facilitada pelo excepcional talento da contadora da história. Tornar o texto traduzido fluido, no entanto, não é o tradutor impor o seu estilo pessoal, “domesticar” o texto, distanciando-o de tal forma do original que ele deixe de pertencer à J. K. Rowling. Quanto às construções sofisticadas, elas são perfeitamente traduzíveis para o português, uma língua de extraordinária riqueza a que não faltam palavras para descrever cenários, acontecimentos e diálogos. A artificialidade a que você deve estar se referindo é consequência do

“tradutês” e do “internetês” linguagens das Trevas introduzidas no Brasil pela falta de senso crítico dos que escrevem.

Época – “Imberbe”, “ofídico”, termos que aparecem no primeiro capítulo de Harry Potter e as Relíquias da Morte, são bonitos e combinam com o universo do bruxo. São também pouco usuais. A esperança é de que os leitores consultem o dicionário.

Lia – Teoricamente, o sétimo livro se destina a jovens de 17 anos, uma idade em que encontramos barbudos e imberbes empenhados em passar no vestibular. Imagino que no início foi intenção da autora desenvolver gradualmente o vocabulário dos seus leitores, os mais novos auxiliados pelos pais, os mais velhos, pela consulta aos dicionários informatizados. Procurei apenas acompanhar o registro da autora em português mantendo intocados os costumes e maneirismos da cultura britânica.

Época – O jovem leitor brasileiro tem um repertório comparável ao de um leitor inglês, por exemplo? Como lidar com isso?

Lia – Não. Na Grã Bretanha a taxa de iletramento é mais baixa. A leitura é incentivada desde a mais tenra idade por razões religiosas – a obrigação de ler a bíblia. O latim continua a ser ensinado, ao contrário do que ocorre no Brasil. Você me pergunta se procuro facilitar a leitura? De certa forma, sim. Os dicionários que mais consulto são o Houaiss e o Aurélio, à procura de alternativas mais inteligíveis para palavras que já caíram em desuso em português. Usei no entanto o verbo boquiabrir-se. Acho que é a tradução mais perfeita para o “gape” da língua inglesa.

Época – Você se tornou uma referência na área de tradução. Diante do grande público, deu cara e voz ao profissional da tradução. Ainda pensa ser “invisível”, como já disse sobre a figura do tradutor?

Lia – Diariamente a vida nos prega peças, e essa é a maior que a vida me pregou. O teórico norte-americano Lawrence Venuti afirmou que o tradutor era invisível no texto. Eu acrescentei: é invisível dentro e fora do texto. Pois bem, tornei-me a tradutora mais visível do Brasil. Mas Venuti também acaba de ser desmentido: com o uso de bancos de dados é possível identificar o tradutor de uma obra por sua escolha de palavras. Isso se chama avanço científico. As afirmações são descartadas à medida que surgem novos dados que as atualizam.

Época – O seu trabalho na série Harry Potter mostrou que a tradução é uma criação literária. Mas o tradutor é considerado um autor, no Brasil?

Lia – O volume de traduções produzido no Brasil sem qualquer salvaguarda para a nossa língua é de tal ordem que as pessoas não acreditam que a tradução seja uma obra de recriação. Um tradutor é perfeitamente substituível por outro mais barato, e pagam-se preços diferenciados em São Paulo e no Rio de Janeiro como se os neurônios fossem mais numerosos e mais ágeis, dependendo da localidade. Felizmente consegui preservar uma parte dos meus.

Época – Pretende continuar com seus estudos sobre teoria e história da tradução?

Lia – Sonho em continuar, mas sem ajuda financeira o meu trabalho se tornaria tão lento que nem sei se vale a pena. A tradução é a atividade que paga as minhas despesas. A pesquisa acarreta mais despesas, que têm de ser pagas pela tradução.

Época – Qual é a grande questão que o tradutor enfrenta hoje, no país?

Lia – A tradução, como qualquer profissão liberal, é segmentada e cada segmento tem especificidades que não permitem afirmar que exista apenas uma grande questão. Explicando melhor: na área de filmes há tradutores para legendas, narração e dublagem de filmes, vídeos e DVDs, que por sua vez são usados em cinema, televisão, escola e empresa, cada uma dessas finalidades exigindo diferentes habilitações do profissional. Qual é a grande questão para cada um desses grupos de tradutores? Não sei, mas se existe uma grande questão, e não será apenas para os tradutores, mas para todos os brasileiros, é a deficiência do ensino do português em todos os níveis.

Época – Você é professora de pós-graduação na área de tradução. É possível ensinar a traduzir? O que alguém interessado em tradução deve ter em mente, antes de se lançar nesse mundo?

Lia – É possível fazer reflexões sobre a arte de traduzir, é possível aprender procedimentos para produzir traduções mais legíveis. Eu mesma dou oficinas particulares para mostrar que é possível enxugar até as melhores traduções publicadas – obviamente na posição de “criticador” e

não de fazedor. Para ser tradutor, imagino que seja preciso acreditar que o conhecimento das culturas do país de origem e do nosso são fundamentais. A tradução é uma ponte entre duas culturas, a nossa tarefa é construir essa ponte. Por outro lado, traduzir palavras apenas, já dizia o saudoso poeta e tradutor José Paulo Paes, é tarefa para lexicógrafos.

Época – É possível esboçar a proporção de talento envolvida num trabalho de tradução literária?

Lia – Até hoje ninguém tentou porque não há uma tradução única e genial para um texto estrangeiro. Há variações e coincidências nas traduções feitas por diferentes pessoas que agradam mais a uns e desagradam a outros e isto não significa que cada tradução não apresente rasgos de genialidade que recriem os do autor estrangeiro.

Época – Como tradutora de autores como John Updike e Henry Miller, fica decepcionada por ser reconhecida principalmente por Harry Potter?

Lia – Não. Fico decepcionada com a incompreensão que cerca o ato de traduzir, a falta de percepção do quanto de inventividade empregamos para evitar a repetição de palavras, o exercício que é a reestruturação de frases visando a maior legibilidade do texto e mil outros recursos de que se lança mão, por vezes instintivamente dados os curtos prazos que temos para refletir. Considero o Harry Potter, com a sua multiplicidade de registros – narração, diálogos entre iguais e superiores e inferiores hierárquicos, artigos de jornal, avisos escolares, livros-texto, textos medievais, contos folclóricos, aulas, cartas entre garotos e cartas ministeriais, jogos de palavras – o maior desafio que já enfrentei depois de A Fogueira das Vaidades, de Tom Wolfe.

Época – Quais foram os desafios deste último Harry Potter? Você estacou em alguma palavrinha? Lembra-se de alguma passagem particularmente difícil?

Lia – Houve jogos de palavras desafiadores como o já famoso “abro no fecho”, uma frase necessariamente ambígua para não estragar o suspense. Ou o rock contraposto a roque, uma solução fonética para uma pequena dificuldade. Mas se eu contar tudo não haverá surpresas.

Época – Qual é o encanto de traduzir um livro infanto-juvenil? Quais as especificidades desse trabalho?

Lia – Ser capaz de trazer à luz a criança que existe dentro de todos nós. Imaginar-se sentindo, falando e agindo como cada um dos personagens, imaginar-se má, boa, ressentida, entusiasmada, curiosa, enfim, ser capaz de se colocar no lugar do outro ficcional e produzir um texto tão verossímil quanto o original estrangeiro.

Época – Quais são seus projetos para o futuro?

Lia – Não faço projetos de longo prazo porque estou vivendo o futuro, não o que sonhei quando criança mas um futuro que foi se desdobrando à minha frente a cada opção que fiz. Gostaria, no entanto, de retomar a minha História da Tradução porque há numerosos acontecimentos de grande consequência nas três últimas décadas do século XX cujo conhecimento poderia ser útil aos estudiosos da área.

Época – Harry Potter deixará saudades? A sensação de terminar a tradução da saga é de alívio ou de perda? É como você se sente toda vez que termina um trabalho?

Lia – Certamente deixará saudade. Não é todo o dia que um tradutor tem a oportunidade de trabalhar durante oito anos com o mesmo autor. Quanto à sua segunda pergunta não há absolutos, a perda e o alívio são faces da mesma moeda. Quando termino um trabalho normalmente começo outro. Depois de um Harry Potter em 62 dias precisaria de outros 62 de férias. (Disponível em: <<http://arquivo.potterish.com/?p=3559>>).

Muitos alunos que ingressam nos cursos de tradução de caráter eminentemente prático ou mesmo nos cursos de formação acadêmica devem se perguntar o que significa, afinal, ser um tradutor. As respostas podem ser as mais diversas dependendo do ponto de vista teórico ou da prática eventual de cada um. Algumas delas são apontadas, de forma bem humorada, no trecho transcrito e adaptado de uma mensagem passada aos alunos da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), da Universidade Federal de Santa Catarina, por ocasião do início de um dos semestres letivos. O autor não foi apontado:

Ser tradutor é:

- Trabalhar no inverno e no verão sem descanso;
- Dormir no serviço;
- Reclamar de muito trabalho, mas ficar verificando o e-mail a cada minuto pra ver se chegou alguma nova proposta;
- Ficar horas, às vezes dias, tentando encontrar “aquela palavra”;
- Relutar em pedir a opinião alheia e, quando sucumbe, ouvir a sugestão perfeita de pronto;
- Depois de lapidar uma frase até ficar perfeita, pensar “queria ver um tradutor automático fazer isso”;
- Ter que repetir a profissão quando vai fazer uma ficha porque as secretárias ou recepcionistas nunca entendem de primeira: “professora”?;
- Resignar-se a escolher a opção “outros” ao preencher um formulário que pede a sua profissão;
- Ter ciúmes dos dicionários e ter um treco quando alguém apóia um copo com água em cima do seu Webster, por exemplo;
- Ter pânico de vírus e worms;
- Levar calote – pelo menos uma vez na vida;
- Trabalhar de madrugada, sem hora extra cobrada em dobro;
- Beber água ou tomar um café mecanicamente pensando numa frase emperrada;

- Aceitar projetos com entrega para o mesmo dia, mesmo que na sua carta de apresentação esteja escrito “no project overlapping”;
- Adorar o clima de mistério quando diz para alguém: “não posso falar sobre o assunto porque assinei um termo de confidencialidade”;
- Poder tirar férias quando quiser – afinal é só levar o laptop junto;
- Achar a sua profissão o máximo;
- Achar-se o máximo!



Unidade A

Alguns elementos, concepções e
teorizações sobre a tradução



1 Elementos constitutivos das teorias de tradução

Neste capítulo, vamos abordar alguns elementos que integram as teorias de tradução, no sentido de constituírem questões sobre a prática tradutória, algumas consideravelmente polêmicas até e fortemente arraigadas nas concepções mais tradicionais. Essas questões problematizam a prática e mantêm vivos os debates sobre a complexidade e a fascinante experiência que representa o ato de traduzir.

Diferentemente do que podem pensar leigos ou “tradutores aventureiros”, que traduzem para amigos ou conhecidos pelo simples fato de dominarem, razoavelmente, o português brasileiro e a língua estrangeira, traduzir não é assim simplesmente transpor um texto de uma língua para outra. Traduzir não se faz por fazer, se faz por algum motivo e envolve também uma série de questões de ordem teórico-prática a serem consideradas pelo, então, tradutor. Dentre essas, abordamos aqui os seguintes itens, por serem não só recorrentes em muitas teorias, mas também decisivos na prática efetiva:

- equivalência;
- fidelidade;
- (in)visibilidade do tradutor;
- competência tradutória; e
- o que é “tradução”, afinal.

Esses conceitos serão abordados neste livro especialmente sob a ótica de Christiane Nord, Lawrence Venuti e Antoine Berman, sem, no entanto, desprezar comentários de outros teóricos que sejam relevantes para contrastes e comparações. Alguns desses elementos foram abordados, de forma breve, no primeiro livro do nosso curso, como as questões da equivalência e da competência e o conceito de tradução. Portanto, a qualquer momento você poderá recorrer ao que já foi abordado como forma de auxiliá-lo quanto à compreensão dos tópicos que vamos trabalhar agora, sem se esquecer de que esses elementos são apenas alguns

dos tantos outros que constituem as teorizações e que, por razões de espaço, não serão estudados.

Então, mãos à obra.

1.1 A problemática da equivalência

But, you know, sometimes words have two meanings. (“Starway to Heaven”, Jimmy Page)

Jimmy Page estava correto ao dizer que as palavras, às vezes, carregam dois significados; esse é um fato bastante comum para quem traduz, ainda que não se dê conta disso, pois tem a ver com as polêmicas discussões sobre a busca pela equivalência. Essa problemática é apresentada de forma restrita, visto que existem abordagens muito diversas e que não teríamos condições de tempo e espaço para abordar cada uma de forma mais aprofundada. Entretanto, temos o cuidado de apontar o espaço teórico de onde os conceitos são tratados para que você possa refletir sobre essa questão.

Fazer equivaler alguma coisa na escrita é, em um primeiro momento, repetir algo já dito da mesma maneira, de forma a preservar a estrutura originalmente concebida. É quase como se estivéssemos transcrevendo algum conceito entre aspas, como se faz no jornalismo quando se usa o discurso direto para reportar a opinião de alguém durante uma reportagem. Em outras palavras, fazer equivaler é não mudar, não alterar nada do que foi expresso pelo autor.

Agora pense nesse conceito aplicado à tradução, mais especificamente, aos *sistemas* lingüísticos – nossa matéria-prima – que precisam se comunicar, mas que não são os mesmos, nem lingüística e nem culturalmente falando. Sim, porque, se partimos do princípio de que não há diferenças entre as línguas em nenhum nível (frasal, cultural e estrutural), entendemos que a equivalência lingüística é possível, conseqüentemente, não haveria necessidade, então, de traduções porque nos entendemos e compartilhamos das mesmas formas de pensar e agir sobre o mundo. Certo? Questionável, pois, para podermos seguir com nossas discussões, devemos entrar em um consenso: língua e cultura são indis-

Quando nos referimos a “sistemas”, não estamos nos referindo diretamente a correntes lingüísticas que vêem a língua como um sistema, um código imutável, mas tão simplesmente nos referimos à organização interna das línguas.

sociáveis, existindo tantas línguas quantas culturas e todas com modos de vida, de pensar e de representar o mundo completamente distintos.



Mas então como podemos buscar a equivalência? Bem, a primeira questão é reconhecer que a equivalência assume diferentes contornos (CATFORD, 1965; NIDA, 1969; REISS, 1971) dependendo do ponto de vista teórico sob o qual é abordada e que, em cada um desses, busca compreender a relação TF (texto-fonte) e TT (texto traduzido) sob um ponto de vista distinto: em nível textual, frasal, cultural e funcional. Você pode notar isso facilmente ao resgatar alguns momentos da *história da tradução*. Werner Koller (1989), por exemplo, cita cinco níveis nos quais a equivalência é possível: 1) *equivalência denotativa* (contexto extralingüístico); 2) *equivalência conotativa* (escolhas lexicais, também chamada equivalência estilística); 3) *equivalência texto-normativa* (comportamento e normas de certos tipos de textos); 4) *equivalência pragmática ou normativa* (voltada ao receptor); e 5) *equivalência formal* (forma e estética do texto).

Ver Livro 1, Cap. 3 da Unidade B: Alguns caminhos e teorias, p. 50.

Quando os primeiros escritos, considerados traduções, surgiram entre os romanos, o conceito de equivalência aproximava-se da paráfrase e era tido como medida de originalidade. Não interessavam idéias novas, mas sim dizer de outra maneira aquilo que já havia sido dito, ou seja, prevalecia a idéia da equivalência formal, do conteúdo. Na Idade Média, a equivalência renovou o valor da idéia da fidelidade ao texto original e do resgate dos seus valores artísticos, reproduzindo, na língua de chegada, o sentido completo e a forma das sentenças expressas na língua-fonte. Lutero defendeu a tradução “sentido pelo sentido”, ou seja, a adaptação do que fora dito em língua-fonte para a língua de chegada. No século 19, Schleiermacher afirmava que a equivalência entre os textos era impossível, uma vez que considerava a tradução uma arte retórica; portanto, a literalidade da palavra, a sua correspondência exata de uma língua para outra, não existiria.

No século XX, Peter Newmark afirmou que a equivalência estaria no nível do efeito produzido no leitor, na recepção do texto. Sendo os leitores do TF e do TT pertencentes a culturas distintas, esses efeitos seriam potencialmente diferentes, o que resultaria numa equivalência apenas aparente, visto que os problemas relacionados às estratégias, à prática, ao conhecimento das línguas e ao contexto cultural permaneceriam os mesmos. Logo, o tradutor não poderia reproduzir no leitor do texto de chegada o mesmo efeito causado no leitor do TF, daí a equivalência aparente.

Note que as posições dos teóricos são cíclicas, isto é, ora se voltam ao TF, ora ao TT, de acordo com o momento histórico que a tradução representava. A necessidade de um vínculo ou uma hierarquia entre TF e TT parece encontrar justificativa no fato de que o leitor que pode ter acesso ao texto original é sempre mais privilegiado ou mais bem informado do que o leitor cujo acesso se dá somente à tradução, como se o valor desta fosse medido em termos de equivalência completa ao seu original.

Esse pressuposto reforça o que Rosemary Arrojo (1993, p. 75) chama de logocentrismo, isto é, a idéia de que o TT é apenas mera reprodução de um original resultante da criatividade do autor do TF. Arrojo questiona, no entanto, essa aura intocável do original como depositário de significados estáveis e mumificados do autor, afirmando que, “se a

tradução não consegue reproduzir plenamente a totalidade do original, segundo a tradução logocêntrica, é porque não existe plenitude no texto, portanto no ‘original’”. O questionamento da institucionalização dessa superioridade TF sobre TT também está presente nas reflexões de Antoine Berman ao afirmar que o estranho ou o estrangeiro pode ser encontrado tanto no original quanto na tradução; afinal, conforme Rosa Maria Olher (2007): “um francês, por exemplo, nunca lerá um texto literário em inglês da mesma forma que um inglês o lê”.



Mary Snell-Hornby (1986, p. 13-16; 1988, p. 13-22) em trecho de um artigo sobre equivalência aponta que os próprios termos utilizados em inglês e alemão, por exemplo, não são equivalentes entre si: *equivalence* e *Äquivalenz*; segundo a autora, *equivalence* é empregado desde 1460 no sentido comum e corriqueiro de “virtualmente a mesma coisa”, “de mesma significação”. Já *Äquivalenz* é estritamente *científico*, derivado da matemática ou da lógica formal, ou de ambas. Nesse sentido, a língua poderia ser equiparada com a realização concreta de um texto cujo sistema lingüístico ofereceria “equivalentes potenciais” dos quais o tradutor apenas selecionaria o “equivalente ótimo” para a realização da sua tradução. Entretanto, ao se perceber a tradução como sendo mais do

Note que isto também se aplica ao termo técnico do inglês *equivalence*, tanto quanto na matemática, e também como um termo lingüístico da gramática transformacional chomskyana.

que uma mera seqüência de palavras, o sentido de “unidade tradutória”, antes identificado com uma frase ou expressão idiomática, por exemplo, evoluiu para o texto, num sentido mais completo. O que muda nessas considerações é o foco: do item lexical, isolado em um sistema de língua, para o texto em sentido completo, ancorado no ato tradutório.

Segundo Hans Vermeer (1996) e Katherine Reiss (1983), equivalência está ancorada no skopos da tradução. O conceito de skopos é, para os autores, o princípio dominante da tradução, a sua finalidade, o propósito, o qual determina as diferentes estratégias tradutórias possíveis para um mesmo texto. O valor do TT se destaca, assim, por sua adequação aos leitores finais, ou seja, pela seleção apropriada de signos lingüísticos nos planos sintático, semântico e também pragmático em relação às características dos leitores aos quais se dirige. Nesse sentido, a equivalência se define, de modo satisfatório e englobando todos os conceitos já defendidos por outros autores, considerando-se as condições e a situação de produção do TT. Se, no entanto, você pensou em “equivalência textual”, tenha cuidado, porque essa relação não fica restrita ao campo textual somente, mas se abre para o campo cultural e situacional, respeitando-se as situações de produção e de recepção do TF e do TT que nem sempre são as mesmas.

Foi o ponto fraco do guerreiro Aquiles. Depois de ser atingido no calcanhar, Aquiles perde suas forças e acaba sucumbindo



Dessa forma, você pode dizer que existem alguns critérios determinantes para essa condição de equivalência, entre eles: a figura do *tradutor*, a sua compreensão do TF e a sua competência tradutória; o *skopos* ou a *função* tanto do TF quanto do TT; o *produtor-autor* (emissor) que inicia o processo de comunicação com os leitores do TF; o *contexto* que engloba uma diversidade de fatores como tempo e lugar da verbalização, sendo os do TF diferentes dos do TT em maior ou menor grau; e, também, o *contexto sociocultural* que influi diretamente sobre o uso da língua e os conhecimentos prévios que se supõe ter o leitor final sobre o assunto tratado no TF.

Se você pensou na metáfora do “*calcanhar-de-aquiles*”, acertou, pois essa é a imagem que a equivalência exerce sobre o ato tradutório. Se a sua finalidade não é bem definida, então os termos em que se busca a equivalência também não o são. Com certeza você irá se deparar com casos em que a equivalência terá e poderá ser total ou em que o efeito sobre

o leitor final será a medida para o seu trabalho. Portanto, procure sempre deixar claro o ponto de vista teórico a partir do qual você argumenta, bem como o skopos do seu trabalho, pois, supondo que os textos recebam uma função comunicativa distinta, esse fator por si só já pode direcionar uma equivalência em termos parciais e não gerais entre os textos.

1.1.1 Um exemplo en Español

Buscando ilustrar a questão sobre a equivalência, reproduzimos a seguir um trecho do trabalho de Christiane Nord (1991), no qual a autora comenta a questão do ponto de vista do funcionalismo, campo teórico afim de Reiss e Vermeer. Segundo Nord, o conceito de base funcionalista é amplo o suficiente para abordar o problema das variedades lingüísticas, inclusive dentro do próprio idioma.

No obstante, el profesor Francisco Salvador, prestigioso especialista en variedades del español, señala que no contemplar la multiplicidad de variedades del español puede alejar o distorsionar el acto comunicativo (1993: 674). **Si atendemos al concepto de cultura meta (y no así al de lengua), una traducción dará lugar a distintas versiones finales,** que se presentarán justificadamente diferentes y garantes del concepto de equivalencia entendido como igualdad en la eficacia. El hecho de compartir una lengua no implica compartir todo lo que la rodea o circunscribe. Las costumbres, el clima, la situación geográfica, su situación económico-política, etc. inciden directamente en el lenguaje, lo moldean y adaptan, personalizándolo y dando lugar a su propia idiosincrasia. Es cuando el lenguaje se muestra más vivo que nunca, respondiendo a las necesidades de los que lo usan, generando nuevos vocablos o aportando nuevos conceptos a los ya existentes. **Esa muestra de lengua viva que supone la existencia de variedades en español no debe ser un inconveniente para la traducción** en sus dos vertientes: teórica y práctica. Por el contrario, **debe servir de muestra de respeto hacia la pluralidad, circunstancia que inevitablemente abandera la traducción al hundir sus raíces en la diversidad lingüística y cultural.** En este sentido, queremos mencionar la labor de la Real Academia Española de la Lengua que, si bien tiene aún mucho camino por recorrer, inició su andadura con la creación desde 1871 de sus correspondientes en los países de habla hispana y sus academias asociadas en Norteamérica, Argentina y Uruguay. En el preámbulo de su vigésima primera edición se dice textualmente:

Os grifos são da autora.

La Real Academia Española ha querido contribuir a la celebración del V Centenario del descubrimiento de América publicando una nueva edición... de su DICCIONARIO usual... Ha solicitado insistentemente la Academia la cooperación de sus hermanas correspondientes y asociadas para dar mayor cabida... a las peculiaridades léxicas y semánticas vigentes en cada país. Gracias a tal colaboración ha sido posible revisar y enriquecer en la presente edición el contingente americano y filipino. Constituye, sin duda, un paso importante en el reconocimiento de la idiosincrasia lingüística y cultural de más de trescientos millones de personas unidos por un mismo idioma.

Tomemos algunos ejemplos:

Agenciero: adj. Guat. y Perú agencioso. // 2. Cuba y Méj. Agente de mudanzas. // 3. Argent. Lotero. // 4. Vulg. Chile. Prestamista, prendero.

Aguaje: m. aguadero, sitio donde suelen beber los animales silvestres. // 2. Col., Ecuad., Guat. y Nicar. Aguacero. // 3. Chile y Perú. Variación de color de las aguas marinas, por razones diversas. // 4. Fig. Sto. Dom. YVenez. Alarde, aspaviento. Hizo un AGUAJE y se fue. // 5. Sto. Dom. Mentira, afirmación falsa que se dice para impresionar. // 6. Perú. Palmácea de fruto comestible, que crece en los pantanos de la selva amazónica.

Aguamiel: f. Agua mezclada con alguna porción de miel. // 2. Amér. La preparada con caña de azúcar o papelón. // 3. Méj. Jugo del maguey, que, fermentado, produce el pulque.

Apendejarse: prnl. Col., Pan. y Sto. Dom. Hacerse bobo, estúpido. // 2. Cuba, Nicar. y Sto. Dom. Acobardarse.

Apensionar: tr. desus. Pensionar, imponer algún gravamen o pensión. // 2. prnl. Col., Chile, Méj. y Perú. Entristecerse, apesadumbrarse.

Cariño: m. inclinación de amor o buen afecto que se siente hacia una persona o cosa. // 2. Por ext. Manifestación de dicho sentimiento. // 3. Añoranza, nostalgia. // 4. Esmero, afición con que se hace una labor o se trata una cosa. // 5. Col. C. Rica, Chile y Nicar. Regalo, obsequio.

Dragonear: intr. Amér. Ejercer un cargo sin tener título para ello. DRAGONEA de médico, de comisario. // 2. Amér. Hacer alarde, presumir de algo. // 3. Tr. desus. Argent. y Urug. Enamorar, cortejar, requebrar.

Droga: Nombre genérico de ciertas sustancias minerales, vegetales o animales, que se emplean en la medicina, en la industria o en las bellas artes. // 2. Sustancia o preparado medicamentoso de efecto estimulante, deprimente, narcótico o alucinógeno. // 3. Medicamento. // 4. Desus. Fig. embuste, ardid, engaño. Ú. En Argentina. // 5. Fig. Col. y Ecuad. Persona o cosa que desagrade o molesta. // 6. Canarias, Navarra, Méj. y Amér. Merid. Deuda, a veces la que no se piensa pagar.

Tiznado: p.p. de tizar (manchar de tizne, hollín u otra materia semejante). // 2. Adj. Amér. Central. Borracho, ebrio.

Estos términos, escogidos al azar, muestran la existencia de las variedades lingüísticas que venimos defendiendo y, al mismo tiempo, ponen de manifiesto la importancia de contemplar la diversidad de significado si se quiere garantizar la eficacia comunicativa de cualquier lengua.

Aproveite esse exemplo para propor a si mesmo uma reflexão sobre o que você considera importante, afinal, para uma tradução. Ser fiel ao texto-fonte? Ser fiel ao leitor final? Procurar equivalentes sintáticos e lexicais o máximo possível? Aproveitar referências da cultura de chegada para fazer equivaler um trecho mais próximo da cultura-fonte? Essas e outras questões, que ainda serão estudadas por você, atuam diretamente sobre a prática tradutória, merecendo sempre muito cuidado e atenção com a qualidade e os objetivos do nosso trabalho como tradutores.

1.2 A questão da fidelidade

As discussões acerca da problemática da equivalência para a tradução nos levam a outra questão, igualmente, de confronto: a questão da fidelidade. A oposição “livre x literal”; “fidelidade à letra x fidelidade ao sentido”, permeia debates acirrados sobre os valores que cercam o TF e o TT, na esteira dos debates sobre equivalência. A *literalidade*, ou a tradução “palavra por palavra”, é por vezes compreendida por meio da tradução de unidades menores do texto, revelando-se mais difícil de ser alcançada quanto mais extensas forem essas unidades lingüísticas.

Atenção: você verá que o conceito de “literalidade” de Antoine Berman difere deste.

Na área do jornalismo, por exemplo, a literalidade pode ser comparada com a pretensa objetividade jornalística, ou seja, a representação fiel do fato noticioso por meio de um relato isento, imparcial, sem que opiniões pessoais do jornalista interfiram ou transpareçam nessa representação. Por extensão, assim, também deveria ser o tradutor ao produzir a tradução (o seu fato noticioso) de forma totalmente imparcial, isenta, sem vistas ao leitor final.

Essa fidelidade foi, a exemplo da equivalência, tida como medida para avaliar a qualidade das traduções ao longo da sua história. *Para você lembrar*, na Idade Média o ideal tradutório era transmitir a *idéia* do texto original (o seu conteúdo) e não os seus valores artísticos que, por sua vez, era o ideal durante o período renascentista. Já no século XVIII Alexander Tytler defendia a idéia de que uma boa tradução era transparente ao leitor, ou seja, o leitor deveria compreendê-la como uma tradução de fato, isto é, um produto que não o seu original. Você deve se lembrar dos *princípios tradutórios* defendidos por Tytler, exímio tradutor literário: reprodução das idéias (lealdade ao conteúdo), do estilo (lealdade à forma) e da fluidez do texto original.

Ver Livro 1, Cap.2 da
Unidade B: Alguns caminhos
e teorias, p. 44.

Por outro lado, é Friedrich Schleiermacher (1813) que propõe dois famosos métodos de tradução: 1º) *levar o leitor para o autor*, ou seja, um ideal de “estrangeirização” priorizando o TF e as marcas da língua e da cultura de partida; e 2º) *levar o autor para o leitor*, ou “domesticação”, isto é, traduzir como se o texto já tivesse sido escrito na língua de chegada, apagando as marcas da língua e da cultura estrangeiras e optando por escolhas familiares ao leitor da tradução.

À luz da concepção funcionalista, a fidelidade é abordada por meio do leitor final e das relações interculturais com o texto-fonte e o traduzido coexistindo na prática tradutória, em vez de se posicionarem como elementos opostos. Nesse sentido, o ato de traduzir palavra por palavra (*word for word*), segundo Nord (1991, p. 22), pode tornar o texto *muito fiel* (*too faithful*), ao reproduzir precisamente todas as características do TF, ou *muito livre* (*too free*), devido a adaptações ou paráfrases inaceitáveis para contornar obstáculos provenientes de diferenças culturais.

Pelo fato de a tradução ser um processo dinâmico, “Nord define o conceito de *Loyalität*, ou *lealdade ao destinatário* e o diferencia do que chama de *Treue* ou *fidelidade ao texto fonte*” (ZIPSER, 2002), sendo concretizado por ocasião da recepção do texto pelo destinatário. A lealdade se coloca em termos da *intenção* do autor condizente com uma leitura aceitável, referente às expectativas da cultura de chegada (NORD, 1997b). Em capítulo publicado no livro *The Translator* (PYM, 2001), Nord comenta sobre a *Loyalität*:

A lealdade é compreendida como um conceito ético que governa a responsabilidade do tradutor em relação aos seus parceiros, dentro da atividade cooperativa da tradução, além da ‘fidelidade’ como uma relação entre textos. [...] estes conceitos se tornam conceitos-chave nos casos em que há um grande abismo entre as culturas fonte e alvo, especialmente quando os receptores (leitores) têm as suas próprias ‘teorias subjetivas’ sobre o papel ideal do tradutor [...] neste contexto, a lealdade pode ser alcançada ao tornar explícitas as estratégias de tradução em um prefácio, ou adotando-se escolhas bem definidas em pontos do TF em que haja ambigüidade, [...] lealdade às intenções do autor do TF (NORD *apud* PYM, 2001: 160).

Em razão de o leitor do TT depender da *funcionalidade* para deduzir a intenção do autor, cabe ao tradutor manter um determinado grau de *lealdade* para com ele [autor], ao contrário da fidelidade única às estruturas internas do texto. Fica evidente, assim, a importância da figura do tradutor, pelo fato de ter que gerenciar uma série de variáveis, externas e internas ao texto, com os olhos sempre voltados ao leitor, dentro do contexto de recepção da cultura de chegada. Nesse sentido, a literalidade cede lugar a uma tarefa um pouco mais significativa: *a comunicação entre as culturas envolvidas*.

Conforme nos diz Azenha (1999, p. 40), o tradutor também acaba projetando sobre o texto uma visão “subjetiva, situacional e culturalmente marcada, e estabelece as relações que identificam a sua leitura”. A partir disso e considerando objetivo, condições de trabalho e parâmetros da cultura de chegada, o tradutor estabelece estratégias que possibilitem “*a reconstrução de uma rede de relações*” também para os leitores na língua no contexto de chegada.

Loyalität: lê-se: Loialité, com /t/ mudo, e Tróie, com /r/ semelhante a carro.

Loyalty is understood as an ethical concept governing translators’ responsibility to their partners in the cooperative activity of translation, beyond ‘fidelity’ as a relation between texts. [...] These concepts become key in cases where there is a wide gap between the source and target cultures, especially when receivers have their own ‘subjective theories’ about the ideal role of the translator. [...] In such a context, loyalty can be achieved by making the translation strategies explicit in a preface, by adopting clear choices at points of source-text ambiguity, [...] loyalty to the source-text author’s intentions.

Reveja a epígrafe de Lia Wyler no início de nossa conversa.

Essa prática, quase automática para os tradutores profissionais, revela-se interessante para *treinar* profissionais tradutores a observar e lidar com essa riqueza de variáveis sempre buscando um texto que seja significativo em termos das expectativas dos leitores da língua de chegada. Se você deseja uma associação, pense na literalidade não em termos de fidelidade ao texto fechado em si mesmo, mas em relação ao leitor que completa o texto quando o lê. Mas, dentre os elementos que constituem as teorias tradutórias, existe outro que, da mesma maneira, provoca discussões: o tradutor.

1.3 A (im)possibilidade da (in)visibilidade do tradutor

Nem só questões mais pontualmente textuais (equivalência, fidelidade e literalidade), mas também operacionais provocam discussões entre as diversas teorias de tradução. Outro aspecto relevante para discussões envolve a figura do tradutor e o seu “apagamento” (levar o autor ao leitor) ou a sua “total visibilidade” (levar o leitor ao autor), para lembrarmos Venuti e Schleiermacher.

A (in)visibilidade do tradutor é uma discussão proposta por Lawrence Venuti (2002), em seu livro *Escândalos da tradução*, estando diretamente ligada a questões sobre o papel do tradutor, da autoria na tradução, dos erros ou das distorções nos aspectos culturais, econômicos e políticos da obra traduzida e de seu contexto de origem, e até sobre o papel das editoras. Para Venuti, a tradução “é estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pela lei dos direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas”. Infelizmente o autor nos leva a uma realidade muito próxima do que é ser tradutor e do *status* marginal que a profissão e também a área acadêmica ocupam.

Venuti discute a questão do apagamento do tradutor por meio da domesticação ou da busca pela “fluidez” para o texto traduzido. Isso significa que o TT não deve deixar a impressão, para o receptor, de que é uma tradução, como se tivesse sido escrito na língua de chegada, na

língua do leitor. Assim o leitor não percebe que está lendo um texto produzido numa cultura diferente. Nesse sentido, o tradutor é invisível, ou seja, nulo, e isso é considerado por muitas editoras como sendo uma habilidade (ou competência) do tradutor em defesa da “boa compreensão” do texto. Porém, não é difícil encontrar tradutores que assinam contratos com editoras em que está explícito alguma coisa como “contrato de cessão de direitos autorais”, forçando essa invisibilidade. No contrato, a editora normalmente se compromete pelo texto e pela revisão e, no caso de haver alguma falha de tradução, essa falha é publicada e a responsabilidade recai sobre o tradutor e não sobre a editora, situação em que o tradutor se torna “visível” apenas pelo erro.

Mas até que ponto a invisibilidade pode ser considerada uma habilidade do tradutor? Existem situações em que ser invisível é parte do propósito da tradução, como no caso dos tradutores juramentados, documentos jurídicos que possuem um padrão específico e que é preciso ser observado na prática. Se antes, no entanto, a habilidade de um bom tradutor literário era proporcional à sua capacidade de reproduzir o estilo do TF, apagando qualquer outra intervenção sua no TT, hoje muitos se consideram praticamente co-autores, são totalmente visíveis, aparecem nas capas dos livros ao lado dos autores e propõem a tradução como recriação de estilo, a partir da informação estética do TF, de modo a se tornarem completamente visíveis ao leitor.

Há uma tendência geral, segundo Venuti, em se associar as boas traduções àquelas que não são percebidas como tal, ou seja, nas quais o tradutor é invisível, não deixa sua marca. Entretanto, vertentes mais contemporâneas demonstram que os conceitos de fidelidade e invisibilidade estão se distanciando cada vez mais dessa visão essencialista que prega a fidelidade ao TF e à conseqüente invisibilidade do tradutor. Venuti questiona a visão essencialista dizendo que a visibilidade/interferência do tradutor não é só fundamental, como também inevitável. Isso nos leva a entender que a fidelidade ao TF não estaria, portanto, no apagamento das marcas de tradução, mas no sentido geral do TF, isto é, na intenção do autor. Segundo Nord (1991), os contextos de produção e recepção do TF não são os mesmos para o TT se tomarmos a tradução como uma ação comunicativa e que não

Existem situações, no entanto, em que ser “invisível” não assume o mesmo valor, como no caso das traduções juramentadas. Nessas, o tradutor é normalmente bastante presente, pois o leitor recebe o documento com todas as estranhezas possíveis de outra cultura, mas na sua própria língua. Assim, uma carteira de motorista, por exemplo, não é “transferida” ao modelo-padrão do leitor-alvo, mas sim mantida em seu formato original, o mesmo valendo para outros documentos de valor legal, tais como petições, pedidos de divórcio ou contratos, em que é necessário manter-se fiel ao teor do texto original. Se você quiser saber mais sobre traduções juramentadas, sugerimos a leitura da tese de Lucia Nascimento, da UFSC, de 2006. Veja mais nas Referências.

é padronizada devido às diversidades culturais envolvidas nos processos de recepção do texto original e de sua tradução. Além disso, nota-se também a falta de união entre os próprios profissionais da área, visto que muitos defendem a visibilidade para sair desse “segundo plano”.

É evidente que ser “fiel” e “invisível” eram os objetivos maiores do tradutor na Antigüidade para ser considerado como um “bom tradutor”, e o objetivo maior do ato tradutório era a “reprodução” do TF em outra língua, conforme Tytler (1791), Nida (1964) ou Catford (1965). Entretanto, os conceitos de “fidelidade” e “invisibilidade” vêm sendo rediscutidos por tendências teóricas mais modernas e acarretando mudanças também para o conceito de tradução e o papel do tradutor. Francis Henrik Aubert (1994, p. 75) destaca que não pode haver fidelidade ao que é inacessível na tradução, ou seja, a mensagem do autor do TF, e que, portanto, a mensagem efetiva é aquela que o tradutor apreendeu como receptor do texto original, por meio de uma experiência individual, única e que não tem possibilidade de ser reproduzida nem mesmo pelo tradutor-receptor. Veja que, nesse sentido, não há mais espaço para a visão do tradutor como “transportador” de significados estáveis. Rosemary Arrojo (2000, p. 40-44) também afirma que:

é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido [...] O autor passa a ser, portanto, mais um elemento que utilizamos para construir uma interpretação coerente do texto. [...] O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. [...] Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e suas intenções. [...] Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que considerarmos ser o texto original, àquilo que considerarmos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será [...] sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.



Essa redefinição do conceito de fidelidade faz do tradutor um agente, inevitavelmente, visível. Sua interferência no texto ocorre por ser visto como um sujeito que está inserido num determinado contexto cultural, ideológico, político e psicológico e que não pode ser ignorado ou eliminado durante a tradução, postura defendida por Venuti.

Alguns autores como Wolfram Wilss (1996, p. 15) defendem a idéia de uma tradução como “manipulação” justamente por essa interferência direta do tradutor. Permitimo-nos, aqui, aproveitar a questão proposta por Wilss para provocar em você uma reflexão: manipular nos sugere a idéia de controle, dominação do texto, no caso, segundo interesses pessoais, ou seja, nossos interesses como tradutores. Mas, afinal, que interesses seriam esses? Pensar a tradução com vistas ao leitor final e à sua cultura? Pensar a questão da necessidade eventual da fidelidade ou da mudança em algum nível do texto original? Manter-nos invisíveis porque assim conseguiremos mostrar a nossa verdadeira habilidade como tradutores ou fazer uso de estrangeirismos de modo a dar mais sentido ao texto traduzido? Se existe alguma manipulação, como ela deve ser entendida? Em que nível? Baseada em que aspecto? Lembre-se de que não há sentido em traduzir um texto se ele não for lido por alguém, num determinado tempo, local e cultura. Conforme Wilss (1996, p. 76), a tradução é “uma rede muito delicada de fatores pessoais, textuais, sócio-culturais, históricos e mentais”.

1.4 O fator da competência tradutória

Na introdução do livro *Competência em tradução: cognição e discurso*, os organizadores Célia Magalhães et al. (2005) da UFMG afirmam que a noção de competência na lingüística aplicada e nos estudos da tradução carece de unanimidade no contexto acadêmico justamente em função da complexidade retratada pela diversidade de enfoques que buscam examinar esse fenômeno. As abordagens vão desde a perspectiva do conhecimento inato até a percepção em termos de desempenho.

Gonçalvez (apud PAGANO, 2005, p. 59) afirma que, ao ter incorporado diferentes orientações epistemológicas, os estudos da tradução também divergem em relação à conceituação e à abrangência do que seja competência tradutória ou competência do tradutor. Nós aqui não temos a intenção de abordar o termo de modo tão preciso até porque nos interessa passar a você, nosso(a) aluno(a), a idéia de *competência*

O termo competência foi primeiramente abordado por Chomsky (1965), que diferenciou competência e desempenho, estando a primeira relacionada à prontidão para aquisição lingüística e a segundo, à aplicação externa dessa prontidão, uma espécie de resultado da primeira. A competência é também abordada pela Teoria dos Atos de Fala e pela Teoria da Relevância.

em tradução como um fenômeno diferenciado das atitudes ditas leigas para com a área, ou seja, como fenômeno oposto à noção de que, para traduzir um texto qualquer em língua estrangeira, basta o conhecimento razoável do nosso idioma nativo, o português, por exemplo, e da língua estrangeira na qual o texto é escrito. Compartilhamos a opinião de Gonçalvez na visão da competência como uma rotina comportamental para o tradutor/aluno tanto de ordem prática como teórica.

Amparo Hurtado (apud PAGANO, 2005, p. 19), pesquisadora da Universidade Autônoma de Barcelona, afirma que, “embora qualquer falante bilíngüe possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngüe possui competência tradutória”. Concordamos com a autora visto que aqueles que não estão diretamente envolvidos nas questões tradutórias tomam a tradução como uma tarefa comum ou algo que se faz por fazer; em outras palavras “traduzir não é assim tão difícil”. Realmente difícil pode não ser, mas simples também não o é; isso que vimos tentando demonstrar desde o primeiro livro e, em especial, neste primeiro capítulo, chamando a sua atenção para todos os elementos envolvidos nas teorias de tradução.

Embora a questão da competência não esteja visivelmente presente nas discussões teóricas, na verdade falta um aparato teórico mais articulado como afirma também Wilss (1997, p. 85). Essa é uma questão latente quando se trata do papel do tradutor, por exemplo, ou mesmo dos vários conceitos existentes sobre tradução, das estratégias tradutórias, da didática da tradução. O certo é que, imbricado na questão da competência, temos o *conhecimento* (ALBIR apud PAGANO, 2005, p. 21; ANDERSON, 1983; WILSS, 1997, p. 94) dividido em *declarativo* (saber o quê?) e *procedimental* (saber como), ou seja, a união de teoria e prática que muitos tradutores profissionais não aceitam, acreditando que a sensibilidade e as leituras são o que realmente conta.

Bem, embora a prática seja, sem dúvida, essencial a qualquer tradutor, o conhecimento teórico também contribui para ampliar horizontes e refletir sobre a nossa postura individual. Podemos dizer que a competência tradutória envolve, a partir dessa perspectiva, o conhecimento do contexto do trabalho: ferramentas (das estratégias aos recursos computacionais) e gerenciamento das etapas de tradução (leitura do texto e/ou textos paralelos, conhecimento das convenções de gênero, organização de um banco de dados de termos específicos, dicionários específicos, além de todos os elementos que estamos discutindo).

- O conhecimento do contexto do trabalho: ferramentas (das estratégias aos recursos computacionais).
- O gerenciamento das etapas de tradução (leitura do texto e/ou textos paralelos, conhecimento das convenções de gênero, organização de um banco de dados de termos específicos, dicionários específicos).

Baker (1992, p. 2) também discute o valor da teoria para dar segurança ao profissional e ao aluno quanto às decisões que devem tomar, minimizando riscos de falsas interpretações, além de fornecer bases para que o campo de estudo se desenvolva.

Wilss (1997, p. 88), assim como Baker (1992, p. 12), afirma que a competência tradutória estende-se, principalmente, para o conhecimen-

to da língua (*language awareness*) e a sensibilidade quanto ao seu uso. Nesse sentido, a criatividade do tradutor é um elemento importante. Segundo Wilss (1997, p. 90), não há fórmula para defini-la, mas ela tem a ver com o conhecimento acumulado do tradutor, com a combinação de estratégias textuais relevantes, com o conhecimento de campos semânticos (BAKER, 1992, p. 18-19) que possibilitem trabalhar em situações de não-equivalência, ou seja, quando não há como encontrar equivalentes lexicais ou sintáticos na língua-alvo e com a intuição ou a habilidade de produzir soluções espontaneamente de acordo com as exigências situacionais. Outro elemento ressaltado por Wilss é o conhecimento do contexto e da cultura a fim de compreender a situação de produção e as expectativas do leitor do TF, podendo então reproduzir a intenção do autor de forma adequada para os leitores da língua-alvo.

Assim como um arquiteto ou um decorador definem um projeto de acordo com características específicas do seu cliente ou como os médicos prescrevem remédios específicos para cada paciente, o tradutor também deve considerar cada texto como único, visto que carrega intenções específicas que demandam, igualmente, traduções cuidadosas.

1.5 Mas, afinal, o que é tradução?

Você se lembra do que dissemos na introdução deste capítulo? Os elementos constitutivos das teorias de tradução estão, muitas vezes, arraigados em concepções mais clássicas nas quais predomina certa relação hierárquica entre TF e TT, e são esses elementos que demonstram o processo de tradução como sendo muito mais complexo do que pode parecer para quem o olha “de fora”. Dissemos também que a tradução está inserida em um contexto histórico-social e, portanto, seu conceito e sua prática variam conforme o período e a sociedade em que se desenvolve. Esse conceito será abordado, no entanto, de forma mais detalhada no próximo livro do nosso curso; portanto, vamos nos limitar somente a alguns cotejamentos.

Na primeira parte do livro “Introdução aos estudos da tradução”, nós pedimos a você que pensasse no seu próprio conceito/definição sobre a

palavra “tradução”. Procure relembrar o que você escreveu naquele início do curso e compare a sua visão com a de alguns autores que pensam e teorizam a tradução, agora que você já domina um pouco mais o assunto.

Dentro de uma concepção leiga, traduzir é fazer passar de uma língua para outra, ou seja, uma *transcodificação isenta* em que a transferência literal dos significados deve ser uma busca constante, conforme o que se via na Idade Média ou na perspectiva de Tytler.



Por outro lado, *o conceito de tradução* já foi visto, também, como reescritura do texto original, considerando-se o momento histórico, o local (São Jerônimo e a Vulgata), as experiências pessoais do tradutor com as línguas envolvidas, a cultura (Bruni, Vives) e o conhecimento prévio dos receptores na língua de chegada (Schleiermacher); como comunicação intercultural na qual o leitor em prospecção, ou seja, aquele que é previsto na elaboração do texto, bem como o *skopos* são o foco principal (Vermeer); como adaptação (Dollet); como manutenção ideológica (Spivak e Niranjana); como um texto independente, mas que também confere uma continuidade ao original (Benjamin); como processo interdisciplinar (Snell-Hornby), só para citar alguns exemplos. Essa prática ora envolve a manutenção da identidade, ora a eliminação de diferenças, por vezes mais próxima ou mais distante do autor ou do público receptor. A tendência que se pode notar ao longo do tempo

Ver Capítulo 2, *Um pouco de história*, Livro 1.

é a de que o conceito de tradução é cíclico, voltando-se a priorizar o TF ou o TT conforme as tendências teóricas em voga e, dessa maneira, propondo determinados itens (equivalência de sentido, adaptação, imitação, estilo, ação comunicativa, por exemplo) como medidas para se avaliar a qualidade das traduções.

Como você deve ter percebido, os conceitos e as definições acerca do que é, afinal, uma tradução têm apenas e, eventualmente, alguns pontos em comum, mas estão longe de se constituírem em uma unanimidade justamente pela diversidade do aparato teórico que constitui os estudos da tradução. O que parece ser aceito é a função maior que a tradução desempenha na disseminação do conhecimento. Portanto, mesmo sendo abordada de maneiras tão diversas, a tradução ainda traz consigo a responsabilidade maior da integração e da aproximação entre fronteiras. Embutido nas discussões sobre o conceito de tradução está presente outro elemento constitutivo dessa teorização: a questão da fidelidade textual. Porém, esse conceito será resgatado no Capítulo 2, quando abordarmos a teoria de Christiane Nord.

Resumo

Neste capítulo, você estudou a equivalência, a fidelidade e a (in)visibilidade do tradutor em relação à atividade tradutória e à questão da competência em tradução como elementos que integram as diversas teorias de tradução, provocando debates acalorados e também influenciando o próprio conceito de tradução ao longo da sua história.

Você pôde observar que a equivalência é um elemento polêmico e peculiar visto que pode estabelecer medidas para avaliação da tradução e também determinar as discussões infundáveis sobre a fidelidade ao TF ou ao TT. Lembramos que a equivalência pode ser determinada em vários níveis, tais como textual, sintático, semântico, pragmático e funcional. Este último, a nosso ver, é aquele que engloba todos os outros, visto como parte do princípio da função, do *skopos* da tradução, ou seja, da forma como o tradutor realiza o seu trabalho, influenciando diretamente na sua percepção do TF e nas estratégias para realizar a tradução. Já a questão da fidelidade fica definida em termos de estar mais próxima do

autor do TF ou do leitor do TT. Assim, é necessário que você pense o conceito de equivalência de uma forma mais ampla, isto é, para além de estruturas sintáticas ou elementos lexicais isolados.

Em relação às questões como literalidade *versus* fidelidade, (in)visibilidade do tradutor, bem como questão de sua competência tradutória, você pôde observar uma interligação entre eles, um provoca a discussão e o debate sobre o outro. A equivalência, por exemplo, pode nos direcionar para debates sobre a fidelidade ao autor do texto original (em termos de estilo e fidelidade à letra e ao sentido), o que, por sua vez, leva-nos a questionar a postura e a conseqüente competência do tradutor ao se fazer visível para o leitor (valorizando a tradução) ou invisível, deixando sobressair o autor do texto original, o que, para alguns teóricos, é uma virtude, visto que o tradutor soube “absorver” de tal modo o estilo do autor que é como se o TF tivesse sido escrito na língua de chegada. Lembramos, ainda, que a competência tradutória também está presente em outros níveis do processo, tais como o domínio das línguas e das culturas envolvidas, podendo influenciar em sutilezas de cunho semântico, a sensibilidade, o domínio de técnicas tradutórias e o conhecimento teórico. Nesse sentido, podemos afirmar que a idéia de que bastava o domínio da língua materna e do idioma estrangeiro para traduzir bem é bastante amadora, visto que são exatamente todos esses pormenores, estudados por você, que fazem do ato tradutório uma atividade tão rica e instigante.

Pense agora naquele conceito sobre tradução que você elaborou no início da leitura do nosso primeiro contato: mudou alguma coisa? Quais elementos você tendia a valorizar e quais os que você valoriza agora? A sua visão do processo tradutório mudou? Em que medida? Certamente se você reformulasse esse conceito, deveria considerar os pontos que você estudou até agora, pois um conceito de tradução, seja ele qual for, sempre tende a refletir a postura teórica e histórica do pesquisador. Por isso, todos os conceitos são corretos desde que sensíveis a esses e tantos outros aspectos envolvendo o que o jornal Folha de S.Paulo chamou uma vez de “a arte de quem ama a palavra” e tudo o que está ao redor dela.

Sugestões de leitura

ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. **O signo desconstruído. Implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. São Paulo: Campinas; Pontes, 1992.

AUBERT, Francis Henrik. **As (in)fidelidades da tradução. Servidões e autonomia do tradutor**. Campinas/SP: Unicamp, 1994.

BAKER, Mona. Lingüística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, Márcia A. P. **Tradução e multidisciplinaridade**. Puc/Rio: Lucerna, 1999.

_____. **In Other Words: A Coursebook on Translation**. London and New York: Routledge, 1992.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

HEIDERMANN, Werner (Org.). **Antologia bilíngüe: clássicos da teoria da tradução**. NUT-Núcleo de Tradução/UFSC, 2001.

LARANJEIRA, Mário. **Poética da tradução: do sentido à significância**. São Paulo: EDUSP, 2003.

NORD, Christane. **Functionalist Approaches Explained**. Manchester, UK: St Jerome Publishing, 1997.

SILVEIRA, Brenno. **A arte de traduzir**. São Paulo: Melhoramentos; UNESP, 2004.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Tradução de Laureano Pellegrin et al. Bauru: Edusc, 2002.

2 Diferentes concepções e teorizações

No primeiro livro do curso você conheceu algumas tendências teóricas que configuram os caminhos pelos quais a tradução tem sido pesquisada desde que deixou de ser apenas coadjuvante no ensino de línguas estrangeiras. Neste livro, resgatamos três teóricos que fizeram parte das nossas conversas iniciais – Berman, Venuti e Nord – e apresentamos um quarto teórico, Andrew Chesterman, que contribui com algumas técnicas tradutórias que podem ser úteis para os exercícios que faremos posteriormente. A escolha desses autores busca a conformidade com reflexões mais elaboradas sobre a tradução e também com a representatividade teórica que eles têm exercido ao longo da história recente dos estudos da tradução. Pelo fato de esses teóricos apresentarem pontos de vistas distintos em relação à tradução, você encontrará ao final de cada item um resumo específico para cada um.

Boa leitura!

2.1 Traduzindo o estrangeiro – a agenda política e cultural de Venuti

As pesquisas do teórico inglês *Lawrence Venuti* voltam-se às diferenças culturais e à interface entre a cultura-fonte e a cultura de chegada, ligando a ideologia e o discurso dominante às estratégias de tradução. Alguns dos temas discutidos pelo teórico relacionam-se a aspectos mencionados no capítulo anterior: a invisibilidade do tradutor, o seu papel na cultura anglo-americana e as estratégias chamadas por ele de “domesticação” e “estrangeirização”.

Venuti insiste que o escopo dos estudos da tradução deveria ser ampliado para levar em consideração a natureza do valor direcionado à moldura sociocultural. Nesse sentido, Venuti contesta o modelo des-

O teórico francês Antoine Berman segue uma linha de raciocínio semelhante à de Venuti, com a sua “analítica negativa”, que ataca a homogeneização da tradução de prosa literária.

Ver Livro 1, Cap. 2 da Unidade D: A década de 90, p. 78.

crítico científico de Toury, que pregava a produção de normas e leis de tradução livre de valor. Segundo o autor, “normas podem ser, num primeiro momento, lingüísticas ou literárias, mas também vão incluir uma ampla diversidade de valores, crenças e representações domésticas que carregam uma força ideológica ao servir os interesses de grupos específicos” (VENUTI, 1998, p. 29).

As agendas políticas e culturais discutidas referem-se aos governos e a outras instituições politicamente motivadas que, eventualmente, decidem censurar e/ou promover determinados trabalhos, e também a editores que escolhem os trabalhos e comissionam as traduções, pagam os tradutores e que, freqüentemente, ditam os métodos de tradução. Fazem parte ainda desse grupo agentes literários, bem como equipes de marketing, vendas e revisores cujos comentários indicam e até determinam como a tradução deve ser lida na cultura-alvo. Venuti discute ainda o fato de que cada um desses sujeitos age de acordo com agendas políticas e culturais dominantes do seu espaço e tempo. Onde ficam os tradutores nesse jogo? Segundo o autor, fazemos parte da cultura e podemos tanto aceitar quanto nos rebelar contra ela.

Nessa situação, a invisibilidade é produzida, segundo Venuti (1995, p. 1), pelos próprios tradutores quando tendem a traduzir fluentemente para uma língua estrangeira, produzindo um texto “aceitável” na cultura-alvo. Dessa maneira, cria-se uma “ilusão da transparência” pela forma como os textos são lidos na cultura-alvo. Nesse sentido, prosa, poesia e (não-)ficção são textos tidos como “aceitáveis” por editores, leitores e revisores quando são textos fluidos, sem peculiaridades lingüísticas ou estilísticas, dando a impressão de que realmente refletem a personalidade do autor estrangeiro, sua intenção e a essência do TF.

Sendo assim, um fator importante para você pensar é a concepção de *authorship*, ou seja, a questão de autoria do texto que faz com que a tradução adquira um *status* derivativo, de qualidade e importância secundárias. A domesticação e a estrangeirização seriam, então, estratégias para se traduzir de acordo com essas agendas políticas e culturais, responsáveis, em alguma medida, pelo apagamento do tradutor.



Ambas, entretanto, devem considerar o tipo de texto com o qual se está trabalhando e o método de tradução necessário, que encontra raízes no teórico alemão *Friedrich Schleiermacher*. Para Venuti, domesticar é o fator dominante na cultura anglo-americana, gerando questionamentos a respeito dos efeitos culturais dos diferenciais nas relações de poder entre colônias e ex-colônias, o que, nos termos de Schleiermacher se expressa nas duas formas de traduzir: “deixar o leitor em paz e levar o autor até ele”.

A *estrangeirização*, por sua vez, é a estratégia defendida por Schleiermacher e Venuti por levar o leitor até o autor, exercendo, assim, uma pressão desviante dos valores da cultura-alvo para os registros lingüísticos e culturais do texto original, colocando o leitor no ambiente do estrangeiro, sendo um método menos violento de tradução.

Por meio da estrangeirização seria, então, possível propor um discurso mais “variável e heterogêneo”, por exemplo, incluindo gírias mais modernas, a inclusão deliberada de estruturas lexicais e sintáticas, calques, coloquialismos modernos, para não só tornar o tradutor visível como também fazer com que o leitor leia a tradução como um trabalho de uma cultura estrangeira. No entanto, é interessante pensar que mesmo a estrangeirização depende de algum grau de domesticação porque a tradução depende de alguns valores da cultura-alvo para determinar quais elementos do estrangeiro vamos enfatizar. É inegá-

Ver Livro 1, Cap. 2, da Unidade B: Alguns caminhos e teorias, p. 44.

Ver Livro 1, Cap. 2 da Unidade D: A década de 90, p. 83.

vel, porém, conforme Munday (2001, p. 146), o fato de que ambas as estratégias lidam com a questão do quanto a tradução assimila do TF para a língua/cultura do texto de chegada e o quanto essa tradução sinaliza as diferenças do TF.

2.2 Tradução: albergue do longínquo – concepções de Antoine Berman

Tradutor de literatura hispano-americana e teórico da tradução, Antoine Berman (1942-1991) contribuiu para uma moderna teoria da tradução, partindo de um exaustivo estudo da história da tradução na *Alemanha*. Para ele, “a constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria *moderna* da tradução” (BERMAN, 2002, p. 12). A reconstituição histórica abriria o caminho para uma reorientação dos estudos sobre a tradução no Ocidente e, especialmente, na França. Grande parte de sua reflexão acerca das teorias tradutórias na Alemanha volta-se para uma contraposição em relação às teorias dominantes na França para, finalmente, propor uma nova abordagem neste país. “Este trabalho ‘histórico’ está, ele próprio, a serviço de um certo *combate cultural*, no qual devem se afirmar, ao mesmo tempo, a especificidade da tradução e a recusa de uma certa tradição literária moderna” (BERMAN, 2002, p. 43-44).

Ver BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Bauru: EDUSC, 2002.

Berman utiliza o termo “uma certa” com a idéia de relativizar, deixar claro que há mais de um tipo de combate cultural, mais de uma tradição literária, mais de um tipo de relação com o outro neste caso.

Podemos dizer que Berman expressa dois grandes objetivos teóricos: o primeiro seria rever as noções de *fidelidade* e *traição*, fundadas, segundo ele, em uma sacralização da língua materna, o que significaria certa resistência de abertura ao Outro, ao Estrangeiro. Uma das bases da teoria de Berman sobre a tradução é o questionamento do *etnocentrismo* cultural, ou seja, da crença em uma suposta superioridade de uma cultura em relação à outra, acompanhada, por sua vez, pelo menosprezo desta última. O segundo seria redefinir a *visada* ética da tradução, ou seja, seu objetivo: “abrir no nível da escrita *uma certa* relação com o Outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro” (BERMAN, 2002, p. 16). Se o objetivo é abrir determinada cultura para culturas estrangeiras e, a partir delas, redefinir padrões lingüísticos e culturais da primeira, a tradução, então, implica uma *mestiçagem*, uma mescla,

um cruzamento: “a essência da tradução é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é *nada*” (BERMAN, 2002, p. 17).

Essa perspectiva, por sua vez, implica também um questionamento da tradução “definida **unicamente** em termos de comunicação, de transmissão de mensagens ou de *rewording* ampliado” (BERMAN, 2002, p. 17-18, negrito da autora). Berman está chamando a atenção para um risco: negar a estranheza da obra estrangeira sob o pretexto da transmissibilidade, ou seja, apagar as marcas próprias da cultura estrangeira e reduzi-las aos padrões conhecidos da cultura de chegada.



Veremos essa questão com mais calma, mas é importante lembrar que a discussão se coloca como *questionamento da dominação cultural*, quer dizer, como um chamado a repensar as formas estabelecidas historicamente de intercâmbio cultural, superando o único objetivo de se relacionar com o estrangeiro para exercer sobre ele um poder soberano.

Aí que entra o problema da *visibilidade* do tradutor. Se a idéia é se opor a uma tradução que apague as marcas do estrangeiro e que apareça como se fosse escrito na língua de chegada, teremos, ao contrário de um tradutor invisível, que escreve para não ser percebido, um tradutor consciente que poderá pautar suas escolhas no reconhecimento da sistematicidade própria do texto a ser traduzido e na perspectiva de

contribuir para a língua e a cultura de chegada a partir dos padrões estrangeiros identificados.

Para Berman, a tradução desperta possibilidades ainda latentes na língua de chegada, quer dizer, abre novas perspectivas estéticas e permite ultrapassar limites estabelecidos, ou *desnaturalizar* a língua materna. Ao mesmo tempo, a tradução também revela outra vertente do original, faz aparecer nela “alguma coisa” que não aparecia na língua de partida (BERMAN, 2002, p. 21). Constitui-se, assim, um duplo movimento, uma relação.

É essa concepção que Berman procurará nos teóricos alemães, como A. W. Schlegel, para quem a tradução em massa de textos estrangeiros teria justamente o objetivo de “fazer brincar” sua língua materna, tida como uma “língua desajeitada e rígida, obviamente capaz de ‘trabalhar’, mas não de ‘brincar’”, ou como Humboldt: “para quem a tradução deve ‘ampliar’ o alemão” (BERMAN, 2002, p. 23), ou como Goethe, que considera a tradução como uma interação entre duas línguas que produz um duplo efeito em que ambas se modificam (BERMAN, 2002, p. 116).

2.2.1 Tradição tradutória na Alemanha

A tradução da Bíblia por Lutero no século XVI, “marcou o início de uma tradição na qual o ato de traduzir é considerado como uma parte integrante da existência cultural e, mais ainda, como um momento constitutivo do germanismo, da *Deutschheit*” (BERMAN, 2002, p. 28). Assim o indicam muitos pensadores, poetas e tradutores alemães, do século XVIII ao XX, como Leibniz, Goethe, A. W. Schlegel, Novalis, Schleiermacher e Humboldt. Encontra-se neles uma proposição geral de formação do nacional (cultura, identidade, literatura) a partir do estrangeiro, orientada pelas noções de *receptividade* deste último e *ampliação* do primeiro (BERMAN, 2002, p. 28-29). Trata-se de um projeto consciente de formação cultural (denominado pelos alemães de *Bildung*) que visa enriquecer o repertório das formas poéticas e teatrais locais (BERMAN, 2002, p. 31-32). E, como já dissemos, na concepção de A. W.

Você pode ter mais informações sobre os tradutores, poetas e pensadores citados em enciclopédias virtuais, como a *Wikipédia*.

Schlegel, por exemplo, de “flexibilizar” ou “civilizar” o alemão por meio das traduções e da relação com outras línguas modernas (BERMAN, 2002, p. 38).

Martin Luther (1483-1546) trabalhou com uma equipe de eruditos em sua tradução da Bíblia entre os anos de 1521 e 1534, recorrendo simultaneamente à versão latina e à versão grega, assim como ao original hebreu. Seu propósito geral era traduzir a Bíblia para que pudesse ser ouvida pelo povo, de modo que se valeu de uma dupla estratégia: traduzir para um alemão que *a priori* só pode ser local e, ao mesmo tempo, elevá-lo a um alemão comum, a uma *lingua franca*. Para que o alemão da tradução não se tornasse uma língua separada do povo, deveria conservar nele alguma coisa dos dialetos e dos modos gerais de expressão dos falares populares (BERMAN, 2002, p. 50).

Desde a tradução fundacional de Lutero, a concepção marcante é a de que “a formação e o desenvolvimento de uma cultura própria e nacional podem e devem passar pela tradução, ou seja, por uma relação intensiva e deliberada com o estrangeiro” (BERMAN, 2002, p. 62). E essa tradução entendida como possibilidade de *alargamento* da língua e da cultura alemãs não pode se caracterizar pela domesticação do estrangeiro, ou seja, pela familiarização dos aspectos mais desconhecidos da cultura estrangeira na cultura de chegada. Compreendamos, se a proposta é ampliar o Próprio a partir da relação com o Outro, este último não pode ser simplesmente reduzido ao que é familiar ao primeiro, certo?

É nesse sentido que “a teoria alemã da tradução se constrói conscientemente contra as traduções ‘à francesa’” (BERMAN, 2002, p. 68), cuja característica seria justamente “embelezar” o original, imprimindo-lhe a marca supostamente superior da língua francesa. A afirmação de Collardeau resume a problemática da tradução na França no final do século XVIII: “Se há algum mérito em traduzir, só pode ser o de aperfeiçoar, se possível, seu original, de embelezá-lo, de **apropriar-se** dele, de lhe dar

um **ar nacional** e de **naturalizar**, de algum modo, essa planta estrangeira” (COLLARDEAU apud BERMAN, 2002, p. 69, negritos da autora).

Diante do que A. W. Schlegel contrapõe – uma nação que deseja que cada estrangeiro em seu território assuma os modos de agir e de vestir de acordo com seus costumes –, é uma nação que não conhecerá, finalmente, um estrangeiro (BERMAN, 2002, p. 68).

Segundo Berman, um dos conceitos centrais da cultura alemã no final do século XVIII é o de *Bildung* (formação cultural), que está intimamente ligado à compreensão da tradução no país. Como já dissemos, *Bildung* é um processo histórico de formação do Próprio (identidade, literatura e cultura em geral) por meio da *experiência da alteridade do mundo*: prova da estranheza do Outro para a formação de si. Para que a *experiência* do estrangeiro se constitua como tal, ela não pode ser um movimento de *apropriação*, mas terá que ser, digamos, um passo de reconhecimento do Outro e de retorno ao Próprio. Ao mesmo tempo, a abertura ao estrangeiro não pode se transformar em uma simbiose total com este último, de modo que deve haver um limite, marcado pela autonomia nessa *viagem* de encontro ao desconhecido. Assim, a tradução se configura como um fator mediador fundamental no processo histórico de formação cultural alemã (BERMAN, 2002, p. 79-88).

Vemos que a problemática da tradução envolve, para Berman e os teóricos alemães por ele estudados, não somente a transmissão de conteúdos ou mediação entre as culturas, mas toda uma forma de compreensão da relação com o Outro, o Estrangeiro, o Desconhecido. “Pois a tradução não é uma simples mediação: é um processo no qual entra em jogo toda relação com o Outro” (BERMAN, 2002, p. 322). Na perspectiva de Goethe, por exemplo, a reflexão da tradução se inscreve em seu conceito de *Weltliteratur* (literatura mundial) e em toda a questão das trocas interculturais e internacionais:

A tradução é o ato *sui generis* que encarna, ilustra e também permite esses intercâmbios, sem ter, bem entendido, o monopólio deles. Existe uma multiplicidade de atos de translação que asseguram a plenitude das interações vitais e naturais entre os indivíduos, os povos e as nações,

interações pelas quais estes constroem sua identidade própria e suas relações com o estrangeiro (BERMAN, 2002, p. 99).

Se tivermos em mente que o objetivo da tradução é a *ampliação* das possibilidades da língua de chegada por meio da abertura para a língua estrangeira, impõe-se uma redefinição da noção de *fidelidade*: não mais exclusivamente ao *sentido* do texto, mas sim à sua *letra*. Não mais uma fidelidade servil à língua materna, mas uma fidelidade à literalidade do texto estrangeiro, que expõe os limites da primeira e, portanto, abre-lhe novas perspectivas. *Herder* apresenta a questão como uma *dupla fidelidade*: por um lado, fidelidade à individualidade da obra, à sua unicidade, “definida como sua ‘expressão’, seu ‘tom’, sua ‘particularidade’, seu ‘gênio’ e sua ‘natureza’” (BERMAN, 2002, p. 76) e, por outro lado, fidelidade à cultura de chegada, evitando que a predominância do estrangeiro implique em uma perda do próprio.

Johann Gottfried von Herder
(1744-1803): filósofo e escritor alemão.

Essas questões parecem bastante subjetivas e talvez difíceis de compreender. Entretanto, basta lembrarmos que estamos falando, essencialmente, de textos literários, cujas particularidades são, de fato, subjetivas. O que caracteriza um texto literário? Ou, o que o diferencia de outros textos? Sua forma, certo? Uma forma específica de exprimir idéias, sentimentos, ações. Ao ler um conto ou um romance, não é somente *o que* acontece que nos interessa, mas fundamentalmente a forma *como* é narrado, o uso que faz das palavras, as imagens que cria através delas, o tom (poético, romântico, irônico, sarcástico), enfim, uma série complexa de significados cuja tradução não é nada fácil e exige, ao contrário, grande cuidado e sensibilidade. Por aí caminhamos para uma compreensão das idéias de *literalidade*, *individualidade*, *unicidade* do texto a ser traduzido e da importância aqui destacada da *fidelidade* à sua *letra*, à sua forma

Esse trabalho sobre a *letra* representaria, para teóricos como F. Schlegel (irmão de A. W. Schlegel) e Novalis, uma *potencialização* do texto de partida. A idéia está diretamente vinculada à concepção estética dos românticos alemães, segundo a qual o nível puramente poético da linguagem está afastado da língua natural, da língua “comum” e de seu referencial empírico. “O próprio da linguagem de natureza é ser puramente referencial, estar centrada em um conteúdo. E essa primazia do conteúdo é precisamente, para os românticos, o contrário da arte” (BERMAN,

2002, p. 159). A poesia, nessa concepção, deve tornar a língua “aérea”, “estelar”, musical, abstrata, deve retirá-la de seu uso comum e elevá-la a um uso subjetivo e não referencial. Nessa perspectiva, a própria palavra familiar torna-se estrangeira, distante, às vezes incompreensível.

Poetas franceses do século XIX, como Mallarmé e Valéry, e o tcheco Rilke pautaram-se e desenvolveram a “teoria da linguagem poética estelarmente afastada da linguagem natural” (BERMAN, 2002, p. 176). Tomemos como exemplo os trechos do poema de Mallarmé intitulado *Um lance de dados* (*Un coup de dés*, 1897), em tradução de *José Lino Grünewald*, para compreender melhor de que falamos:

Em: MALLARMÉ, Stéphane.
Poemas. Tradução e notas
de José Lino Grünewald. Rio
de Janeiro: Nova Fronteira,
1990. p. 124-125.

FOSSE
origem estelar

SERIA
pior
não
mais nem menos
indiferentemente mas outro tanto

O NÚMERO
EXISTIRIA
senão como a alucinação dispersa da agonia
COMEÇARIA E CESSARIA
brotando qual negado e fechado quando surgido
enfim
por alguma profusão espargida em raridade
CIFRAR-SE-IA
Evidência da soma por pouco fosse uma
ILUMINARIA

O ACASO
Cai
a pluma
rítmica pausa do sinistro
sepultar-se
nas escumas originais
donde há pouco sobressaltara seu delírio até um cimo
esmaecido
pela neutralidade idêntica do abismo

Segundo Berman (2002, p. 178), a culminação da teoria da obra romântica é a seguinte: “elevada ao estado de mistério está a linguagem em que as palavras familiares tornam-se estrangeiras, em que tudo é mergulhado em um longínquo incompreensível e, no entanto, pleno de sentido”. Assim, sua tese é a de que a operação literária essencial da romantização assemelha-se justamente ao próprio movimento da tradução. Esta última prolongaria, radicalizaria o movimento da obra romântica, arrancaria a obra estrangeira da finitude de sua linguagem nativa e natural, afastando-a “estelarmente” de seu “húmus empírico” e desenraizando-a (BERMAN, 2002, p. 179). Quer dizer, se o princípio original da obra romântica é desvincular a linguagem poética do referencial da língua comum, o processo de tradução justamente *potencializa* a distância e possibilita elevar ao máximo o estado de mistério da linguagem. “A estranheza nativa da obra se redobra de sua estranheza (efetivamente acrescida) na língua estrangeira” (BERMAN, 2002, p. 224).

Um bom exemplo de tradução potencializadora pode ser encontrado no poema *Blanco*, de Octavio Paz, metamorfoseado em *Branco*, por Haroldo de Campos; operação que, segundo Emir Rodríguez Monegal, transforma o poema “em outro poema, de outra textura e outra radicalização fônica, embora incrivelmente paralelo ao texto inicial” (*Prefácio a Paz e Campos*, 1986, p. 12). O próprio título do livro em que se publica o poema, *Transblanco* (1986), indica-nos o procedimento do tradutor: transcriar, ultrapassar os limites do significado e fazer funcionar o próprio processo de significação original numa outra língua, recriar a partir da informação estética inicial uma nova obra tão criativa quanto a primeira. Vejamos um trecho do poema de Paz e a tradução de Campos:

en el muro la sombra del fuego

en el fuego tu sombra y la mía

Pan Grial Ascuá

Muchacha

tú ríes – desnuda

en los jardines de la llama

llama rodeada de leones

leona en el circo de las llamas

el fuego te desata y te anuda

ánima entre las sensaciones

frutos de luces de bengala

los sentidos se abren

En la noche magnética

La pasión de la brasa compasiva (Octavio Paz, *Blanco*, trecho)

no muro a sombra do fogo
no fogo tua e minha sombras
o fogo te ata e desata
Pão Graal Áscua

Mulher

Teu riso – nua
Entre os jardins da chama

Chama rodeada de leões
Leoa no círculo das chamas
Alma animando sensações

Paixão de brasa compassiva (Haroldo de Campos, Branco, trecho)

O levantamento histórico até agora apresentado, realizado por Antoine Berman, traz à tona as questões fundamentais que darão base à sua moderna teoria da tradução, como dissemos no início. Todo esse contexto nos ajuda a compreender de onde provêm os postulados defendidos pelo teórico que, retomando, seriam principalmente: pensar uma tradução não etnocêntrica que expresse uma capacidade da cultura de chegada de se abrir ao estrangeiro e se redefinir a partir desse novo conhecimento; refletir sobre as possibilidades enriquecedoras para a língua de chegada, abertas pela tradução e fundadas em um trabalho sobre a *letra* do texto de partida, sobre sua *forma poética*. Essas são, portanto, claramente identificadas nos teóricos alemães analisados por Berman.

Encontramos um dos fundamentos da idéia de tradução etnocêntrica e não etnocêntrica de Berman nos dois métodos de traduzir de Schleiermacher (2001, p. 43): “Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e faz o leitor se mover em direção a ele; ou ele deixa o leitor o mais possível em repouso e faz o escritor se mover em direção a ele”. Comentando-os, Berman (2002, p. 263) diz: “No primeiro caso, o tradutor obriga o leitor a sair de si mesmo, a fazer um esforço de descenramento para perceber o autor estrangeiro em seu ser de estrangeiro; no segundo caso, ele obriga o autor a se despojar de sua estranheza para se tornar familiar ao leitor”.

E identificamos uma possível base da defesa da tese sobre a primazia da *letra* e não do *sentido* na tradução poética, na teoria de F. Schlegel, segundo o qual “traduzir os poemas e restituir seu ritmo tornou-se uma arte”; arte que, para Berman (2002, p. 242), “é a união da teoria especulativa da poesia-tradução e da teoria literária da poesia-forma métrica

universal”. Sua teoria da tradução estaria, portanto, fundada tanto em uma concepção sobre a própria poesia, entendendo-a como um árduo trabalho sobre a forma métrica, quanto sobre o ato de traduzir, que não poderia sacrificar esse árduo trabalho do escritor privilegiando o *sentido* do texto, mas que deveria, ao contrário, encarar os desafios tradutórios como possibilidades de *potencializar* a língua de chegada por meio da exploração da *letra* do texto de partida.

Bem, é claro que essa proposta implica um grande risco e exige grandes doses de bom senso e sensibilidade estética. Há um tênue limite entre o “estrangeiro” e a “estranheza”. É difícil trabalhar sem apagar as marcas centrais do estrangeiro, explorando as potencialidades da *letra* e da *forma*, sem, com isso, tornar o texto traduzido extremamente obscuro e hermético.

A tradução se situa justamente nessa região obscura e perigosa, na qual a estranheza desmedida da obra estrangeira e de sua língua corre o risco de se abater com toda a sua força sobre o texto do tradutor e sua língua, arruinando assim a sua empresa e deixando ao leitor apenas a *Fremdheit* [estranheza] *inautêntica* (BERMAN, 2002, p. 278).

O teórico afirma, entretanto, que o risco contrário, “matar a dimensão do estrangeiro”, seria igualmente problemático, de modo que a tarefa do tradutor consiste, justamente, em enfrentar esse duplo perigo. As traduções de *Hölderlin* na Alemanha seriam aquelas que mais estenderam a linha divisória entre o “estrangeiro” e a “estranheza” e que apresentaram a problemática como um “duplo movimento *simultâneo*”, que liga a “prova do estrangeiro” e o “aprendizado do próprio” (BERMAN, 2002, p. 290). O movimento em direção ao estrangeiro e o movimento em direção ao próprio não seriam sucessivos, mas *simultâneos*. “Os dois movimentos são inseparáveis: a tarefa da poesia consiste portanto em *dominar* os desequilíbrios inerentes à experiência do próprio e à experiência do estrangeiro” (BERMAN, 2002, p. 295). Essa dimensão do equilíbrio é fundamental e, por isso, ressaltamos a importância do bom senso e da reflexão sobre as escolhas ao longo do processo tradutório.

Friedrich Hölderlin (1770-1843): poeta lírico e romancista alemão.

É fundamental também destacar que as proposições vinculadas à idéia da tradução “literal”, que privilegia o trabalho sobre a *letra* como

vimos até o momento, não são apresentadas por Berman como uma “receita metodológica”. Ao contrário, ressaltamos que estão profundamente ligadas a contextos históricos e culturais determinados (BERMAN, 2002, p. 310). Lembremos: Berman retoma os teóricos alemães preocupados com a tradução como *meio* constitutivo do processo de formação cultural e enriquecimento da língua literária. Complementarmente, preocupa-se em discutir uma certa concepção do ato de traduzir dominante na França Clássica, contra a qual se opõem os pensadores alemães: embelezar o original e reduzi-lo à língua e cultura de chegada. E propõe-se, justamente, a elaborar uma teoria moderna da tradução capaz de subverter essa noção etnocêntrica e de proporcionar uma abertura para o estrangeiro. Coloca-se, inclusive, a questão da importância da retradução de obras fundamentais para a cultura ocidental (a Bíblia, poesia e filosofia gregas, poesia latina e os grandes textos que nortearam o nascimento da literatura moderna – Dante, Shakespeare, Rabelais, Cervantes etc.) como uma forma de reabrir o acesso a elas sob uma perspectiva diferente (BERMAN, 2002, p. 315).

Interessa particularmente a Antoine Berman a abertura das literaturas mais fortes, com mais tradição, ditas dominantes, para a tradução de obras de sistemas literários menores, com o intuito de estabelecer uma relação não “narcisista”, de ampliar por meio do contato com as diferenças e não de reduzir estas últimas a padrões já estabelecidos. Reconhecer e explorar as diferenças lingüísticas e culturais e não corroborar com o movimento contemporâneo de uniformização e padronização global.

Re-abrir os caminhos da tradição; abrir uma relação enfim exata (não dominante, não narcisista) com as outras culturas e, notadamente, com aquelas daquele que se tornou agora o ‘Terceiro Mundo’; mobilizar os recursos de nossa língua para colocá-la à altura dessas diversas aberturas é evidentemente lutar contra esse fenômeno destruidor, mesmo que haja outras maneiras de conjurá-lo. Isto talvez seja o essencial da consciência tradutória moderna: uma exigência máxima de ‘saber’ ao serviço de uma certa re-alimentação da capacidade falante da linguagem, de uma certa maneira lúcida de *habitar e de defender Babel* na hora em que a Torre-das-Múltiplas-Línguas (isto é, das Diferenças) está ameaçada pela expansão de um jargão destruidor que não é nem mesmo o esperanto, esse sonho humanista ingênuo que revela agora sua verdadeira face de pesadelo (BERMAN, 2002, p. 324-325).

Temos que refletir, portanto, onde nos encontramos nesse processo, em que posição estamos, que relação estabelecemos com literaturas, línguas e culturas estrangeiras. Devemos buscar o equilíbrio entre a abertura para o estrangeiro e a não subordinação a ele, sem, ao mesmo tempo, cair para o lado oposto de assumir uma falsa posição de superioridade e dominação.

2.2.2 A tradução e a letra

Vejam os mais de perto alguns conceitos e esclarecimentos necessários para compreender melhor a teoria da tradução proposta por Antoine Berman. Primeiramente, é preciso deixar claro o que significa traduzir *literalmente* um texto no sentido proposto por Berman. Não significa, de forma alguma, traduzir *palavra por palavra*. Não devemos confundir *letra* e *palavra*. Como vimos acima, a *letra* está vinculada à *forma* literária do texto, ao seu modo peculiar de composição, ao uso de recursos poéticos como rimas, aliteraões, paralelismos etc.

O exemplo da tradução dos provérbios é bastante explicativo. Em geral, os provérbios de uma língua têm equivalentes em outras línguas. O provérbio em espanhol que diz que “el que nace barrigón es al ñudo que lo fajen” encontraria seu equivalente em português no famoso “pau que nasce torto nunca se endireita”, entretanto, ao optar pelo equivalente na língua de chegada, estaríamos perdendo a oportunidade de apresentar ao público leitor da tradução um aspecto relevante sobre a origem do provérbio, que se encontra no famoso *Martín Fierro*, de José Hernández.

Além da questão cultural, temos o plano estético e é neste sentido que Berman afirma que “traduzir literalmente um provérbio não é simplesmente traduzir ‘palavra por palavra’. É preciso também traduzir o seu ritmo, o seu comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliteraões etc.” (BERMAN, 2007, p. 16). Berman menciona o exemplo da tradução do provérbio citado por Roa Bastos no romance *Eu, o Supremo*:

A cada día le basta su pena, a cada año su daño.

A opção de Berman para traduzi-lo para o francês não é encontrar um equivalente, mas fazer uma tradução “literal e livre” que substitui um jogo aliterativo (día/pena, año/daño) por outro (peine/déveine):

*“Los que no saben guardar/
son pobres aunque trabajen;/
nunca, por más que se ata-
jen,/se librarán del cimbrón:/
al que nace barrigón/es al
ñudo que lo fajen” (Martín
Fierro, de José Hernández)*

À chaque jour suffit sa peine, à chaque année sa déveine.

Assim, o tradutor explica sua concepção: “não se trata, pois, de uma tradução palavra por palavra ‘servil’, mas da estrutura aliterativa do provérbio original que reaparece sob uma outra forma. Tal me parece ser o trabalho sobre a letra: nem calco, nem (problemática) reprodução, mas atenção voltada para o jogo dos significantes” (BERMAN, 2007, p. 16). A tradução por um “equivalente” significaria uma recusa a introduzir na língua de chegada a *estranheza* do provérbio original, resultaria em uma *domestificação* do estrangeiro, tornando-o familiar para o leitor da tradução, mas privando este último da possibilidade de conhecer a forma do provérbio em outra cultura.

O procedimento de *domestificação* está relacionado com o que vimos anteriormente sobre a *sacralização da língua materna*. De certa forma, recusar a *estranheza* do provérbio na língua de partida carregaria uma idéia implícita de que a língua para a qual se traduz não deve ser profanada, abalada, questionada. Essa idéia, por sua vez, segundo Berman, está subordinada à concepção da tradução como captação de *sentido*, como se este último pudesse ser separado de sua *letra*, da forma com que o conteúdo é expressado. Entendamos o argumento de Berman: o *sentido* está *obstinadamente* ligado à *letra*, ou, o *que eu digo* está necessariamente vinculado a *como o faço*, principalmente quando se trata de textos literários ou outras produções que se valem de recursos poéticos. Optar pela tradução do *sentido* seria optar pelo universal, por uma alternativa generalizante, e não pelo particular, por uma opção que esteja atenta à singularidade do texto. Nesse sentido, Berman argumenta a favor da *fidelidade à letra*, da tradução voltada para as particularidades do texto de partida e para uma abertura da língua de chegada para a *estranheza* da língua e cultura estrangeiras.

A fidelidade ao sentido opõe-se – como para o crente e o filósofo – à fidelidade à letra. Sim, a fidelidade ao sentido é obrigatoriamente uma infidelidade à letra.

Mas esta infidelidade à letra estrangeira é necessariamente uma fidelidade à letra *própria*. O sentido é captado na língua para a qual se traduz. Para tanto, deve ser despojada de tudo que não se deixe transferir. A

captação do sentido afirma sempre a primazia de uma língua. Para que haja anexação, o sentido da obra estrangeira deve submeter-se à língua dita de chegada (BERMAN, 2007, p. 32-33).

Essa seria justamente a essência da *tradução etnocêntrica*, aquela que questionamos desde o início, aquela que submete o estrangeiro a uma suposta superioridade cultural do Próprio.

E esta é a essência da tradução etnocêntrica: fundada sobre a primazia do sentido, ela considera implicitamente ou não sua língua como um ser intocável e superior, que o ato de traduzir não poderia perturbar. Trata-se de introduzir o sentido estrangeiro de tal maneira que seja **aclimatado**, que a obra estrangeira apareça como “fruto” da língua própria (BERMAN, 2007, 33, negrito da autora).

A figura tradicional da tradução no Ocidente se caracterizaria, nesse sentido, por ser *etnocêntrica*, *hipertextual* e *platônica*. Veremos as justificativas de Berman para tal caracterização, mas já adiantamos que sua proposta é uma *analítica da tradução* que se oponha a essa figura tradicional, abrindo uma reflexão sobre a dimensão *ética*, *poética* e *pensante* do traduzir. “Esta tripla dimensão é o inverso exato da tripla dimensão da figura tradicional da tradução” (BERMAN, 2007, p. 27). A *ética* opõe-se ao etnocêntrico: a *poética* ao hipertextual e o *pensante* ao platônico.

A *analítica da tradução* ou *tradutologia* não seria uma teoria, mas sim uma reflexão: “A tradutologia: a reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência” (BERMAN, 2007, p. 19). Os conceitos-chave são, portanto, *reflexão e experiência*. “A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão” (BERMAN, 2007, p. 18). A idéia não é propor receitas e métodos fechados, mas abrir o campo da tradução como um espaço de reflexão e como um processo consciente de tomada de decisões.

Bem, retomemos a questão da tradução etnocêntrica, que já vimos na perspectiva dominante na França clássica e da qual tomamos o exemplo de Colardeau dado por Berman: a valorização do ato de traduzir como uma forma de “aperfeiçoar”, “embelezar”, apropriar-se do original e dar-lhe um “ar nacional”, uma noção que deixa transparecer

a crença na superioridade da língua e cultura para a qual se traduz. Assim,

Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexo, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura (BERMAN, 2007, p. 28).

Diretamente vinculada a essa definição está a idéia da tradução hipertextual: “qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto *já* existente” (BERMAN, 2007, p. 28). O etnocêntrico e o hipertextual caminham, necessariamente, sempre juntos: “as exigências da tradução etnocêntrica levam o tradutor a efetuar operações hipertextuais” (BERMAN, 2007, p. 36). Podemos citar como exemplo o já mencionado caso da França Clássica, onde as traduções foram feitas, predominantemente, colocando sua língua (o francês) como o modelo da comunicação, representação e criação literária e, para constituir-se como tal, promoveu a exclusão de todos os elementos lingüísticos estrangeiros, estabelecendo a tradução como uma “transposição livre”, como uma “aclimatação filtrante dos textos estrangeiros” (BERMAN, 2007, p. 36). Os textos passariam por um tipo de transformação voltado *para* as exigências da língua e da cultura de chegada e não por uma análise *de* suas características singulares. Nesse sentido, é exemplar a “tradução”, indicada assim entre aspas por Berman, dos versos de Hamlet feita por Voltaire:

To be or not to be, that is the question.

Demeure, il faut choisir, et passer à l’instant
De la vie à la mort et de l’être au néant

[Fica, força é escolher, e passar num instante
Da vida à morte e do ser ao nada.]

A proposta de Voltaire deixa clara a crença etnocêntrica na necessidade de “embelezar” o original, de dar-lhe o caráter estético dominante na língua de chegada e, conseqüentemente, explicita os procedimentos hipertextuais aos quais o texto de partida foi submetido.



Finalmente, para esclarecer brevemente a última característica essencial da tradição dominante na tradução ocidental, é preciso dizer que Berman remonta às origens da literatura latina para afirmar que a tradução etnocêntrica nasce em Roma, com as traduções latinas dos textos gregos: um movimento massivo que funda uma literatura por meio da “anexação sistemática dos textos, das formas, dos termos gregos, o todo sendo latinizado e, de certa maneira, tornando-se irreconhecível por esta mescla” (BERMAN, 2007, p. 30). Curiosamente ou não, os princípios que orientam a “tradução anexionista” latina têm origem no pensamento grego ou, mais especificamente, em Platão. Segundo Berman, a tradução etnocêntrica, fundada na primazia da captação do *sentido*, está pautada na idéia de que é possível separar a forma do conteúdo, idéia que seria, originalmente, platônica:

Aplicada às obras, a cesura platônica sanciona um certo tipo de “traslação”, a do “sentido” considerado como um ser em si, como uma pura idealidade, como um certo “invariante” que a tradução faz passar de uma língua a outra deixando de lado sua casca sensível, seu “corpo”: de sorte que o insignificante, aqui, é antes o significante (BERMAN, 2007, p. 32).

Essa concepção filosófica abriria a reflexão para uma suposta unidade das línguas, expressa em um *sentido* invariável, um conteúdo quase que não “contaminado” por seu continente. Mas o que Berman está chamando a atenção é, justamente, para a “adesão obstinada” do sentido à letra, ou seja, para a impossibilidade de desvincular, filosoficamente,

um do outro e, inclusive, para uma possível configuração do próprio pensar a partir do domínio lingüístico.

Bem, para se opor à tradição dominante, Berman propõe, como dissemos, uma “analítica da tradução”, uma análise sistemática das *tendências deformadoras* que operam em toda a tradução, das *forças* que desviam a tradução de seu “verdadeiro” objetivo ou do que Berman irá chamar de *visada ética* da tradução, que veremos mais adiante, mas que já podemos ter em mente: ir além da simples comunicação, abrir para uma nova forma de relação com o estrangeiro.

As tendências deformadoras

Segundo Berman (2007, p. 48), a analítica da tradução “parte da localização de algumas tendências deformadoras, que formam um todo sistemático, cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’”. São treze as tendências elencadas e discutidas, das quais apresentaremos apenas a definição, mas sua leitura na íntegra é fundamental.

A *racionalização* “re-compõe as frases e seqüências de frases de maneira a arrumá-las conforme uma certa idéia de *ordem* de um discurso” (BERMAN, 2007, p. 48-49). Suponhamos, por exemplo, uma prosa que se caracteriza por contínuas repetições que, em princípio, estariam em desacordo com a lógica linear do discurso. A tradução que apresentasse a *racionalização* como tendência deformadora se caracterizaria justamente por retirar as repetições, em uma pretensa operação de “limpeza” do texto de partida.

“Onde o original se move sem problema (e com uma necessidade própria) no *indefinido*, a clarificação tende a impor algo definido” (BERMAN, 2007, p. 50). A explicação de algo oculto, obscuro ou abstrato no original poderia caracterizar essa tendência.

O *alongamento* “é uma conseqüência, em parte, das duas primeiras tendências evocadas. Racionalização e clarificação exigem um alongamento, um desdobramento do que está, no original, ‘dobrado’” (BERMAN, 2007, p. 51). A implicação disso é uma possível alteração do ritmo da obra.

O *enobrecimento* “É o ponto culminante da *tradução platônica*, cuja forma acabada é a tradução (a-tradução) clássica. Chega-se a traduções ‘mais belas’ (formalmente) do que o original” (BERMAN, 2007, p. 52). Com o pretexto de “embelezar” o texto, pode-se aniquilar justamente sua riqueza oral e a justaposição de diferentes discursos (formal, informal, científico, técnico etc.). O oposto dessa tendência seria a *vulgarização*, “no que concerne às passagens do original julgadas ‘populares’, o recurso cego a uma pseudo-gíria que *vulgariza* o texto, ou a uma linguagem ‘falada’ que só atesta a confusão entre o *oral* o *falado*” (BERMAN, 2007, p. 53).

Aquela pautada na idéia de que é possível cindir forma e conteúdo e que dá primazia à captação do sentido e ao suposto “embelezamento” do texto.

O *empobrecimento qualitativo* “remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por termos, expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significante ou – melhor – *icônica*”, em que “icônico” é “o termo que, em relação ao seu referente, ‘cria imagem’, produz uma consciência de semelhança” (BERMAN, 2007, p. 53). Ocorre quando um termo que se poderia chamar de “saboroso”, “denso” ou “vivo” é substituído por outro sem a mesma “corporeidade”.

O *empobrecimento quantitativo* ocorre quando há uma redução do número de significantes utilizados no texto de partida para designar um mesmo significado.

A *homogeneização* “consiste em *unificar* em todos os planos o tecido do original, embora este seja originariamente heterogêneo” (BERMAN, 2007, p. 55). É a “não reprodução do heterogêneo”, justamente o resultado da concepção dominante de tradução e de todas as tendências precedentes.

A *destruição dos ritmos*. O nome é auto-explicativo: são alterações na pontuação, por exemplo, que podem deformar a rítmica do texto.

A *destruição das redes significantes subjacentes*. Toda obra possui uma rede de significantes-chave subjacente à superfície do texto, uma teia de palavras distribuídas ao longo do texto que não são aleatórias e que possuem uma significância no conjunto da obra. A tradução não atenta à reconstrução dessa rede operaria essa tendência deformadora.

Para compreender melhor a questão das redes de significantes-chave, ver entrevista com Davi Arrigucci Jr em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/7796/7173>.

A destruição dos sistematismos. “O sistematismo de uma obra ultrapassa o nível dos significantes: estende-se ao tipo de frases, de construção utilizada. O emprego de tempos é um desses sistematismos; o recurso a tal ou tal tipo de subordinada também” (BERMAN, 2007, p. 57).

A destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares. A prosa possui uma forte relação com as línguas vernaculares, ou seja, locais, regionais, dialetais, utilizando freqüentemente uma grande diversidade de elementos. Apagar essas marcas pode implicar um grande empobrecimento da textualidade da obra em questão. Berman lembra que existe uma forma tradicional de conservar os vernaculares, *exotizando-os*, por exemplo, colocando-os entre aspas. Esse procedimento não “resolveria” a questão, pois estaria *isolando* o que estava incorporado na textualidade do texto de partida. Outra maneira de exotização seria a tradução de um vernacular estrangeiro por um vernacular local, com o que, segundo Berman, “só se consegue ridicularizar o original” (BERMAN, 2007, p. 59).

A destruição das locuções: “A prosa abunda em imagens, locuções, modos de dizer, provérbios etc., que dizem respeito ao vernacular” (BERMAN, 2007, p. 59). Essa tendência deformadora retoma a questão da tradução dos provérbios já apresentada anteriormente: buscar equivalentes seria atestar uma concepção etnocêntrica.

O apagamento das superposições de línguas: é freqüente a superposição de línguas na prosa, seja pela coexistência de dialetos ou pelo cruzamento desses com a língua culta. Preservar a diversidade e a tensão entre elas é um desafio do tradutor.

Ao finalizar a exposição das *tendências deformadoras*, Berman formula uma definição de *letra* que nos faz retornar aos momentos anteriores de nossa conversa: “As tendências que acabamos de analisar brevemente formam um todo que desenha indiretamente o que entendemos por *letra*: a *letra são todas as dimensões às quais o sistema de deformação atinge*” (BERMAN, 2007, p. 62). Vemos, então, que a questão da *letra* ultrapassa em muito a palavra individualizada e remete a um todo complexo que exige uma grande capacidade de leitura e percepção dos aspectos realmente significativos de uma obra literária.

2.2.3 Visada ética da tradução

Chegamos, finalmente, ao que Berman propõe de mais geral e, ao mesmo tempo, central de sua teoria: o objetivo da tradução, sua *visada ética*. A tradução não seria apenas um processo de comunicação, de transmissão de mensagens de uma língua para outra. Berman parte, inclusive, da idéia de que “uma obra não transmite nenhum tipo de informação mesmo contendo algumas”; o que seria realmente importante, para além de uma suposta mensagem, seria a abertura para a “experiência de um mundo” (BERMAN, 2007, p. 64). Bem, aí devemos lembrar que há diversos tipos de texto e que certamente essas proposições possuem nuances conforme a variedade em questão. Tratando-se de textos ditos técnicos, é possível que a tradução exija outras abordagens. No que diz respeito à tradução literária, Berman afirma (2007, p. 64):

Cada vez que a tradução dita ‘literária’ se coloca como ato de comunicação, torna-se inevitavelmente não-comunicação. Enfim, o conceito de comunicação é para nós abstrato demais para definir a obra e sua tradução. É um conceito que a tecnologia confiscou definitivamente, e isso aceitamos.

Ao contrário da perspectiva que privilegia a facilitação da leitura para determinado público leitor da tradução, que pretende simplificar uma obra para torná-la acessível para o leitor que não domina a língua estrangeira, Berman propõe uma *educação* desse público *para a estranheza* da língua e cultura de partida. Tornar acessível, no sentido de dar a oportunidade de ter contato e conhecimento sobre algo, não deve significar, necessariamente, facilitar, vulgarizar.

Popularizar o original não significa vulgarizá-lo. Emendar as estranhezas de uma obra para *facilitar* sua leitura acaba por desfigurá-la, e, portanto, enganar o leitor a quem se pretende servir. Precisa-se, antes, como no caso da ciência, de uma *educação à estranheza* (BERMAN, 2007, p. 66).

Nesse sentido, Berman define um objetivo “mais profundo” para a tradução que possui uma tripla dimensão.



A dimensão ética se refere à necessidade de reconhecimento e acolhimento do Outro como Outro, preservando e respeitando sua diversidade. A dimensão poética diz respeito à necessidade de estabelecer uma relação de *fidelidade à letra* do texto estrangeiro, à sua “corporeidade carnal”, à sua *forma* de existência singular por meio do uso que faz da língua na qual foi escrito. A dimensão filosófica concerne a uma “certa relação” da tradução com a *verdade*, trazida à tona por Hölderlin, mas na qual não vamos nos alongar neste momento.

Chegamos, enfim, a uma definição ampla do conceito de tradução que resume todo esse percurso:

Como eu estava dizendo: *abrir* o Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua. Abrir é mais que comunicar: é revelar, manifestar. Dissemos que a tradução é a “comunicação de uma comunicação”. Mas é mais do que isso. Ela é, no âmbito das obras (que aqui nos ocupam), a *manifestação de uma manifestação*. Por quê? Porque a única definição possível de uma *obra* só pode ser feita em termos de manifestação. Numa obra, é o “mundo” que, cada vez de uma maneira diferente, se manifesta em sua totalidade. Toda comunicação concerne a algo parcial, setorial. A ma-

nifestação que a obra é, refere-se sempre a uma totalidade. Ademais, a manifestação de um *original*, de um texto que não é somente primeiro em relação aos seus derivados translingüísticos, mas primeiro em seu próprio espaço de língua. [...] O objetivo ético, poético e filosófico da tradução consiste em manifestar na *sua* língua esta pura novidade ao preservar sua carga de novidade. E até, como dizia Goethe, em lhe dar uma *nova* novidade quando seu efeito de novidade se esgotou em sua própria língua (BERMAN, 2007, p. 69).

Temos, portanto, as seguintes questões para finalizar essa primeira incursão da teoria proposta por Antoine Berman: primeiramente, a obra literária pensada para além da comunicação, como manifestação de um mundo. Em seguida, o original não somente como texto de partida, mas como uma produção artística única e singular que inova em seu próprio domínio lingüístico. Finalmente, a tradução como possibilidade de potencializar essa inovação primeira, de dar nova vida a ela em uma língua estrangeira.

2.3 A ótica funcionalista da tradução – Christiane Nord

Para você entender a maneira como pensa Christiane Nord, é necessário antes resgatar rapidamente o significado do funcionalismo para os estudos da tradução e o papel da cultura nesse campo. Vamos lá!

No primeiro livro do nosso curso, você estudou alguns conceitos fundamentais sobre o funcionalismo, cujos principais representantes são Katherina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord. Segundo essa concepção, a *função textual*, ou seja, o propósito (*objetivo/skopos*) do texto é o seu determinante para a tradução por considerar duas perspectivas: o contexto de produção do TF (texto-fonte) e o contexto de recepção do TT (texto traduzido).

Ao analisar o TF, o tradutor tem condições de reconstruir as reações dos leitores na língua-fonte (LF) e assim deduzir a intenção do autor. A partir daí, é possível antecipar as reações do público-alvo da tradução, de acordo com o contexto sociocultural de recepção e, então,

definir estratégias para o processo tradutório. A tradução adquire, desse modo, uma dimensão histórico-cultural reunindo, segundo a autora, três características básicas:

- a tradução é *ação*, ou seja, uma situação comunicativa inserida em um contexto de situação real, autêntico;
- todo texto, traduzido ou não, tem uma *função*; e
- a função do texto só é realizada a partir do momento da recepção do texto pelo seu destinatário, o que significa que todo texto é predominantemente *prospectivo*, voltado ao **leitor final, na língua de chegada (LC)**.

Nesse sentido, a tradução é a produção de um texto-alvo funcional, ou seja, um texto cujo *skopos* é especificado de acordo com a função pretendida ou exigida para esse texto-alvo, enquanto a função textual é determinada em razão das características do leitor ou do público receptor. Por isso, o termo *leitor em prospecção*, ou seja, um leitor que está à frente no processo, para quem se escreve e que ainda vai ler o texto. Nesse contexto, o problema a resolver é como conduzir um processo que satisfaça a análise do TF e permita lidar de modo eficiente com os obstáculos a que a tradução normalmente é exposta.

Com o objetivo de resolver essa questão, Nord parte da necessidade de um modelo de análise do TF que esteja integrado a um conceito global de tradução e que funcione como uma referência permanente ao tradutor para, então, desenvolver uma sistematização com os seguintes requisitos:

- poder ser utilizada com qualquer tipologia textual – lembrando a teoria de Reiss – e em qualquer situação de tradução;
- ter como base a função dos elementos e das características observáveis dentro do conteúdo e da estrutura do TF;
- ter, na figura do tradutor, a escolha das estratégias mais adequadas para o propósito da tradução que está trabalhando;
- poder ser utilizada pelo profissional em tradução, como forma

de reflexão sobre a sua prática, e por *trainees* (estudantes), enfatizando a sua competência lingüística e cultural;

- ser aplicável à língua do tradutor (*native – falante nativo*) ou outra (*foreign – estrangeira*), sem a necessidade de fazer referência às características específicas de ambas; e
- ser adequada aos estudos da tradução, ao treinamento e à prática tradutória.

O que permite Nord reunir essas características em um único modelo de análise textual é a perspectiva funcionalista de seu trabalho, voltada para as funções da linguagem, as quais determinam possíveis as estratégias tradutórias. Ao compreender essa perspectiva funcional por meio de situações delimitadas pelo tempo e pelo espaço, ocorre uma troca entre o ambiente cultural (que condiciona a situação comunicativa – “a língua deve ser respeitada como parte da cultura”) e o próprio ato comunicativo (que interfere nas relações sociais), visto que “a comunicação é condicionada por obstáculos da situação-em-cultura” (NORD, 1997a, p. 1). Como definição dessa sistematização, Nord utiliza a palavra ‘*looping*’ (realimentação). A idéia é justamente a de permitir ao tradutor uma avaliação freqüente do seu trabalho, à medida que avança com a tradução, reconhecendo e compensando os defeitos ou obstáculos durante a transferência para a LC; daí o seu caráter recursivo, ou seja, que permite uma reavaliação constante.

“Language is to be regarded as part of culture” e “communication is conditioned by the constraints of the situation-in-culture”.

Nesse sentido, todo texto – traduzido ou não – resulta da combinação de fatores externos (situacionais) e internos (lingüístico-textuais). Isso significa que, se houver uma modificação em um desses fatores, o outro também terá que mudar para se adequar à nova organização. Os fatores externos (FE) partem da perspectiva do emissor: quem (autor/emissor); para quem (público-alvo ou receptor); para que (intenção do autor); por qual meio (meio/canal da comunicação); onde (lugar da produção e da recepção textuais); por que (motivo da comunicação); quando (momento em que o texto foi produzido e no qual será lido); e com qual função (qual a função do TF e do TT). Já os fatores internos (FI) relacionam-se aos constituintes lingüísticos responsáveis pela estrutura que veicula a mensagem intencionada pelo autor: qual o assun-

Para sua melhor compreensão, consulte a Unidade 3 deste livro – Prática fundamentada em textos – em que você encontrará o Modelo de Nord na íntegra e aplicado ao exemplo escolhido.

to; quais as informações/conteúdo presentes; quais as pressuposições do conhecimento do público; qual a estruturação geral do texto; quais seus componentes não lingüísticos; quais as características lexicais e sintáticas; quais as características supra-segmentais (entonação/prosódia); e qual o efeito conseguido sobre o leitor.

Ao se respeitarem as características desse leitor final, o fator cultural entra em destaque. A relação cultura/produção escrita encontra na linguagem, possivelmente, a sua maior forma de expressão; basta lembrar que, como característica evolutiva, a linguagem foi o fator decisivo para nos diferenciar de todas as outras espécies, bem como para desenvolvermos a capacidade de criar, organizar e nomear símbolos e significados. Por isso linguagem e cultura são vistas aqui como uma “relação embrionária” (AZENHA, 1999, p. 30), isto é, como um só.

Da mesma forma que a tradução, o conceito de cultura adquire feições específicas para cada área do conhecimento que o emprega. Na Antropologia, a cultura é um conceito-chave para a interpretação da vida em sociedade, um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Isso funciona como uma espécie de “código genético” de cada grupo social, uma marca pessoal, por meio da qual as pessoas de um grupo determinado pensam, classificam, estudam, modificam e influenciam o seu próprio sistema e os outros. Na etnografia, a cultura é estudada por meio do modo como a comunicação é padronizada e organizada em eventos comunicativos e a forma como esses eventos interagem com outros sistemas culturais.

É fácil perceber que não há como dissociar cultura e linguagem. As regras culturais (valores familiares, etiqueta e hierarquia social) e o conhecimento traduzem o processo de formação do homem como um ser social e definem a base para a sua interação em grupo: sua linguagem e os papéis sociais que desempenha, sobre os quais comenta Ward Goodenough:

A cultura de uma sociedade consiste do que quer que seja que um indivíduo tenha que saber ou acreditar a fim de agir de uma maneira aceitável aos olhos de seus parceiros ou fazer, em qualquer papel que aceitem para si mesmos [...] [Cultura consiste de] conhecimento,

do modo mais geral, ainda que relativo, senso do termo. [...] [Cultura] são as formas das coisas que as pessoas têm em mente, seus modelos de perceber, relacionar e interpretá-la essas formas. Logo, o que as pessoas dizem ou fazem, suas associações sociais e eventos são produtos ou co-produtos de sua cultura na medida em que atribuem a ela [cultura] a tarefa de perceber e lidar com suas [as pessoas] circunstâncias (*apud SNELL-HORNBY, 1988, p. 39-40*).

A linguagem, como instrumento cultural, é um modo de interação e produção social. Não é neutra, nem inocente, visto que está engajada numa intencionalidade, como aquela existente nos textos que traduzimos.

A linguagem, como instrumento cultural, é um modo de interação e produção social. Não é neutra, nem inocente, na medida em que está engajada numa intencionalidade, como a aquela existente nos textos que traduzimos



Isto porque, se você pensar a comunicação como uma forma de interação, esse evento comunicativo adquire *dimensões históricas e culturais* que condicionam o comportamento verbal e não-verbal dos falantes, *seu conhecimento e expectativas* entre si e, conseqüentemente, “o ponto de vista a partir do qual eles se encaram entre si e o mundo” (*NORD, 1997a, p. 16*, grifos nossos).

Essa relação nos permite compreender a interculturalidade. Veja: se Emissor e Receptor fazem parte da mesma cultura, eles se bastam, *grosso modo*, para abrir e manter o canal de comunicação.

A society's culture consists of whatever it is one has to know or believe in order to operate in a manner acceptable to its members, and do so in any role that they accept for any of themselves [...] [It consists of] knowledge, in a most general, if relative sense of term. [...] It is the forms of things that people have in mind, their models for perceiving, relating, and otherwise interpreting them. As such, the things people say and do, their social arrangements and events are products or by-products of their culture as they apply it to the task of perceiving and dealing with their circumstances.

Communicative interactions take place in situations that are limited in time and space. This means every situation has historical and cultural dimensions that condition the agents' verbal and nonverbal behavior, their knowledge and expectations of each other, their appraisal of the situation, and the standpoint from which they look at the world.

Mas, se ambos estão em ambientes culturais distintos, precisam da figura do tradutor como mediador dessa comunicação. Isso é interculturalidade: a relação entre culturas distintas, a apreciação de diferenças, da singularidade de cada indivíduo, em vez da valorização excessiva da nossa própria cultura como se fosse a única existente. Assim, Nord define também a equivalência funcional (NORD apud HURTADO, 1997, p. 100):

... He combinado los dos modelos, estableciendo como principios guiantes tanto la *funcionalidad*, i. e. la aptitud del texto para un determinado fin, como la *lealtad*, i. e. **el respeto a las intenciones y expectativas no sólo del autor original sino también del cliente que ha encargado la traducción y de los lectores en la cultura meta** Todos ellos tienen su concepto determinado de lo que es o debe ser una traducción, y como pertenecen a dos culturas diferentes puede ocurrir que sean conceptos divergentes. **El traductor es el único que conoce ambos lados, el de la cultura base y el de la cultura meta, y es su tarea «mediar» entre ambas.**

Você pode acessar o site do professor Pym: <http://www.tinet.org/~apym/>.

Alguns críticos dessa abordagem, como *Anthony Pym* (1998), argumentam que pode haver perdas informacionais nesse processo. Os seus defensores, no entanto, argumentam que as perdas são inevitáveis e ocorrerão independentemente de seguirmos essa ou aquela abordagem.

Entretanto, Humboldt (1992, p. 3) destaca que “nem toda palavra de uma língua tem um equivalente exato na outra. Dessa forma, nem todos os conceitos que são expressos através de palavras de uma língua são exatamente os mesmos que são expressos através de palavras de uma outra”. Não existe uma palavra que corresponda inteiramente na forma e em sentido a outra em uma outra língua, o que significa que não há como expressar um conceito da mesma maneira em línguas diferentes. É necessário entender o significado na língua-fonte para só então transpor para a língua de chegada com a(s) estrutura(s) necessária(s) para a compreensão do leitor ou, às vezes, recorrer a uma estratégia de tradução chamada empréstimo ou calque na qual a língua de chegada “adota” um termo derivado da língua-fonte por não existir outra forma melhor de exprimi-lo. O que importa, de fato, independentemente das estratégias tradutórias e dos recursos utilizados, é que o TC possa estar devidamente adequado ao seu novo contexto cultural

e que, em sua forma e conteúdo, possa exercer as funções para as quais fora criado, pois o tradutor deve ser, na abordagem funcionalista, um comunicador eficiente.

2.4 “Memes” e estratégias – Andrew Chesterman

Andrew Chesterman (1997) integra seus trabalhos nas chamadas teorias sistêmicas da tradução. Suas investigações estabelecem um sistema de normas a serem seguidas para se traduzir adequadamente, podendo ser utilizadas quando de análises contrastivas de modo a revelar, por meio de dados estatísticos, qual norma prevalece na tradução e qual é a sua função no todo. As estratégias de Chesterman já foram tema de pesquisas de mestrado e doutorado e constituem importantes elementos para análise lingüística e treinamento de tradutores. Algumas das estratégias propostas por Chesterman (1997, p. 5) são denominadas *memes* (leia-se “mimis”), ou seja, unidades de transmissão cultural ou de imitação.

As normas propostas pelo teórico são as seguintes: 1) normas de produto ou expectativas e 2) normas profissionais ou de processo. A primeira estabelece as expectativas dos leitores da tradução de um determinado tipo de texto em relação ao que a tradução deveria ser. Essas normas permitem, também, julgamentos avaliativos feitos pelo próprio leitor, visto que ele tem noção daquilo que é ou não “apropriado”. A segunda norma, por sua vez, regula todo o processo, estando subordinada e determinada pela primeira norma. É possível, ainda, dividi-la em três subitens: i) responsabilidade ética: padrões profissionais e de integridade; ii) comunicação social: o tradutor deve assegurar o máximo de comunicação entre as partes; e iii) relações lingüísticas: a relação entre os TF e TT julgada pelo tradutor de acordo com o tipo de texto, as intenções do autor etc.

Porém, o que realmente atrai a atenção para pesquisas e estudos mais pontuais são as estratégias de tradução propostas pelo autor e que se configuram, geralmente, como tudo o que os aprendizes buscam, ou

seja, recursos concretos para poder traduzir. Elas incluem três grupos principais: **G** no eixo sintático/gramatical; **S** no eixo semântico; e **Pr** no eixo pragmático. Começemos, então, pelo eixo sintático/gramatical.

G – SINTÁTICO/GRAMATICAL

Aqui estão envolvidos os seguintes itens a serem considerados quando da comparação entre traduções, por exemplo, e ao longo do processo tradutório:

- tradução literal;
- *loan* ou calque: empréstimo de itens individuais ou do sintagma. É uma escolha deliberada feita pelo tradutor e não uma interferência indesejada ou uma influência inconsciente de outros textos;
- transposição: termo emprestado de Vinay e Dalbernet; diz respeito às mudanças em classes de palavras: substantivo para verbo, adjetivo para advérbio. É uma estratégia que envolve mudanças estruturais;
- deslocamento de unidades como morfemas, palavras, locuções, partes da sentença, sentença inteira e parágrafo do TF para uma unidade diferente no TT;
- mudança de estrutura de partes da sentença: engloba um número de mudanças no nível da frase, incluindo número, definição e modificação nos sintagmas, na pessoa, no modo e no tempo verbal. A unidade em si permanece inalterada, pois o TF deve manter uma correspondência com o TT. O que muda é só a sua estrutura interna;
- mudança de estrutura de partes da frase em termos de seus constituintes: ordem de constituintes: sujeito, verbo, objeto, complemento, advérbios, voz ativa e passiva, e verbos transitivos e intransitivos;
- mudança de estrutura de sentença: afeta a estrutura da unidade da sentença com mudanças de oração principal e subordinações;

- mudanças de coesão: afeta a referência intratextual, elipse, substituição, pronominalização, repetição ou uso de conectores de vários tipos;
- deslocamento de níveis (fonológico, morfológico, sintático e lexical) de um para outro sob a influência do tipo de língua envolvido na tradução: se são mais analíticas ou mais retóricas e aglutinativas. O papel da entonação também está associado a esses deslocamentos; e
- mudança de esquema: incorporação de esquemas retóricos no TT como o paralelismo, a repetição e a aliteração.

S – SEMÂNTICAS

Estes itens têm a ver, mais de perto, com questões lexicais no que se refere a escolhas lexicais ou paráfrases feitas pelo tradutor:

- sinonímia: não seleciona o equivalente “óbvio”, mas sim um sinônimo que evita a repetição;
- antonímia: seleciona um antônimo, geralmente combinado com um elemento de negação;
- hiponímia – são deslocamentos comuns numa relação que se estabelece com base na maior especificidade do significado de um deles: “mesa” está numa relação de hiponímia com “móvel”;
- oposição: pares de estruturas verbais que expressam o mesmo estado de interesses partindo de pontos de vista opostos, tais como “comprar” e “vender”;
- mudanças de abstração: determinados itens podem se mover de um nível abstrato para um mais concreto, e vice-versa;
- mudanças de distribuição: mudanças dos mesmos componentes semânticos sobre mais itens (expansão) ou menos itens (compressão). O recurso da expansão, em certos casos, pode acabar diluindo o texto;

- mudanças de ênfase: adiciona, reduz ou altera a ênfase ou o foco temático por alguma razão;
- paráfrase: resulta em uma versão do TT que pode ser descrita como mais livre. Os componentes semânticos no nível lexical tendem a ser desconsiderados em favor do senso pragmático de alguma unidade maior, como uma frase inteira, por exemplo; e
- mudança de tropo: pode representar um conjunto de estratégias que se aplicam à tradução de tropos retóricos.

Pr – PRAGMÁTICA

As mudanças neste nível dizem respeito à seleção de informações no TT, governadas pelo conhecimento do tradutor ou do leitor em prospecção. Essas mudanças envolvidas partem do TF e incorporam mudanças semânticas e/ou sintáticas. Elas se configuram como o resultado das decisões globais do tradutor em relação ao modo apropriado de se traduzir o texto:

- filtro cultural: naturalização, domesticação e adaptação. Descreve o modo como itens da LF, especificamente os culturais, são traduzidos como equivalentes culturais ou funcionais na LC;
- explicitação/implicação: a explicitação é uma estratégia comum e se refere à adição de componentes explícitos ao TF. A implicação é o oposto. Em ambos os casos, o tradutor deve ter em mente as informações prévias do leitor sobre o assunto do TF para decidir sobre qual estratégia utilizar. Essa estratégia aproxima-se da pressuposição dentro da sistematização de Nord;
- informação: adição de novas informações no TT e que podem ser relevantes para a compreensão do leitor. Essas informações podem, às vezes, determinar a inclusão de parágrafos inteiros. Por outro lado, pode haver, também, a omissão de informações dependendo do conhecimento que o público já tenha sobre o assunto do TF. Com essa estratégia, o tradutor evita que a leitura se torne cansativa ou fique redundante para o leitor final;

- mudanças interpessoais: operam no nível estilístico e alteram o nível de formalidade, o grau de emotividade, o envolvimento do autor e o nível lexical técnico. São mudanças de relacionamento texto/autor e leitor;
- mudanças de elocução: mudanças no ato de fala, por exemplo, do modo indicativo para o imperativo ou o uso de perguntas retóricas e exclamações;
- mudanças de coerência: a coesão tem a ver com marcadores textuais, enquanto a coerência resulta na organização lógica das informações no texto, por exemplo, organização dos parágrafos em introdução, corpo e conclusão;
- tradução parcial: tradução mais resumida, transcrição, tradução de sons, tradução “simbolista” de textos literários;
- mudanças de visibilidade: tem a ver com o status da presença do autor por meio do uso de notas de rodapé e parênteses. Dessa maneira, o tradutor pode se fazer visível entre o autor do TF e o leitor do TT; e
- reescrita total: reescrita, geralmente radical, que os tradutores necessitam fazer, às vezes, para corrigir originais mal escritos, incluindo aí a reordenação e a reescrita drástica de algumas partes do texto.

Resumo

Neste capítulo, começamos estudando a contribuição do teórico inglês Lawrence Venuti por meio de seu posicionamento referente aos itens: apagamento do tradutor ou à sua invisibilidade, o papel das agendas políticas e culturais atuantes sobre o trabalho do tradutor e as duas estratégias de tradução propostas pelo autor – a domesticação e a estrangeirização. Conforme você lembra, Venuti defende a estratégia da estrangeirização, seguindo o posicionamento anteriormente estabelecido pelo teórico alemão Friedrich Schleiermacher, para quem era o método mais correto de tradução: levar o leitor até o autor, ou seja, fazer com que o leitor tivesse consciência de que estava diante de uma tradução,

por meio de elementos da cultura-fonte. O leitor se sentiria assim em ambiente estrangeiro e seria levado indiretamente à presença do tradutor. Por fim, Venuti ressalta que ambas as estratégias, domesticação ou estrangeirização, podem ser válidas considerando-se o tipo de texto que temos em mãos.

Vimos também que Antoine Berman retoma os teóricos alemães do século XIX preocupados com a tradução como *meio* constitutivo do processo de formação cultural e enriquecimento da língua literária. Com essa retomada, propõe uma reflexão sobre a tradução como relação com o Outro, como abertura do Próprio ao Estrangeiro e, partindo dessa perspectiva, elabora uma teoria moderna da tradução que pretende subverter uma noção etnocêntrica para pensá-la como abertura para o estrangeiro. É nesse sentido que Berman elabora uma analítica da tradução que problematiza as tendências deformadoras levadas a cabo pela concepção dominante no Ocidente sobre a tradução e propõe a ênfase na tradução da *letra* e não do *sentido*, opondo, com isso, dois métodos de tradução: estrangeirizante e domesticadora.

Partimos depois para a revisão de informações básicas sobre a abordagem funcionalista de Christiane Nord para a tradução e, paralelamente, o papel da cultura nessa discussão. Ao longo dessa leitura você pôde encontrar familiaridades entre as discussões de Reiss e Vermeer, no início deste livro, ao fazerem referência à questão da equivalência textual como um elemento fundamentado na função textual, para o leitor na língua de chegada, com a funcionalidade mencionada por Nord. As críticas à sua sistematização provêm de grupos que rejeitam a idéia de textos dessa natureza serem “encapsulados” em “modelos” como esse. Lembramos a você, no entanto, que a palavra “modelo” é empregada num sentido didático, visto que essa sistematização de Nord é utilizada também em cursos de tradução, de caráter eminentemente prático.

Durante muito tempo, a noção de tradução ficou confinada a limites centrados num modelo que podemos chamar de “*language meets language*” (RIBEIRO, 2005), isto é, relações entre textos no âmbito de processos de transferências fiéis à letra, ou seja, literais quer fosse a forma, léxico, conteúdo ou estilo. Esses processos pressupõem, normalmente, uma unidade da língua, o que limita a atividade tradutória, constante-

mente, à busca de equivalências dentro desses tópicos. Alguma observação de que a cultura tenha sido colocada de lado? Você tem razão. É isso que o funcionalismo e os estudos culturais procuram reverter.

E para fechar este capítulo, estudamos as normas de tradução propostas por Andrew Chesterman: normas de produto ou expectativas e normas profissionais ou de processo. As normas de produto têm a ver com as expectativas dos leitores em relação à tradução, ao tipo de texto e à linguagem, permitindo julgamentos avaliativos em função do que considere como sendo apropriado ou não para o texto traduzido. Nesse sentido estão envolvidas questões como a desconsideração com o leitor em prospecção, gerando, por exemplo, a repetição de conceitos desnecessários ou a omissão de explicitações importantes em pontos desconhecidos pelo leitor. Segundo Chesterman e também Nord, se o tradutor manter uma atitude prospectiva em relação ao seu leitor, é possível tornar a tradução funcionalmente adequada, ou seja, respondendo às expectativas de construção de sentido do leitor. Lembramos que um texto só constitui sentido para quem o lê quando é capaz de estabelecer a ponte entre o conhecimento prévio (já adquirido pelo leitor) e as informações novas postuladas pela tradução, neste caso. A segunda norma proposta por Chesterman regula todo esse processo, estando subordinada e determinada pela primeira norma e sendo, ainda, dividida em três subitens: i) responsabilidade ética; ii) comunicação entre tradutor e leitor; e iii) relações lingüísticas: a relação entre os TF e TT julgada pelo tradutor de acordo com o tipo de texto, as intenções do autor etc.

Sugestões de leitura

ARRIGUCCI JR, Davi. Entrevista com Davi Arrigucci Jr. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 39, n. 1, p. 9-18, 2005.

BAKER, Mona. Lingüística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, Márcia A. P. **Tradução e multidisciplinaridade**. Puc/Rio: Lucerna, 1999.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menárd, autor do Quixote. In: _____. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: Abril Cultural, 1972. p. 47-58.

BRANCO, Sinara de Oliveira. **The Application of Chesterman's (1997-2000)**. Translation Strategies to the Analysis of Translated Online Journa-

listic Texts Following the Nordin (1991-1997) Functionalist Approach. Tese (Doutorado) – UFSC, 2007.

BRITTO, Paulo Henriques. As condições de trabalho do tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 19, 2007/1. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos19/paulo_henriques.pdf>. (Último acesso em 13/01/09)

BÜRGER, Juliane. Resenha de Antoine Berman. Pour une critique des traductions: John Donne. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 8, 2001/2. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5901/5581>> (Último acesso 13/01/2009)

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: Haroldo de Campos. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHESTERMAN, Andrew. **Mememes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

FREITAS, Luana Ferreira de. Visibilidade problemática em Venuti. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 12, 2003/2. Disponível em: <<http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/luana.pdf>>. (Último acesso em 13/01/09)

HOFFMAN, Kate. Resenha de Lawrence Venuti. The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 4, 1999.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: Theories and Application**. NY: Routledge, 2002.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation**. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam, Atlanta, GA, 1991.

_____. **Functionalist Approaches Explained**. Manchester, UK: St Jerome Publishing, 1997.

_____. Defining Translation Functions: The Translator Brief as a Guideline for the Trainee Translator. In: LÖRSCHER, Wolfgang. Translation Studies in Germany. **Ilha do Desterro**, Florianópolis: EDUFSC, 1997b. p. 39-53.

_____. Text Function(s) in Bible Translation? In: **ATA Chronicle**. 2003. v. XXXIII. p. 34-38.

_____. Comunicarse funcionalmente en dos lenguas. In: FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina; WORJAK, Berd (Ed.). **Léxico especializado y comunicación interlingüística**. Stica, Granada: Granada Lingüística, 2004. p. 285-296.

PONTES, Geraldo Ramos; BATALHA, MARIA Cristina. A tradução como prática da alteridade. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 13, 2004/1. Disponível em: <<http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/batalha.pdf>>. (Último acesso em 13/01/09)

RIBEIRO, Antonio Souza. **A tradução como metáfora da contemporaneidade: pós-colonialismo, fronteiras e identidades**. 2005. Disponível em: <http://www.eurozine.com/articles/article_2005-07-18-ribeiro-pt.html>. (Último acesso em 13/01/09)

ROBINSON, Douglas. **Construindo o tradutor**. Disponível em: <<http://www.usc.br/edusc/noticias/assesusc40.htm>>. (Último acesso em 13/01/09)

SINTRA. **Sindicato Nacional dos Tradutores**. Disponível em: <<http://www.sintra.org.br/site/index.php?pag=estudante>>. (Último acesso em 13/01/09)

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução. Por uma ética da diferença**. São Paulo: Edusc, 2002. Disponível em: <<http://www.usc.br/Edusc/noticias/assesusc38.htm>>. (Último acesso em 13/01/09)

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. In: _____. **Palavra 3**. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis**. Uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.



Unidade B

Iniciando a prática



3 Prática fundamentada em textos: análise e tradução

Nesta seção você terá a oportunidade de analisar alguns textos que trazem para a prática a teoria comentada sobre os autores que discutimos anteriormente: Antoine Berman, analisando e traduzindo textos literários, Christiane Nord, com textos jornalísticos on-line e turísticos, e Andrew Chesterman, em um exercício de tradução comparada a partir de um artigo acadêmico.

3.1 Tradução orientada para análise textual – o texto jornalístico on-line

O texto que selecionamos é uma notícia do jornal equatoriano “HOY” sobre Oscar Pilamunga e um crime cometido por ele. Como você pode observar, apesar de o jornal ser equatoriano, o caso atingiu repercussão internacional, sendo, então, transmitido pela agência de notícias Reuters, explicando-se, assim, o idioma inglês para a sua redação. Optamos por deixar o texto em inglês, pois a versão original, em espanhol, é bastante condensada, não oferecendo os detalhes que consideramos necessários para que você visualize a teoria de Nord na prática.

O texto foi analisado em relação aos fatores externos e internos, e sua tradução foi realizada considerando como público-alvo leitores brasileiros de jornais sensacionalistas, tais como “Notícias Populares”, de Florianópolis, e “A Tribuna”, do Paraná. Ambos são considerados “jornais pinga sangue”, dado o teor bizarro de suas matérias e também pela linguagem bastante informal e característica, recheada de jargões policiais, termos populares e até mesmo palavrões. Foi exatamente o item léxico que consideramos para essa atividade, ressaltando termos bizarros e grotescos como: 1. *sawing off* – serrar; 2. *strangling* – estrangular; 3. *stuffing her body in a suitcase* – socar o seu corpo em uma mala de viagem; e 4. *tossed the head in a trash bin* – jogar a cabeça numa lixeira. O texto ainda é marcado pela ironia de um crime “quase perfeito”, visto

que o assassino acabou por deixar uma pista para a polícia na mala onde colocou o corpo da mulher: o número do seu telefone.

Jilted Chef Admits Sawing off Wife's Head

Articles / National news – Date: Apr 14, 2004 – 04:20 AM – Reuters. <http://cfadvocate.com/postnuke/html/print.php?sid=306> and <http://www.spursreport.com/forums/102718-post1.html>

NEW YORK (Reuters) – A New York chef was sentenced Tuesday to 15 years to life in prison after strangling his wife, sawing off her head and stuffing her body in a suitcase for threatening to leave him.

Police say Oscar Pilamunga, 25, a chef at an Italian restaurant in Manhattan, became enraged in May 2003 when his wife, Beatrice Yually, 22, said she was leaving him for another man.

He choked her, cut off her head with a handsaw, put her body in a suitcase and dumped it on a street where it was discovered by startled residents, they said.

Pilamunga told police he tossed the head in a trash bin, but it has yet to be found.

"I killed my wife," Pilamunga told Manhattan Supreme Court Judge Carol Berkman during his plea hearing Tuesday.

"How?" the judge asked.

"I tried to strangle her," he replied.

"You did strangle her," the judge corrected him.

The victim, the mother of their two children, sold ices on the street. The couple, who came from Ecuador, had married nine years earlier when she was 13, police said.

Police were led to Pilamunga by a number of clues inside the suitcase, including a telephone number found in the dead woman's pocket.

Cozinheiro corneado corta a cabeça da mulher com serrote

Na terça-feira passada, um cozinheiro de Nova Iorque foi para o xilindró, condenado a prisão perpétua. Tudo porque, no auge da raiva, e depois de tomar umas e outras, o corno estrangulou, serrou a cabeça e enfiou o corpo de sua amásia numa mala, quando ela ameaçou abandoná-lo.

Oscar Pilamunga, um imigrante ilegal do Equador, de 25 anos, era cozinheiro de um restaurante italiano num bairro chique em Nova Iorque. O meliante entrou em parafuso quando a mulher disse que ia meter o pé na sua bunda para fugir com o amante em maio do ano passado. Beatriz Yualli, de 22 anos, era casada desde os 13 com Pilamunga. A piranha também era imigrante

ilegal e pagou com a vida por ter se apaixonado por outro homem. Para defender sua honra, o assassino frio, assassinou a vítima com requintes de crueldade. Ele esperou para ficar em casa sozinho com ela. Depois de lhe dar uns tabefes, ele amarrou uma sacola de mercado em sua cara e a estrangulou. Depois serrou a cabeça, na altura do pescoço, com um serrote enferrujado e enfiou o corpo degolado e ensangüentado num baú, jogando-o no meio da rua.

Como o povão é curioso mesmo, o baú com o cadáver da vítima, já em adiantado estado de putrefação, foi achado por alguns vizinhos que estavam de cara com a violência do crime, algo raro nas redondezas. A cabeça da vítima ainda não foi encontrada. Pilamunga disse a PM que jogou a cabeça numa lixeira, mas não lembrava onde. “Matei aquela vadia sim”, disse Pilamunga no Tribunal em depoimento à juíza Carol Berckman, semana passada. “Como você fez isso?”, perguntou a juíza. “Bom, primeiro eu tentei estrangular aquela vagabunda”, ele respondeu. “Tentou não, você de fato estrangulou sua esposa”, disse a juíza.

Beatriz era mãe de dois filhos, agora órfãos, e vendia picolé na rua para sobreviver. O casal estava junto há nove anos, disse a PM. Os policiais conseguiram chegar até Pilamunga porque além de corno, o cara é burro. Ele deixou uma série de pistas dentro da mala com o cadáver dilacerado, entre elas o número do telefone no bolso da roupa da vítima. Isso reforça o ditado de que todo corno além de chifrudo é burro.

	Texto-fonte	Problemas e procedimentos da tradução	Texto traduzido
Fatores extratextuais			
Emissor	National news –Reuters		Noticias Populares Tribuna
Intenção	Informar sobre um assassinato incomum	Tornar o assunto jocoso	Informar sobre um assassinato bizarro
Receptor	Público leitor da internet e equatorianos		Público leitor brasileiro
Meio	On-line		(poderia ser impresso e on-line)

Lugar	New York	Brasil
Tempo	Apr 14, 2004, 04:20 AM -	-
Propósito (motivo)	Registrar o crime imperfeito com as pistas na mala	Registrar o crime imperfeito com as pistas na mala
Função textual	Informar o leitor e ressaltar a ironia do final dos acontecimentos	Informar o leitor e ressaltar a ironia do final dos acontecimentos
Fatores internos ao texto		
Tema	Assassinato	Assassinato
Conteúdo	Profissão, sentença prisional; idade dos envolvidos, motivo do crime, forma de matar	Profissão, sentença prisional; idade dos envolvidos, motivo do crime, forma de matar
Pressuposições	Conhecimento sobre Manhattan; New York, profissão comum a imigrantes nos Estados Unidos	Que o leitor desconheça o detalhe do imigrante ilegal Conhecimento sobre Manhattan; New York, profissão comum a imigrantes nos Estados Unidos
Estruturação	Introdução, diálogo e desfecho	Introdução, diálogo e desfecho
Elementos não-verbais	Nenhum	Nenhum

Léxico	Estrangulou, serrou, jogou lixo, socou – mais seco	Inserção de adjetivos e termos jocosos sobre o crime	Palavras simples, grotescas, chulas, semelhantes ao TF, mais uso de adjetivos
Sintaxe	Frases simples e curtas		Frases mais longas, mas ainda mantendo o diálogo
Elementos supra-segmentais	Aspas para o diálogo		Aspas para o diálogo
Efeito do texto	Horror no leitor diante da crueldade e frieza do assassino e riso pela ironia do desfecho final	Ironizar e debochar do caso	Causar riso no leitor com a ironia do telefone na mala e horror com os detalhes da crueldade do crime

3.2 Antoine Berman: por um trajeto analítico

Em *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), Antoine Berman propõe um possível trajeto de análise das traduções ou o esboço de um método de análise crítica das traduções que se divide em seis passos fundamentais:

1. aprender a ler uma tradução: um longo e paciente trabalho de leitura e releitura da tradução, deixando de lado o original, para detectar seus aspectos positivos e negativos;
2. realizar o trabalho de leitura crítica do original, também deixando de lado a tradução, detectando suas singularidades;

3. ir até o tradutor, ou seja, colher informações sobre sua trajetória profissional e o mais importante: sobre sua posição na tradução, seu projeto de tradução e seu horizonte tradutivo;
4. confrontar o original e a tradução. Este passo envolve, por sua vez, uma série de medidas: além da confrontação propriamente dita, a comparação com outras traduções feitas pelo autor e com outras traduções da mesma obra. O importante é destacar o caráter pedagógico das comparações realizadas, pois a pluralidade de traduções indica a pluralidade de soluções trazidas por cada tradutor;
5. analisar a recepção da obra, ou seja, sua repercussão entre a crítica e o público; e
6. no caso de que a tradução analisada exija uma retradução, expressar os princípios nos quais deve estar pautada; indicar também possíveis projetos futuros de tradução.

No plano teórico, o método parte da idéia de que é preciso negar as “tradutologias” que pretendem regram a prática da tradução, pois esta se faz, sobretudo, a partir da *bagagem literária* do tradutor, quer dizer, a partir de seu repertório de leitura, que deve ser sempre o mais vasto possível. Berman afirma que o fundamental na realização de uma tradução é a definição prévia de seu projeto e a consecução dos objetivos propostos. Esta, portanto, deve ser a preocupação do crítico da tradução: analisar na tradução como seu projeto foi colocado em prática e quais foram as conseqüências do projeto em relação ao original. A existência de um projeto, contudo, não contradiz o caráter intuitivo do traduzir, ou seja, da intuição atravessada pela reflexão (“intuição refletida”), que orienta muitas das decisões tomadas ao longo do processo de tradução.

A relação esperada do tradutor com a obra que traduz é de *diálogo* e não de submissão, quer dizer, supõe-se encontrar decisões conscientes e explícitas para dar conta de um projeto de tradução que tem como objetivo a recriação de uma obra, cujo produto, embora derivado (a tradução), não deixará de ter um caráter original e criativo em sua língua de chegada.

Veremos um pouco mais de perto os passos de análise crítica a partir da tradução de um conto (*Las fieras*), de Roberto Arlt (escritor argentino, 1900-1942), feita por Sérgio Molina. O texto na íntegra está disponível no final de nosso livro, de modo que poderemos seguir juntos o caminho de análise (ver a proposta de atividade no Capítulo 4).

Seguindo o método de Berman, nosso **primeiro passo** será a leitura da tradução, em que procuraremos detectar:

1. se o texto está bem escrito no sentido mais elementar;
2. se o texto ultrapassa essa exigência básica e se possui sistematicidade e organização de todos seus componentes;
3. as zonas textuais problemáticas, em que o texto se enfraquece, perde o ritmo, se contradiz etc.; e
4. as zonas textuais “miraculosas”, zonas de graça e riqueza do texto traduzido.

O **segundo passo** será a leitura do texto de partida, procurando identificar:

1. os traços estilísticos que singularizam a escrita e a língua do original;
2. os ritmos que o texto traz, como se vincula a escrita à língua; e
3. exemplos estilísticos pertinentes e significativos: passagens que condensam, representam, significam ou simbolizam o texto.

O **terceiro passo** será procurar informações sobre o tradutor, saber sua origem, conhecer sua atuação profissional, saber se fala e traduz de outras línguas, pesquisar que outras obras traduziu e se escreve sobre sua prática e sobre os princípios que a guiam. O mais importante será procurar identificar sua *posição na tradução*, seu *projeto de tradução* e seu *horizonte tradutivo*:

- a. *posição na tradução*: concepção ou percepção do ato de traduzir; o que é a tradução para ele? Comunicação, informação, intercâmbio, imposição, manifestação etc.;

- b. projeto de tradução: escolhas definidas com base na posição tradutiva, tais como organizar uma antologia ou traduzir um livro completo; fazer edição bilíngüe ou monolíngüe; escrever uma introdução e/ou prefácio. Além disso, a própria definição da maneira de traduzir, por exemplo, atribuindo maior ou menor grau de autonomia ao texto traduzido; e
- c. horizonte do tradutor: conjunto dos parâmetros da linguagem, literários, culturais e históricos, que determinam o sentir, o agir e o pensar de um tradutor. É, ao mesmo tempo, o espaço aberto para sua ação e o círculo de possibilidades que o limitam (seu campo teórico de atuação).

O **quarto passo** é o da confrontação entre o texto de partida e o texto traduzido, em que podemos recorrer à:

1. comparação da tradução com outras traduções feitas pelo tradutor;
2. comparação da tradução com outras da mesma obra;
3. comparação propriamente dita entre os elementos selecionados no texto de partida (passagens mais significativas identificadas no passo 2) com as passagens correspondentes na tradução; e entre as zonas textuais problemáticas e “miraculosas” identificadas no passo 1 e as mesmas no texto de partida; e
4. comparação da tradução com seu próprio projeto: aquilo que ela se propôs e aquilo que ela realizou (sem, contudo, prender-se aos desacordos entre um e outro, posto que esses sempre dizem respeito à imperfeição inerente ao ato de traduzir).

O **quinto passo** é o estudo da recepção da obra: pesquisar em jornais e revistas (na imprensa em geral) e em trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações e teses) a divulgação e a avaliação recebida pela tradução; averiguar também sobre a recepção pelo público, verificando, por exemplo, se houve novas edições.

Finalmente, o **sexto passo** é a crítica produtiva da tradução, considerando todos os passos anteriores, em que se procurará expor de forma

clara, objetiva e respeitosa o projeto de tradução identificado e as estratégias empregadas para sua realização, assim como os resultados no conjunto do texto traduzido.

3.2.1 Esboço de aplicação de um método

Certamente muitas idéias surgiram nesse longo percurso de análise e discussão com seus colegas. Veremos mais algumas possibilidades de análise da tradução de Sérgio Molina do conto de Roberto Arlt intitulado *As feras*.

Provavelmente o primeiro adjetivo que vem à mente depois da leitura do conto é: estranho. Sim, há algo de não familiar nessa escrita, talvez algo truncada, talvez repleta de metáforas esquisitas e palavras desconhecidas. A primeira reação talvez fosse rejeitar a tradução, considerá-la malfeita. Mas, antes de fazê-lo, é sempre bom dar uma nova chance: leia mais uma vez, e mais outra, se ainda for preciso. Aos poucos, o universo do conto torna-se mais familiar. Para melhorar esse primeiro contato com o escritor estrangeiro e sua obra, por meio da tradução, é também de grande ajuda ler os paratextos, aqueles que acompanham o texto principal, que introduzem um autor e sua obra ao novo leitor, como é o caso da apresentação de Ricardo Piglia que acompanha as traduções dos contos feitas por Sérgio Molina.

Como vemos na apresentação de Piglia, a estranheza não é privilégio do texto traduzido. Ao contrário, o próprio Arlt mantinha uma relação de distância e estranheza com a língua em que escrevia, o espanhol, opondo-se à rigidez das normas cultas da linguagem e aos padrões de escritura dominantes na Argentina de sua época. Assim, uma tradução que facilitasse a leitura, que apagasse as marcas de estranheza, não seria capaz de apresentar ao leitor a potencialidade da escritura arltiana. O que não quer dizer, é claro, que qualquer estranheza basta para “reproduzir” seu estilo. Evidentemente, “recriar” no texto traduzido as singularidades do estilo de Arlt exige um cuidadoso trabalho estético.

O cuidado na tradução é sentido desde o início pelo projeto apresentado: os já mencionados paratextos (apresentação de Ricardo Piglia

*O conto em espanhol pode ser encontrado em: ARLT, Roberto. **Cuentos completos**. Buenos Aires: Seix Barral, 1996. p. 55-66. A tradução está em: ARLT, Roberto. **As feras**. São Paulo: Iluminuras, 1996a.*

e nota do tradutor) e a seqüência dada pela editora *Illuminuras* a esse primeiro volume de contos de Arlt traduzidos no Brasil com outras duas obras do escritor: *Viagem terrível* e *Os sete loucos & os lança-chamas* (Tradução de Maria Paula G. Ribeiro, 1999 e 2000, respectivamente); além disso, a inscrição dessas traduções em um projeto maior de tradução de literatura argentina no Brasil, com autores como Ricardo Piglia, Luis Gusmán, Estela Canto, Sylvia Molloy, Eduardo Sguiglia, Pep d’Stagni, Oliverio Girondo e Alan Pauls.

Também é importante mencionar, como você já deve ter visto em sua pesquisa sobre o tradutor, que Sérgio Molina tem uma longa trajetória profissional, com cerca de 50 traduções do espanhol para o português brasileiro publicadas, principalmente prosa narrativa espanhola e hispano-americana, como obras dos argentinos Jorge Luis Borges, Tomás Eloy Martínez, Ernesto Sábato e Ricardo Piglia, dos mexicanos Ignacio Padilla e Jorge Volpi, dos espanhóis Antonio Muñoz Molina, Antonio Soler, Carmen Martín Gaité e a grande obra de Cervantes, *D. Quixote*, cuja tradução rendeu o prêmio Jabuti 2004 a Sérgio Molina (menção honrosa); além de traduções de Alejo Carpentier (Cuba), Laura Restrepo (Colômbia) e Mario Vargas Llosa (Peru).

Tudo isso nos faz pensar que realmente devemos ler com cuidado a tradução, encarando-a como um importante esforço de trazer ao leitor brasileiro a complexidade da escrita arltiana.

Primeiramente, destacamos algumas passagens muito bem-sucedidas, que, nos termos de Antoine Berman, poderiam ser chamadas de “miraculosas”. Passagens em que se recriam a violência do léxico encontrado no texto de partida, o expressionismo das paisagens, a intensidade do sofrimento e o mergulho nos mais profundos questionamentos do narrador.

O sol cintilava no muro vermelho do prostíbulo, e diante da chapa de ferro da porta engastada na muralha de tijolos havia um pântano de urina e um poste para amarrar os cavalos. O vento fazia ranger em seu suporte um lampião de petróleo (ARLT, 1996a, p. 103).

O sol não brilhava, mas “cintilava”, a porta não estava colocada, mas “engastada” em uma “muralha” e não em um simples muro. Não havia

poças de urinas, mas verdadeiros “pântanos”, e o lampião não soava, mas “rangia”. Por aí percebemos que as escolhas lexicais do tradutor são fundamentais para criar a tensão do ambiente.

O vento que sacode a madeira das janelas porque os vidros estão quebrados e foram substituídos por telas de arame, ao paso [sic] que vem de fora o barulho uniforme de uma carroça de rodas gigantes, carregado [sic] com uma pirâmide de sacas de milho, e o chicote estala junto às orelhas dos oitos cavalos envoltos em grandes nuvens de poeira amarela (ARLT, 1996a, p. 104).

A paisagem é expressionista, com objetos gigantes, cores fortes, ar nebuloso. O ruído da carroça em um local desolador e o estalo do chicote maltratando os animais nos conduzem a esse clima próprio do universo arltiano. Por outro lado, as eventuais “incorreções” podem corresponder a uma tentativa de recriar uma escrita não submetida às normatizações.

Feras enjauladas, permanecemos atrás das barras dos pensamentos resíduos, e é por isso que com tanta dificuldade se desprende o sorriso canalha do semblante encolado numa contração de tédio canino (ARLT, 1996a, p. 108).

Para dizer a verdade, pesa como chumbo em nossas consciências um sentimento implacável, talvez a mesma fera vontade que encrespa as bestas carnicieras em seus covis de bosques e montanhas (ARLT, 1996a, p. 112).

A exploração do sofrimento dos “ex-homens” que habitam o conto é intensa, assim como sua constante animalização, ambas recriadas na tradução: “feras enjauladas”, “tédio canino”, “fera vontade” e “bestas carnicieras”. Metáforas e comparações encerram a violência característica de Arlt.

Complementarmente, vemos também no texto traduzido uma mescla de registros também característica de Arlt, que incorpora palavras do lunfardo (gíria de Buenos Aires formada, no início do século XX, a partir do convívio entre imigrantes de vários países, principalmente Itália, e associada, inicialmente, aos espaços de sociabilização nos subúrbios – *conventillos* e *prostíbulos* – e ao mundo do delito), uma

linguagem popular e, ao mesmo tempo, um exagero nas palavras e nas expressões rebuscadas, brincando justamente com a oposição.

Temos passagens como:

De vez em quando ministra uma surra brutal a sua “patroa” (ARLT, 1996a, p. 109).

Emoção que carrega a expectativa de algumas palavras sussurradas sub-repticiamente (ARLT, 1996a, p. 113).

Combinadas, ao longo do texto, com uma linguagem muito menos elegante:

O mate que roda lentamente entre as mãos de dez rameiras remelentas (ARLT, 1996a, p. 103).

Pelos cantos negras segurando num braço um recém-nascido a quem davam de mamar, enquanto para não perder tempo abriam com a mão livre as calças de um ébrio afoito (ARLT, 1996a, p. 104).

O “mate” mencionado na passagem acima nos revela uma característica do projeto de tradução que está também associada ao estranhamento de que falávamos no início. Podemos dizer que o tradutor opta por “estrangeirizar” o texto – nos termos de Antoine Berman – que opta por levar o leitor até o autor, estabelecendo um contato com a língua e a cultura do texto de partida. Assim, temos a referência à Igreja “Nueva Pompeya” e ao presidente Irigoyen, assim como ao “mate”, à “sopa de locro” e aos nomes das cidades percorridas pelo narrador, bem como de seus comparsas, especialmente, o “Pibe” Repolho, embora este último tenha sido isolado com as aspas (o que não ocorre no texto de partida), incorrendo no que Berman chamaria de “exotização dos vernaculares”.

Nesse sentido, Molina opta também por manter-se próximo do léxico do texto de partida, resgatando algumas palavras de pouco uso no português, como “uma bazófia de tristeza”, “um destacamento de gendarmes”, “a venialidade” ou “um petardo”.

Ao mesmo tempo, e talvez como desacordo inerente a todo ato de traduzir, como diria Berman, Molina opta também por alguns “equiva-

lentes” na língua de chegada, no caso de expressões idiomáticas e recriação da oralidade.

Por exemplo, para traduzir a expressão “Le da tanto un barrido como un fregado” (ARLT, 1996, p. 60), Molina opta por “Pau para toda obra” (ARLT, 1996, p. 107). E no mesmo parágrafo, para traduzir “el cuento de ‘filo misho’”, escolhe o “conto do paco”. Perde-se, portanto, qualquer referência à expressão na cultura de partida, incorrendo no que Berman chamaria de “destruição das locuções”. Quando nos últimos parágrafos, o narrador reproduz uma possível fala do cafetão para sua mulher, ele diz “tené cuidado con los tiras, nena” (ARLT, 1996, p. 65), que Molina traduziu para “Cuidado com os tiras, guria” (ARLT, 1996, p. 114), voltando-se não somente para a língua de chegada, mas para uma palavra de uso regional.

A questão da tradução das expressões idiomáticas e das recriações de oralidade impõe grandes dificuldades para o tradutor. Vimos como o problema se apresenta para Berman, por exemplo. No caso que analisamos aqui, temos também a questão da tradução do lunfardo, um vocabulário de uso muito particular na própria língua de partida, com significados muito vinculados a seu contexto sociocultural.

Quais seriam as opções para o tradutor? Apagar o lunfardo, exotizá-lo, colocando-o entre aspas ou em itálico, vulgarizá-lo, traduzindo-o por uma gíria local na língua de chegada. Todas as opções, segundo Berman, implicariam em uma tendência deformadora.

Molina optou, em alguns casos, por encontrar “equivalentes” na gíria brasileira, traduzindo “cincuenta latas” para “cinquenta pratas”; “cattangas y marineros” para “bagrinhos e marinheiros”; “pesquisas” para “tiras”. Em outros casos, o que era *lunfardo* perdeu seu caráter de gíria, como a tradução de “cuadro quinto” para “pavilhão cinco”, “berlina” para “berlinda”, “careo” para “acareações”.

Na série de significantes escolhidas por Arlt para designar prostituta, Molina optou também por variar os termos na língua de chegada, não incorrendo no que Berman chamaria de “empobrecimento quantitativo”: Arlt utiliza “prostituta”, “rameras”, “atorranta”, “meretriz”

Para conferir o significado dos termos em lunfardo, ver Todo tango, Diccionario de Lunfardo. Disponível em: <<http://www.todotango.com/SPANISH/biblioteca/lexicon/lexicon.html>>. (Último acesso em 13/01/09)

e “yiranta”, que Molina traduz para “prostituta”, “rameiras”, “vagabunda”, “meretriz” e “perdida”. O mesmo acontece nos significantes para o homem que explora a prostituição de mulheres: Arlt utiliza “macró”, “rufianes” e “cafishio”, e Molina os traduz para “cafetão”, “rufiães” e “cafifa”. O único termo que não ganha variação no texto traduzido é “tira”, utilizado para traduzir tanto “pesquisas” quanto “tiras” no texto de partida.

Finalmente, uma última anotação refere-se a uma omissão identificada no texto traduzido. Acima observamos que as comparações e as metáforas que fazem referência aos animais são fundamentais na construção desse conto, haja vista que se trata de homens-feras tanto por sua condição cruel e feroz quanto por seu estado de animalização decorrente de uma vida rudimentar. Nesse sentido, as escolhas lexicais da tradução foram bem-sucedidas para trazer à tona a ferocidade humana, como o Relojoeiro que “rumina” sua resposta ou o “ronco feroz” de Unha de Ouro. Entretanto, há uma passagem no texto de partida em que se faz um paralelo entre a “mulher” e a “fêmea”, ou seja, em que a condição animalizada da mulher prostituída é ressaltada pelo uso do substantivo que remete à sua definição como ser natural e não como ser social:

Se recuerda entonces el placer rojo y terrible de aplastarle a puñetazos la cara a una mujer, o también el goce de bailar trezados con una hembra esquiva en una milonga asesina, o también el primer dinero que nos dio la mujer que nos inició en la vida (ARLT, 1996, p. 65).

Na tradução, toda a sentença em itálico é omitida:

Lembramos então o prazer vermelho e terrível de cobrir de murros o rosto de uma mulher, ou o primeiro dinheiro dado por aquela que nos iniciou na vida (ARLT, 1996a, p. 113).

A omissão certamente não compromete o conjunto do texto, mas não deixa de ser digna de nota, uma vez que pode ser também uma tendência deformadora encontrada nos textos traduzidos.

Com esses comentários, encerramos nosso panorama sobre a teoria de Antoine Berman sobre a tradução e sobre o seu método de análise das traduções. O primeiro contato está estabelecido, mas não deixe de procurar os livros completos do autor, bem como as leituras complementares sugeridas para poder aprofundar o conhecimento.

3.3 Um ensaio com textos jornalísticos sob o olhar das estratégias de Chesterman

Neste item apresentamos um texto que, apesar de ter sido originalmente escrito em inglês, pode dar a você uma idéia de como proceder em relação às estratégias de Chesterman. Leia atentamente os trechos a seguir procurando observar as mudanças geradas durante a tradução, por meio dos quadros que mostram uma tradução comparada, bem como a análise feita abaixo de cada trecho empregando os três grupos de estratégias mencionadas pelo autor. Cada grupo é identificado pelas G - mudanças no nível gramatical, S - no nível semântico e Pr - no nível pragmático.

O texto é um ensaio acadêmico escrito por Nadine Hutton, com o título: *He Value of Critical Thinking for Journalists* (O valor do pensamento crítico para os jornalistas) e está disponível on-line no site: <http://nml.ru.ac.za/CARR/~hutton/crit.html>.

The challenges *facing* journalists in the information revolution

Journalists *have a critical role to play* in the production and dissemination of information *in a modern society where the sheer magnitude of information available through the electronic media and the Internet is overwhelming. It is estimated that the collective sum of all printed knowledge is doubling every four years. More information has been produced in the last thirty years than in the previous five thousand* (LAPHAM in: *CMC Magazine*, 1995).

Os desafios dos jornalistas na revolução da informação

Os jornalistas *devem ter sempre um papel crítico* na produção e disseminação das informações *principalmente nas sociedades modernas. Neste universo, a rapidez da disseminação das informações disponíveis na mídia eletrônica e pela internet é impressionante. Só para se ter uma idéia, estima-se que, a cada quatro anos, a soma de todo conhecimento impresso é dobrada. E mais, nas últimas três décadas, a produção de conhecimento foi maior do que em 5.000 anos.* (LAPHAM in: revista *CMC*, 1995).

G – Phrase structure change: in a modern society/nas sociedades modernas – mudança de número (sg para pl) em função de o português ser mais genérico do que o inglês.

G – Transposition change: [...] *is doubling every four years* – objeto/que a cada quatro anos [...] sujeito.

G – Phrase structure change: a expressão “every four years” é deslocada do final da oração para o início como uma oração subordinada apositiva.

G – Sentence structure change – unit shift: 2 para 1 – “every four years. More information”/é dobrada, sendo que, nos últimos...

S – Emphasis change: inclusão do advérbio de modo – *principalmente* –, aumentando a ênfase no foco temático: o papel crítico dos jornalistas.

S – Distribution change: expande os elementos semânticos na frase para atingir um nível de coerência. *It is estimated.../Só para se ter uma idéia...*

S – Synonymy change: information – produção de conhecimento. Evita-se a repetição de “informação”.

S – Synonymy change: *in the last 30 years/nas últimas 3 décadas.*

Opção descartada: “sendo que, nos últimos 30 anos, a produção de conhecimento foi maior do que em 5.000 anos”. Neste caso, a palavra “anos” iria se repetir no final da oração, causando uma redundância desnecessária e literalidade.

P – Information change – omission: *facing* no título. A palavra “desafio” já implica “encarar” um problema de frente, sendo assim, omitir “facing” não causa perdas para o TC e o texto fica mais formal.

According to De Wet and Van Rensburg (1989), fallacies may be either *deliberate* or accidental, and *can* be divided into three broad categories - *material fallacies*, *psychological fallacies* and *logical fallacies*.

Material fallacies are arguments based on faulty generalizations or *classifications*. **These** include *over generalization* or **jumping to conclusions** ("all teachers are **sadists**"), *faulty cause and effect* ("cars are the cause of war"), *faulty analogy between dissimilar situations* and **false dilemma** - where only a few undesirable consequences are **offered** ("get out or die") when there are other options.

De acordo com De Wet e Van Rensburg (1989), as falácias podem ser tanto *propositais* como acidentais, podendo ser divididas em três grandes categorias: falácias materiais, psicológicas e lógicas. As falácias materiais são argumentos baseados em: a) generalizações precipitadas ou classificações **falhas**, isto é, tirar conclusões apressadas, como no exemplo: "todos os professores são **masoquistas**"; b) causa e efeito falhos, como na frase: "carros são a causa da guerra"; c) semelhanças falsas entre situações distintas e d) dilemas falsos. **Neste caso, há poucas conseqüências indesejáveis em jogo, como no exemplo: "saia ou morra"**. Nesta situação, existem outras opções além das duas que são **apresentadas**.

G – Phrase structure change: *false dilemma – where only a few undesirable consequences.../Neste caso, há poucas conseqüências indesejáveis...*

G – Phrase structure change: *can-poder/podendo*. O uso do gerúndio confere ritmo à leitura.

G – Level shift change: word order – inversão subst./adj.: *material fallacies, psychological fallacies and logical fallacies/Falácias materiais, psicológicas e lógicas*.

G – Sentence structure change – unit shift: 1 para 2: *neste caso.../nesta situação...*

S – Synonymy change: *can/podendo* – mesmo nível semântico; *offered/apresentadas*: embora não no mesmo nível semântico, mantém-se o corredor isotópico.

S – Synonymy change: *deliberate / propositais*: mesmo nível semântico.

S – Distribution change: *as falácias materiais incluem ainda...*

S – Converses change: *dissimilar/distintas* – mesmo estado de relações, mas usando adjetivos opostos.

S – Distribution change: *como na frase/como no exemplo...* Uso da conj. sub. comparativa. Aumenta a redundância textual e a legibilidade.

P – Information change – omission: *falacies* para os subgrupos. Evita repetição desnecessária.

P – Visibility change: omissão dos parênteses para incluir os exemplos no corpo do texto e inclusão de letras para distribuir os tipos de falácias.

P – Cultural filtering change: a terminologia relativa a falácias foi de difícil tradução. Em princípio os termos em inglês permaneceram inalterados para não se perder a organização textual. Procedeu-se, então, consulta a sites virtuais de pesquisa na internet para encontrar a terminologia utilizada aqui.

Opção descartada: *As falácias materiais incluem a inda analogias falsas entre situações não semelhantes e falsos dilemas. Nestes casos, há poucas conseqüências indesejáveis em jogo, como na frase: “saia ou morra”.* Nesta situação, existem outras opções além das duas mencionadas e a literalidade era muito explícita.

4 Sugestões de atividades: práticas para sala de aula

TEXTO 1 – Tradução comparada: empregar as estratégias de Andrew Chesterman

Após essa leitura, você deverá proceder com a mesma tarefa de tradução comparada para um texto em espanhol, publicado no jornal El País, em 2007, a seguir. Para tanto, sugerimos os seguintes passos que demandam apenas atenção e concentração para anotar e analisar as estratégias empregadas por você aluno(a) durante o processo tradutório.

1º passo: leia o texto atentamente procurando identificar, com a ajuda da tabela de Nord, os fatores externos e internos ao texto, buscando formar um perfil do público para o qual o TF foi originalmente escrito. Procure, então, determinar informações que não foram explicitadas e/ou omitidas considerando, ao longo da sua tradução, o seu público-alvo, por exemplo, o leitor brasileiro do jornal Folha de S.Paulo.

2º passo: traduza o texto, por parágrafos, a fim de facilitar a análise e a anotação das estratégias (G/S/Pr) empregadas por você. À medida que você realiza a tradução, vá justificando suas escolhas, sempre considerando o público-alvo, para quem você está escrevendo.

3º passo: releia a sua tradução e as anotações e construa um gráfico, incluindo o número de ocorrências para cada grupo de estratégias (G/S/Pr) e a porcentagem que cada uma delas representa na sua TT. Observe qual estratégia foi mais utilizada, compare com os textos de seus colegas e discutam as razões para as diferenças e/ou semelhanças encontradas. Não se esqueça também de contar o número de palavras do texto original para comparar com o de sua tradução final. Boa tradução!

Samba a ritmo de máfia - Policía y Parlamento investigan amaños en el concurso del Carnaval de Río.

JORGE MARIRRODRIGA – Buenos Aires – 13/06/2007 – http://www.elpais.com/articulo/ultima/Samba/ritmo/mafia/elpepuint/20070613elpepiult_1/Tes

Para los cariocas, habitantes de Río de Janeiro, el evento más importante del mundo es su carnaval, y la competición de *escolas de samba* que durante varias noches desfilan por el *sambódromo* adquiere paradójicamente las características de una liturgia casi sagrada en una fiesta que debería resaltar lo mundano.

Por eso mismo, la investigación oficial sobre la influencia de la mafia en la fiesta, hasta el punto de amañar el resultado final y designar a la *escola* vencedora, ha caído como una losa no sólo en la ciudad del fútbol de fantasía y las playas de ensueño sino en todo el país. La Policía Federal investiga si las amenazas y regalos recibidos por miembros del jurado por parte de personas conectadas con la mafia local influyeron en el resultado de este año, en que la *escola* Beija-Flor logró el triunfo.

El carnaval, en su desmesura, es mucho más que una fiesta. El desfile es retransmitido durante días en directo por las televisiones que lo comentan con la misma precisión de una reñida competición deportiva. Es un escaparate que incluso en ocasiones anteriores fue aprovechado por políticos locales y foráneos, como el venezolano Hugo Chávez, que en 2006 patrocinó a la *escola* vencedora en una de las categorías. Y en las calles y garitos clandestinos de Brasil corre dinero de las apuestas sobre quién vencerá. Mucho dinero. Además, de forma teóricamente legal, se mueven ingentes sumas en patrocinios y subvenciones.

Según un informe de la División de Contrainteligencia de la Policía Federal que ha llegado a los medios brasileños y a manos de la fiscalía, varias personas relacionadas con la *mafia de las tragaperras* estarían implicadas en la trama de presión al jurado; se alternaban los regalos con la actuación de pistoleros. La policía ha interceptado conversaciones entre un corredor de apuestas clandestinas con el ex presidente de la Liga Independiente de Escuelas de Samba y con un abogado sobrino de éste. Todos comparten un interés por la victoria de la agrupación que finalmente resultó ganadora, y haber sido puestos entre rejas en una operación policial llamada Huracán.

El ex presidente de la Liga, Aílton Guimarães, y el corredor de apuestas, Aniz Abraão, son considerados cerebros del fraude. Guimarães además era secretario general de la Asociación de Bingos del Estado de Río, y fue acusado en el pasado de desviar fondos para sobornar a la policía y para la financiación ilegal de campañas políticas. El sobrino, Júlio César Guimarães, era responsable de la elección de los jurados y ordenó que a

éstos se les facilitara un lote de regalos, que la policía ve como soborno. En una de las cintas se habla de un piso franco en Río donde están los lotes. Fue allí donde los agentes descubrieron tras un falso muro cuatro millones de reales (1,5 millones de euros). El abogado dice que la suposición de la policía es “absurda” y que los lotes mencionados eran de camisetas con la palabra *Jurado*, así como reglamentos del concurso.

El escándalo ha trascendido a la política. El prefecto de Río, César Maia, niega haber pagado ninguna comisión a los participantes en el desfile, tal y como apunta un comité parlamentario de Investigación que entrega los balances de la ciudad al Tribunal de Cuentas. El lunes el comité escuchó el testimonio de los 40 jurados del Carnaval. La presidenta del comité, Teresa Bergher, ha advertido de que es muy posible que controlen también anteriores carnavales.

TEXTO 2 – Tradução orientada para análise textual: empregar os conceitos da tabela de Christiane Nord

Neste exercício você deve estar atento para os fatores externos e internos ao TF a fim de que, durante a sua análise, você consiga detectar possíveis problemas (sintáticos ou lexicais, por exemplo) ou questões a serem trabalhadas na sua tradução (conceitos, referências culturais), tendo em vista as diferenças entre as línguas. Na terceira coluna, você deve anotar as soluções encontradas para corrigir essas questões, isto é, as suas estratégias de tradução. Esses registros deverão ser anotados na tabela a seguir. Aproveitamos para ressaltar que a sistematização proposta por Nord pode ser um excelente exercício de prática de tradução para *qualquer* tipo de texto, não sendo exclusiva para folders de turismo, como o exemplo que utilizamos. Lembramos, também, que os itens são hierarquizados, da maneira disposta na tabela, por uma razão meramente didática, segundo a própria Nord (1991), visando enriquecer o exercício de treinamento de aprendizes tradutores. A seguir sugerimos um roteiro de trabalho para você.

1º passo: leia atentamente o texto e procure definir os seus fatores internos e externos na tabela que segue.

2º passo: determine como seu público-alvo turistas mineiros, considerando-os como um público que não conhece as praias do Sul do

Brasil. Reflita sobre trechos que, eventualmente, apresentem dados culturais sobre Florianópolis sem maiores explicitações. Por que isso ocorre no TF e como traduzir esses trechos para o público leitor em questão? Registre essas anotações na coluna central da tabela.

3º passo: proceda à tradução, considerando o público-alvo (turistas mineiros) bem como os fatores internos e externos que cercam a produção textual voltada para esse público em prospecção. Veja se houve necessidade de modificar algum item e se a função e o propósito do autor permanecem os mesmos.

SANTA Y BELLA CATARINA – ITINERÁRIOS TURÍSTICOS INTEGRADOS – EMOCIONES EL AÑO ENTERO

(Folder turístico da Santur – Secretaria de Estado de la Organización y del Entretenimiento de Santa Catarina)

Paraísos tropicales en el litoral y frio y nieve em las montañas. Cultura y patrimonio histórico con orígenes europeos. En la mezcla de climas, paisajes y gentes , en todo, Santa Catarina es un Brasil diferente. Diversidad es la palabra clave que sintetiza Santa Catarina. Diversidad de encantos, bellezas, maneras , historias, acentos, sabores...

Santa Catarina es una admirable porción de Brasil. Con 95.4 mil km² - lo equivalente a 1.12% del territorio nacional – el estado sorprende por la variedad de paisajes naturales y por los orígenes étnicos de su población.

Lindas playas, Bosque Atlántico, bosques de araucarias, campos, lagunas, cascadas, sierras... Un conjunto de escenarios de increíble belleza, buena parte de ellos cerca de centros urbanos con completa infraestructura. Ciudades que preservan la historia y las costumbres de los colonizadores: portugueses, alemanes, italianos, pueblos africanos e indígenas, polacos, austriacos... Las influencias y la herencia cultural de las diferentes etnias son visibles en la arquitectura, en la culinaria, en el folclore y en las fiestas.

La diversidad geográfica y cultural privilegia el turismo – son muchos los destinos, itinerarios y programas, en todas las regiones del estado, durante el año entero.

En el litoral, con más de 500km de extensión, existen playas desiertas, pacatas villas de pescadores y balnearios agitados con intensa vida nocturna. Durante el invierno, hace mucho frio – la Sierra catarinense, con

Sugestões de atividades: práticas para sala de aula

montañas que alcanzan altitudes próximas a los 2.000 metros, es uno de los raros lugares donde ocurre precipitación de nieve en Brasil.

Santa Catarina también dispone de muchas opciones de ocio y entretenimiento. Beto Carrero World, El parque Unipraias y su moderno teleférico, con 47 vagones. Paseos en goletas, lanchas y veleros. Decenas de estancias termominerales. Parques ecológicos con buena infraestructura. Paseos en antiguos trenes a vapor. Posibilidades casi ilimitadas para la práctica de actividades en contacto con la naturaleza y deportes radicales. Y, durante el mes de octubre, ocurren las grandes fiestas – Oktoberfest, Fenachopp, Fenarreco, Marejada, entre otras -, que reúnen centenas de miles de visitantes.

La hospitalidad es una fuerte característica de los catarineses. Aquí se cultiva el arte del buen servir – desde los grandes hoteles de banderas nacionales e internacionales hasta las pequeñas posadas familiares, la red hotelera posee excelente calidad. Existen buenos servicios, comercio variado, centros comerciales. ¡Conozca la Santa y Bella Catarina! Usted va a querer volver.

Texto-fonte	Problemas e Procedimentos da Tradução	Texto Traduzido
Fatores Extratextuais		
Emissor		
Intenção		
Receptor		
Meio		
Lugar		
Tempo		
Propósito (motivo)		

Função
Textual

Fatores internos ao texto

Tema

Conteúdo

Pressuposi-
ções

Estrutura-
ção

Elementos
não-verbais

Léxico

Sintaxe

Elementos
supra-
segmentais

Efeito do
texto

TEXTO 3 – Por um trajeto analítico: Antoine Berman

Anexamos a seguir o conto *Las fieras*, de Roberto Arlt, e a tradução feita por Sérgio Molina, ambos na íntegra, para que você possa acompanhar o trajeto analítico proposto por Antoine Berman e apresentado no capítulo anterior.

A partir da leitura e da discussão dos passos 1 a 5 explicados no Capítulo 3, item 2, podem ser organizados grupos para realizar as pesquisas necessárias. O grupo poderá postar no ambiente um breve resumo dos dados relevantes levantados para a análise da tradução e dos aspectos gerais que se pretende abordar. Com a troca de informações nos fóruns de discussão, os grupos estarão mais preparados para elaborar uma análise sucinta (de 1 ou 2 parágrafos) da tradução do conto em questão para posterior postagem no ambiente e avaliação.

Las fieras

Roberto Arlt

No te diré nunca cómo fui hundiéndome, día tras día, entre los hombres perdidos, ladrones y asesinos y mujeres que tienen la piel del rostro más áspero que cal agrietada. A veces, cuando reconsidero la latitud a que he llegado, siento que en mi cerebro se mueven grandes lienzos de sombra, camino como un sonámbulo y el proceso de mi descomposición me parece engastado en la arquitectura de un sueño que nunca ocurrió.

Sin embargo, hace mucho tiempo que estoy perdido. Me faltan fuerzas para escaparme a ese engranaje perezoso, que en la sucesión de las noches me sumerge más y más en la profundidad de un departamento prostibulario, donde otros espantosos aburridos como yo soportan entre los dedos una pantalla de naipes y mueven con desgano fichas negras o verdes, mientras que el tiempo cae con gotear de agua en el sucio pozal de nuestras almas.

Jamás le he hablado a ninguno de mis compañeros de ti, ¿y para qué?

La única informada de tu existencia es Tacuara. Apretando en el bolsillo un rollo de dinero, entra a la pieza después de las cuatro de la madrugada. El pelo de Tacuara es lacio y renegrado; los ojos oblicuos y pampas; la cara redonda y como espolvoreada de carbón, y la nariz chata. Tacuara tiene una debilidad: es la lectura de la "Vida Social", y una virtud, la de gustarle a los descargadores de naranjas y hombres de la ribera de San Fernando.

Ceba mate mientras yo, espatarrado en la cama, pienso en ti, a quien he perdido para siempre.

Lo dificultoso es explicarte cómo fui hundiéndome día tras día.

A medida que pasan los años, cae sobre mi vida una pesada losa de inercia y acostumbramiento. La actitud más ruin y la situación más repugnante me parece natural y aceptable. Me falta extrañeza para recordar los muros de los calabozos donde he dormido tantas veces.

Pero a pesar de haberme mezclado con los de abajo, jamás hombre alguno ha vivido más aislado entre estas fieras que yo. Aún no he podido fundirme con ellos, lo cual no me impide sonreír cuando alguna de estas bestias la estropea a golpes a una de las desdichadas que lo mantiene, o comete una salvajada inútil, por el solo gusto de jactarse de haberla realizado.

Muchas veces acude tu nombre a mis labios. Recuerdo la tarde cuando estuvimos juntos, en la iglesia de Nueva Pompeya. También me acuerdo del podenco del sacristán. Empinando el hocico y el paso tardo, cruzaba el mosaico del templo por entre la fila de bancos... pero han pasado tantos cientos de días, que ahora me parece vivir en una ciudad profundísima, infinitamente abajo, sobre el nivel del mar. Una neblina de carbón flota permanente en este socavón de la infrahumanidad; de tanto en tanto chasquea el estampido de una pistola automática, y luego todos volvemos a nuestra postura primera, como si no hubiera ocurrido nada.

Incluso he cambiado de nombre, de manera que aunque a todos los que pasan les preguntaras por mí, nadie sabría contestarte.

Sin embargo, vivimos aquí en la misma ciudad, bajo idénticas estrellas.

Con la diferencia, claro está, que yo exploto a una prostituta, tengo prontuario y moriré con las espaldas desfondadas a balazos mientras tú te casarás algún día con un empleado de banco o un subteniente de la reserva.

Y si me resta tu recuerdo es por representar posibilidades de vida que yo nunca podré vivir. Es terrible, pero rubricado en ciertos declives de la existencia, no se escoge. Se acepta.

Estalló tu recuerdo, una noche que tiritaba de fiebre arrojado al rincón de un calabozo. No estaba herido, pero me habían golpeado mucho con un pedazo de goma y la temperatura de la fiebre movía ante mis ojos paisajes de perdición.

Grisáceo como el trozo de un film, pasaba el recuerdo del primer viaje que efectué a un prostíbulo de provincia, con Tacuara. Era la una de la tarde y un coche desvencijado nos llevaba por un callejón sombrío, acolchado de polvo. El sol centelleaba en el muro rojo del prostíbulo, y frente a la puerta de chapa de hierro engastada en la muralla de ladrillo había un pantano de orines y un poste para atar los caballos. El viento hacía chirriar en su soporte un farol de petróleo.

Nunca olvidaré. El macro judío me adelantó cincuenta latas sobre el trabajo de la mujer en la semana, y entonces marché a entrevistarme con el jefe político y el comisario... Estas iniquidades pasaban por mi memoria mientras estaba tendido en el piso de portland del calabozo. A momentos creía que iba a morir. Entreabría los párpados y distinguía murallas rodeadas de otros cercos por otros subsuelos, y durante un

minuto mi vida transcurrió el espacio de un siglo en el fondo de los calabozos. Otros hombres, como yo, tenían los pulmones machucados a golpes de goma. Una cuña de gran sufrimiento me partió el cerebro, y más allá de la ferocidad de todos nosotros, oprimidos u opresores, más allá de la dureza de las grises piedras cuadradas, distinguí tu semblante pálido y la almendra aceituna de tus ojos.

Fue un martillazo en la sensibilidad. Nunca pude despierto imaginarme tu rostro con la nitidez que en la vorágine del delirio destacaba su relieve, luego la obsesión del castigo me volcó en la crueldad del interrogatorio. Me indagaban a golpes por el asesinato de una mujer con la cual nada tenía que ver.

Después salí. Más tarde me detuvieron otra vez. En la sombra me acompañaba tu recuerdo y en la vida, fiel como una perra, la mulata Tacuara.

¡Tacuara! ¿A dónde no habré ido con Tacuara?

Por ella conocí el asqueroso aburrimiento complicado con olores de polvo de arroz de los lenocinios de provincias, la regenta en chancletas cuidando un brasero que enceniza el piso de la sala, el mate que rueda lentamente entre las manos de diez rameritas pitañosas, el viento que sacude la madera de los postigos porque los vidrios están rotos y se han sustituido los cristales con alambre de fiambra, mientras llega desde afuera el ruido informe de un carro de ruedas gigantesco, cargado con una pirámide de bolsas de maíz, y el látigo chasquea junto a las orejas de los ocho caballos envueltos en grandes nubes de tierra amarilla.

Por Tacuara conocí los prostíbulos más espantosos de provincias. Aquellos en que la pieza no tiene cama, sino un jergón de chala tirado en el suelo de ladrillos, y mujeres con labios perforados de chancros sífilíticos. He comido sopa de locro y he bailado tangos más siniestros que agonía en salas tan inmensas como cuartos de un cuartel. Había allí bancos de madera sin cepillar y en los rincones negros sosteniendo con un brazo a un recién nacido a quien amamanta con un pecho, mientras que para no perder tiempo con la mano libre le desprendían los pantalones a un ebrio rijoso.

¡A dónde no habré ido con Tacuara!

En su compañía he recorrido todo el sur de la provincia, Bahía Blanca, Marcos Juárez y Azul, después estuvimos en Rosario de Santa Fe, Córdoba, Río Cuarto, Villa María y Bell Ville.

Con el auxilio de los políticos, a veces fui timbero y otras despaché chin-chulines y parrilla criolla en bodegones montados a la orilla de establecimientos donde trabajaba con todos los hombres mi único amor.

Viajamos por agua.

Estuve en Paraná, Corrientes, Misiones. Pasé a Santa Ana do Livramento, Río Grande do Sul, San Pablo. En San Pablo, al expulsarme de la ciudad los carabineros, me tiraron encima de un vagón de carga y me rompieron tres costillas. Pasamos a Río de Janeiro, y Tacuara se inscribió en un prostíbulo de Laranyeiras. La casa de piedra mostraba en el frontón un mosaico con la Virgen y el Niño, y bajo el mosaico una lámpara eléctrica que iluminaba una garita abierta en la pared y entrelazada de perpendiculares barras de hierro a la altura de la cintura. En esta hornacina, tiesa como una estatua, de pie, Tacuara hacia cinco horas de guardia. A través de las rejas los hombres que le apetecían podían tocarle las carnes para constatar su dureza. En aquel barrio de mil prostitutas, y adornado de palmas y Cirios los días de Pascua, un retén de gendarmes, armados de carabinas, mantenían el orden para evitar que catangas y marineros se liaran a cuchilladas.

Volvimos a Buenos Aires.

Yo extrañaba mi calle Corrientes, y ella su dormitorio con olor a naranjas en la barrera de San Fernando y el dulce y monótono zumbido de las sierras de las cajonerías para fruta del Delta.

Y así, fui hundiéndome día tras día, hasta venir a recalar en este rincón de Ambos Mundos. Aquí es donde nos reunimos Cipriano, Guillermito el Ladrón, Uña de Oro, el Relojero y Pibe Repoyo.

Por la noche llegan perezosamente hasta la mesa de junto a la vidriera, se sientan, saludan de soslayo a la muchacha de la vicrola, piden un café y en la posición que se han sentado permanecen horas y más horas, mirando con expresión desgarrada, por el vidrio, la gente que pasa.

En el fondo de los ojos de estos ex hombres se diluye una niebla gris. Cada uno de ellos ve en sí un misterio inexplicable, un nervio aún no clasificado, roto en el mecanismo de la voluntad. Esto los convierte en muñecos de cuerda relajada, y este relajamiento se traduce en el silencio que guardamos. Nadie aún lo ha observado, pero hay días que entre cuatro apenas si pronunciamos veinte palabras.

De un modo o de otro hemos robado, algunos han llegado hasta el crimen; todos, sin excepción, han destruido la vida de una mujer, y el silencio es el vaso comunicante por el cual nuestra pesadilla de aburrimiento y angustia pasa de alma a alma con roce oscuro. Esta sensación de aniquilamiento torvo, con las muecas inconscientes que acompañan al recuerdo canalla, nos pone en el rostro una máscara de fealdad cínica y dolorosa.

¡Y qué prójimos los nuestros! ¡Qué historias las que pueden contar!

Por ejemplo... el negro Cipriano:

Es rechoncho como un ídolo de chocolate.

En otros tiempos trabajó de cocinero en un prostíbulo. Cuenta, y orgulloosamente, que vestido de blanco le servía a una escogida concurrencia de rufianes y macrós un congrio aderezado en una bandeja de plata.

Aunque no lo diga, se enternece evocando los paisajes sonrosados.

Los ojos se le humedecen e inundan de venitas de sangre, y bien se comprende: siente nostalgia de los tiempos en que era confidente de la regenta. Ésta, con las tetas volcadas entre las puntillas de su peinador, prostituía menores de catorce años, para servirlos a la voracidad de terribles magistrados y potentados ancianos. Luego secreteaba con Cipriano cuanto había ganado, y el negro era feliz, se comprendía el hombre de confianza de la casa. No se llega impunemente a estas alturas. Con los achocolatados párpados entreabiertos y las quijadas apoyadas en los puños, Cipriano, como un yacaré que sueña con la manigua, persigue con ojos amarillos fabulosas memorias, fiestas de traficantes polacos y marseleses, rufianes grasientos como fardos de sebo, e implacables como verdugos.

Estos hombres tenían la piel del cogote más roja que el colodrillo de los pavos, y ricitos de oro se escapaban por los agujeros de las narices y las orejas.

Despreciaban profundamente los países donde medraban, les escupían en la cara a los empleados de policía inferiores, y compraban a los jefes políticos con cheques que firmaban guiñando un ojo socarronamente.

Cipriano sabe muchas cosas, y cuando se leapura, confiesa que nada le agrada tanto como violar a un muchachito, o acostarse con un marinero de la Martinica.

Y sin embargo sonrío con la ingenuidad de un monstruo jovial.

Nadie, viéndolo, pensaría que él, el cocinero de los prostíbulos, era además el encargado de tatuarle con un látigo rayas moradas en las nalgas a las prostitutas desobedientes. Cuando recuerda las mujeres que castigó, sonrío con dulzura de hipopótamo resoplando agua y barro en el cañaveral de una manigua.

Y más dulzura bondadosa encierra su sonrisa, al rememorar los menores que violó, dramas de leonera, un chico maniatado por cinco ladrones que le apretaban contra el suelo tapándole la boca, luego ese grito de entraña roto que sacude como una descarga de voltaje el cuerpo sujetado... y la fila de hombres, que con los pantalones sostenidos con una mano, aguardan turno, mientras que el cuerpo del niño perforado por un dolor terrible se arquea y luego cae exánime.

Y si alguien, para mofarse, le pregunta qué es lo que prefiere, una muchacha o un ladroncito, Cipriano que se jacta de haber “desmayado grandes”, entrecierra los ojos y hace rechinar los dientes. Como un codrilo adormilado en la marisma, apetece la inmundicia, y sólo cuando está muy contento dice algunas palabras en un dulce francés de la Martinica.

Por otra parte es muy católico y siempre que pasa ante una iglesia se descubre respetuosamente.

Tosiendo penosamente se sienta algunas veces a nuestra mesa Angelito el Potrillo, ratero y tuberculoso.

Tiene treinta años de edad, de los cuales ha pasado diez en el cuadro quinto, cansado de repetir siempre la misma infracción inexistente “portación de armas”

Lo perdieron las malas juntas.

Cuando se enoja tartamudea. Con la visera de la gorra hundida sobre los ojos se sumerge en intrincados problemas de ajedrez, y se jacta de ser campeón de damas, y aunque ello es verosímil, para expresar sus ideas utiliza un procedimiento un poco absurdo. Por ejemplo, dice del Japonés, un ladrón oscuro y feroz, que siempre encuentra laudables pretextos para desenvainar el cuchillo:

-Es como una niña.

Indudablemente, resulta dificultoso comprender qué es lo que entiende por “una niña” Angelito el Potrillo.

Cuando Angelito está bien de salud y no se encuentra preso, desaparece durante un tiempo de la ciudad en compañía del Japonés. Recorren el interior explotando el cuento de “filo misho” y otros ardidés más o menos sutiles, pues Angelito el Potrillo no es como aquellos perdularios que no practican sino su especialidad, sino que a él, “le da tanto un barrido como un fregado”.

Por ahora Angelito está muy débil y no viaja.

Permanece horas y horas con una sien apoyada en el vidrio, mirando hacia la calle, y los pesquisas que pasan saben que él está enfermo, que no puede robar y no lo detienen. Incluso algunos lo saludan y Angelito hace un gesto ahuecado en sonrisa. Dice que “es un consuelo saber que se va a morir entre la consideración de la gente correcta”. ¡No te diré como fui hundiéndome día tras día!

Ahora cada uno de nosotros lleva un recuerdo terrible que es una bazofia de tristeza. Ayer... hoy .. mañana...

Hundiéndome día tras día.

Cómo explicar este fenómeno que deja libre la inteligencia, mientras los sentimientos embadurnados de inmundicia nos aplastan más y más en toda renunciación a la luz. Por eso la mala palabra nos muequea en la jeta, y para cada rostro de mujer la mano se nos crispera en una tentación de cachetada, porque junto a nosotros no se encuentra aquella, la preciosísima que nos destrozó la vida en una encrucijada del tiempo que fue. ¿Para qué hablar? Si todo lo dice el silencio de sombras que entolda el bar amarillo, donde se inclinan las cabezas que ya no tienen esperanzas terrestres. Fieras enjauladas, permanecemos tras los barrotes de los pensamientos residuos, y por eso es que la sonrisa canalla se despegar tan dificultosamente del semblante encolado en una contracción de aburrimiento perrero.

Los días son negros, las noches más encajonadas que calabozos.

A veces pasa tu recuerdo por mi memoria como una estrella de siete puntas, y Tacuara como si adivinara tu tránsito celeste por mi vida, me examina rápidamente de pies a cabeza y me dice como si ella fuera mi igual:

-¿Qué te pasa? ¿Te duele el corazón?

Su ojo derecho se entrecierra casi, alarga el cuello, frunce los labios finos, y a medias torcida como si hubiera quedado desfigurada por una hemiplejía, me pregunta:

-¿Te acordás de ella?

No te diré cómo fui hundiéndome día tras día. Quizá ocurrió después del horrible pecado. La verdad es que fui quedando aislado.

Caminaba como antes por las calles, miraba los objetos que se exhiben en las vitrinas, y hasta me detenía sorprendido frente a ciertas ingeniosidades de la industria, mas la verdad es que estaba horriblemente solo.

Alguna que otra vez sentía en mis mejillas el frío roce de un alma que me buscaba por la tierra con su pobre pensamiento encadenado. Un escalofrío se descargaba entonces a través de los intersticios de mis vértebras.

Luego la noche del pensamiento caía sobre mí y estuve mucho tiempo sumergido en el crepúsculo que ya no era terrestre, y tal como deben conocerlo aquellos que la medicina clasifica con el nombre de idiotas profundos.

Llegué así por descendimientos progresivos hasta la miseria de esta amistad silenciosa, en la que los infaltables son Uña de Oro, el Pibe Repoyo y el Relojero.

El Relojero no habla nunca. A lo más sonríe melancólicamente. De vez en cuando le suministra a su "señora" una paliza brutal, y si Guillermito el Ladrón le pregunta por qué le pega, el Relojero se encoge de hombros, sonríe dolorosamente y contesta después de rumiar largo rato su respuesta:

-Qué sé yo. Será porque estoy aburrido.

Guillermito cuida el físico, gasta reloj pulsera de oro, se da fomentos faciales y rayos ultravioletas, pero en la frente tiene el croquis de una arruga rápida, crispación que anticipa el gesto de echar la mano a la cintura para sacar el revólver y resolver un asunto de vida o de muerte. Jamás ha robado en la ciudad, y siempre conversa de instalar una timba. Aspira como yo lo fui en otros tiempos, a ser dueño de un recreo con parrilla criolla, pero aún no dispone del necesario capital y sus opiniones políticas no pueden ser más estúpidas.

Está con Yrigoyen y la democracia.

Uña de Oro seduce a las “loquitas” con su perfil de gavilán y los transparentes ojos verdosos y la crueldad felina de sus maxilares que acompañan el impulso de las sienas huidas hacia las orejas puntiagudas. Cuando está cansado apoya los brazos en la mesa, agacha la cabeza y se duerme en la turbamulta del café, con ronquido feroz

¿Es necesario describir estas cosas simples, bestiales, primitivas?

Nos comunicamos con el silencio. Un silencio que se descarga en la mirada o en una inflexión de los labios respondiendo con un monosílabo a otro monosílabo. Cada uno de nosotros está sumergido en un pasado oscuro donde los ojos de tanto haber fijado, se han inmovilizado como los de cretinos que miran absurdamente un rincón sucio.

¿Qué miramos?

No te lo podría decir. Sé que por donde he ido me he acordado de ti, y que llegué a profundidades increíblemente tristes. Ahora mismo.. cierro los ojos, como Uña de Oro cargo la frente sobre el dorso de las manos... pero no duermo. Pienso que es triste no saber a quién matar.

De pronto el choque del cubilete de los dados revienta en mis oídos como la descarga de un revólver, levanto la cabeza y revuelvo una saliva de veneno. La vida continúa siempre igual, adentro y afuera, y este silencio es una verdad, un intervalo donde descansa nuestra expectativa de una mala noticia, ya que es necesario aguardaría siempre, aguardaría siempre en el desconocido que entre inopinadamente al café o en el temblequeo de la campanilla del teléfono.

Jugando a los naipes o al dominó, volteando dados o una moneda, bajo la apariencia de olvido persiste una constante tensión nerviosa, una especie de “alerta está”, vigilancia inconsciente, sobresalto imperceptible que mueve permanentemente los párpados y las pupilas, en un soslayar siniestro.

Ningún desconocido al entrar a este café escapa a ese examen, tendido en invisible abanico de noventa grados, sobre el círculo de los naipes o las geometrías blancas y negras de las fichas de dominó.

Cuando no se juega, los mentones descansan engastados en las palmas de las manos. El cigarrillo se consume lentamente en el vértice de los la-

bios y entonces... cuando menos se espera aparece el sufrimiento sordo, una como nostalgia de las entrañas que ignoran lo que quieren, arruga las frentes, ¡ah! cómo explicar esta desesperación, nos lanzamos a la calle, vamos hacia los departamentos donde nunca falta una atorranta con la cual acostarse, y desfogar babeando en un mal sueño este dolor que no se sabe de dónde viene ni para qué.

Y es que todos llevamos adentro un aburrimiento horrible, una mala palabra retenida, un golpe que no sabe dónde descargarse, y si el Relojero la desencuaderna a puntapiés a su mujer, es porque en la noche sucia de su pieza, el alma le envasa un dolor que es como desazón de un nervio en un diente podrido.

Y cuando este dolor, que ellos ignoran con qué palabras se puede nombrar, estalla en un corazón, el que permanecía callado barbotea una injuria, y por resonancia los otros también responden, y de pronto la mesa que hasta ese momento parecía un círculo de dormidos se anima de injurias terribles y de odios sin razón, y sin saber cómo surgen agravios antiguos y ofensas olvidadas. Y si no llegan a las manos es porque nunca falta un comedido que interviene a tiempo y recuerda con melifluido palabrerío las consecuencias de la gresca.

Una fiesta que no hay dinero con qué pagarla, es la llegada de desconocidos y amigos perdidos a la mesa. Vienen del interior. Han estado robando en provincias. O purgando una pena en la cárcel. O estafando en los trenes. Pero, tengan la cabeza rapada o melenuda, no importa: sus historias y su dinero bien valen la acogida que se les hace; y entonces por un minuto el mozo se soflama. Tal diversidad de bebidas solicitan los gazzates distintos. Una alegría espantosa estalla en el interior de cada fiero, y siguiendo el impulso de una vanidad inexplicable, de un orgullo demoníaco, se habla... Si se habla es de cacerías de mujeres en el corazón de la ciudad, su persecución en los clandestinos de extramuros donde se ocultan; si se habla, es de riñas con bandas enemigas que las han raptado, de asaltos, de emboscadas, de robos, escalamientos y fracturas. Si se habla es de viajes en transportes nacionales a "la tierra", si se habla es de la cárcel, de las eternas noches en la "berlina" (calabozo triangular donde el detenido no puede acostarse ni sentarse), si se habla es de los procedimientos de los jueces, de los políticos a quienes están vendidos, de los pesquisas y sus ferocidades, de interrogatorios, careos, indagatorias y reconstrucciones, si se habla es de castigos, dolores, torturas, golpes sobre el rostro, puñetazos en el estómago, retorcimiento de testículos, puntapiés en las tibias, dedos

prensados, manos retorcidas, flagelaciones con la goma, martillazo con la culata del revólver... si se habla es de mujeres asesinadas, robadas, fugitivas, apaleadas...

Siempre los mismos temas: el crimen, la venalidad, el castigo, la traición, la ferocidad. Lentamente humean los cigarros. Cada frente crispera un mal recuerdo. En una distancia Luego sobreviene el silencio. Los desconocidos se marchan acompañados del camarada que los presentó.

Entonces las miradas recorren las mesas próximas, se detienen en la muchacha que atiende la victrola, estalla un comentario breve y cruel como un petardo, una sonrisa fría encrespa algún labio, ya que se sabe con quién está por caer la desgraciada, incluso el que la ronda ya ha anticipado el número de palizas que le suministrará, un fósforo crepita al encenderse entre dos dedos y el humo azulento sube despacio hacia el plafond.

¡Oh! cuántas, cuántas cosas se cuentan en pocas palabras en estas interminables noches negras

Una vez es Guillermito, otras Uña de Oro. Uña de Oro, por ejemplo, cuenta cómo fue que una vez le atravesó con un cortaplumas la palma de la mano a una mujer.

Ella quería irse a vivir con él, y Uña le preguntó si estaba dispuesta a darle una prueba de amor, y cuando la meretriz le preguntó en qué consistía la prueba de amor, él le contestó: dejarse atravesar la mano con un cuchillo, y como ella accedió, le clavó la mano en la tabla de la mesa.

Relatos de esta índole son frecuentes, pero para qué criticar las ferocidades inútiles. Todos estamos conscientes que en un momento dado de nuestras vidas, por aburrimiento o angustia, seremos capaces de cometer un acto infinitamente más bellaco que el que no condenamos. A decir la verdad, aploma a nuestras conciencias un sentimiento implacable, quizá la misma fiera voluntad que encrespa a las bestias carniceras en sus cubiles de los bosques y las montañas.

Además, conocemos muchas tristezas que ni el mismo naipe es capaz de disolver, hastíos semejantes a chalecos de fuerza ciñen nuestros instintos hasta el día que caigamos bajo el cuchillo de un enemigo, o la bala de alguien que hace mucho tiempo nos está esperando entre las tinieblas. Porque a cada uno de nosotros, lo espera alguien.

Después de haber vivido de esta manera, es lógico estar colmado de un silencio tan hosco, mudez de fiera que ha recibido de la vida una fuerza maldita, utilizable sólo en los bajíos del mal.

Ahora en la mesa del café, bajo las luces amarillas, blancas y azules, el silencio constituye un reposo. Tenemos necesidad de un poco de descanso, para que se asienten nuestras infamias calladas, nuestros crímenes flojos.

La música retoba el aburrimiento

Un tango antiguo nos recuerda un momento carcelario, otros la noche del hallazgo de una mujer, otros un instante terrible de cuando andábamos en la mala.

Si el tango se hace bronco, un espasmo nos retuerce el alma. Se recuerda entonces el placer rojo y terrible de aplastarle a puñetazos la cara a una mujer, o también el goce de bailar trezados con una hembra esquiva en una milonga asesina, o también el primer dinero que nos dio la mujer que nos inició en la vida, billete de diez pesos que ella sacó de la liga y que nosotros recibimos con alegría temblorosa porque ese dinero lo había ganado acostándose con otros.

Lloro de bandoneones que lo despeina a uno en dulces recuerdos, primeras emociones agridulces de vida de cafishio: la mujer que va por la calle con un hombre; la mujer que ríe en la mesa acompañada de tres hombres, sensación de procacidad y ráfaga; la mujer que durante la noche ha hecho la recorrida del café y la pieza del brazo de clientes que pasaban ante los ojos, emoción que colma la expectativa de algunas palabras susurradas subrepticamente: "Esperá un momento, querido, que pronto me desocupo".

El tango nos empenacha el alma del recuerdo de primitivas alegrías: la mujer de todos pavoneándose en compañía de aquel a quien le regala su dinero, la gente mirándonos al pasar, los giles asombrándose de las pornografías de la conversación, las tenidas en las piezas de las amigas, las presentaciones de rigor: "Le presento a mi marido".

Tardes de lluvia desperdigadas entre largas rondas de mate, la victrola en un rincón, la bandeja de masas arrumbada entre tarros de gomina. Si la mujer hace la calle, la reglamentaria despedida a las cuatro, el "hasta luego querido", el "tené cuidado con los tiras, nena" y la mujer que en el instante de la despedida siempre tiene un gesto raro, casi

doloroso al principio en el oficio y que mediante un esfuerzo de voluntad recubre su rostro de una máscara de impasibilidad convirtiéndose instantáneamente en otra, mezclándose a los transeúntes con el tardo paso de la yiranta. Inmediatamente a uno le cruza la mente esta preocupación: “En fija la encanan hoy” o “¿No será la última vez que la veo hoy?”

Por eso, cuando en el silencio que guardamos junto a la mesa de café, repiquetea el timbre del teléfono, un sobresalto nos mueve las cabezas, y si no es para nosotros, bajo las luces blancas, bermejas o azules, Uña de Oro bosteza y Guillermito el Ladrón barbota una injuria, y una negrura que ni las mismas calles más negras tienen en sus profundidades de barro, se nos entra a los ojos, mientras tras el espesor de la vidriera que da a la calle pasan mujeres honradas del brazo de hombres honrados.

As feras

Roberto Arlt

Tradução de Sérgio Molina

Não vou te dizer como fui afundando, dia após dia, entre os homens perdidos, ladrões e assassinos e mulheres que têm a pele do rosto mais áspera que cal estorricada. Às vezes, quando reconsidero as latitudes a que cheguei, sinto que em meu cérebro se movem grandes telas de sombra, caminho como um sonâmbulo e o processo de minha decomposição parece engastado na arquitetura de um sonho que nunca aconteceu.

No entanto, há muito tempo que estou perdido. Faltam-me as forças para escapar desta engrenagem preguiçosa, que na sucessão das noites me submerge mais e mais nas profundezas de um apartamento prostibular, onde outros pavorosos entediados como eu seguram entre dois dedos um leque de cartas e movem com desânimo fichas pretas ou verdes, enquanto o tempo cai com gotejo de água na poça imunda de nossas almas.

Nunca falei de ti a nenhum dos meus companheiros. Para quê?

A única que sabe de tua existência é Tacuara. Apertando no bolso um bolo de dinheiro, entra no quarto depois das quatro da madrugada. O cabelo de Tacuara é liso e retinto; os olhos oblíquos e planos; a cara redonda e como que empoada de carvão, e o nariz chato. Tacuara tem um defeito: a leitura da “Vida Social”; e uma virtude: a de agradar os carregadores de laranja e homens da ribeira de San Fernando.

Ela prepara o mate enquanto eu, escarrapachado na cama, penso em ti, a quem perdi para sempre.

O difícil é te explicar como fui afundando dia após dia.

À medida que passam os anos, cai sobre minha vida uma pesada laje de inércia e costume. A atitude mais pérfida e a situação mais repugnante me parecem naturais e aceitáveis. Falta-me a estranheza para recordar os muros das celas em que tantas vezes dormi.

Mas, apesar de me ter misturado com os de baixo, jamais homem algum se viu mais isolado de que eu entre essas feras. Ainda não consegui fundir-me a eles, o que me impede de sorrir quando alguma dessas bestas arrebenta aos muros uma das infelizes que o sustentam ou comete uma atrocidade gratuita, pelo simples prazer de se gabar.

Muitas vezes acode teu nome a meus lábios. Recordo a tarde em que estivemos juntos, na igreja Nueva Pompeya. Também me lembro do podengo do sacristão. Empinado o focinho e o passo tardo, cruzava o mosaico do templo por entre a fileira de bancos... mas já se passaram tantas centenas de dias, que agora tenho a impressão de viver numa cidade profundíssima, infinitamente mais baixa, sobre o nível do mar. Uma névoa de carvão paira permanentemente nesta garganta da infra-humanidade; de quando em quando rebenta o estampido de uma pistola automática, e depois todos voltamos a nossa postura primeira, como se nada tivesse acontecido.

Cheguei a mudar de nome, portanto mesmo que perguntasses por mim a todos os que passam, ninguém saberia te responder.

No entanto, vivemos aqui na mesma cidade, sob idênticas estrelas.

Com a diferença, é claro, de que eu exploro uma prostituta, tenho prontuário policial e vou morrer com as costas estupidadas à bala; ao passo que tu um dia te casarás com um bancário ou um subtenente da reserva.

E se me resta tua lembrança é por representar possibilidades de vida que nunca poderei viver. É terrível, mas rubricado em certos declives da existência, não se escolhe; se aceita.

Rebentou tua lembrança, uma noite que eu tremia de febre jogado no canto de uma cela, Não estava ferido, mas tinha apanhado muito com a borracha e a quentura da febre projetava nos meus olhos paisagens de perdição.

Cinzenta como um trecho de filme, passava a lembrança da primeira viagem que fiz a um prostíbulo do interior, com Tacuara. Era uma hora da tarde e um carro desconjuntado nos levava por uma viela sombria, atapetada de poeira. O sol cintilava no muro vermelho do prostíbulo, e diante da chapa de ferro da porta engastada na muralha de tijolos havia um pântano de urina e um poste para amarrar os cavalos. O vento fazia ranger em seu suporte um lampião de petróleo.

Nunca vou me esquecer. O cafetão judeu me adiantou cinquenta pratas pelo trabalho da mulher na semana, e então fui me entrevistar com o chefe político e o delegado... Estas iniquidades passavam por minha memória enquanto eu estava largado no chão de cimento da cela. Por momentos achava que ia morrer. Entreabria os olhos e avistava muralhas rodeadas de outros cercos de muralhas, subsolos socavados sob o chão de cimento por outros subsolos, e durante um minuto minha vida percorreu o espaço de um século no fundo dos calabouços. Outros homens, como eu, tinham os pulmões moídos a golpes de borracha. Uma cunha de grande sofrimento partiu meu cérebro, e além da ferocidade de todos nós, oprimidos ou opressores, além da dureza das cinzentas pedras quadradas, distingi teu semblante pálido e a amendoada azeitona dos teus olhos.

Foi uma marretada na sensibilidade. Nunca acordado pude imaginar teu rosto com a nitidez que na voragem do delírio destacava seu relevo, depois a obsessão do castigo me lançou na crueldade do interrogatório. Indagavam entre golpes sobre o assassinato de uma mulher com quem eu nada tinha a ver.

Depois saí. Mais tarde voltaram a me prender.

Na sombra me acompanhava tua lembrança.

Tacuara! Aonde não fui com Tacuara?

Graças a ela conheci o tédio asqueroso complicado com cheiro de pó-de-arroz dos lenocínios das províncias, a cafetina, de chinelo, tomando conta de um braseiro que encinza o chão da sala, o mate que roda lentamente entre as mãos de dez rameiras remelentas, o vento que sacode a madeira das janelas porque os vidros estão quebrados e foram substituídos por telas de arame, ao passo que vem de fora o barulho uniforme de uma carroça de rodas gigantes, carregado com uma pirâmide de sacas de milho, e o chicote estala junto às orelhas dos oito cavalos envoltos em grandes nuvens de poeira amarela.

Graças a Tacuara conheci os prostíbulos mais medonhos do interior. Aqueles em que o quarto não tem cama, mas apenas um enxergão de palha de milho jogado no chão de tijolos, e mulheres com os lábios perfurados por cancros sífilíticos. Tomei sopa de locro e dancei tangos mais sinistros que agonias em salões tão imensos como pátios de quartel. Ali havia bancos de madeira bruta, e pelos cantos negras segurando num braço um recém-nascido a quem davam de mamar, enquanto para não perder tempo abriam com a mão livre as calças de um ébrio afoito.

Aonde não fui com Tacuara!

Na companhia dela percorri todo o sul da província, Bahía Blanca, Marcos Juárez e Azul; depois estivemos em Rosario de Santa Fe, Córdoba, Río Cuarto, Vi li a María e Bell Ville.

Com a ajuda dos políticos, umas vezes banquei o carteadado e outras despachei churrascadas e tripas em bodegas montadas ao lado de estabelecimentos onde meu único amor trabalhava com todos os homens.

Viajamos por água.

Estive nas províncias de Paraná, Corrientes, Misiones. Passei a Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, São Paulo. Em São Paulo, ao ser expulso da cidade pelos carabineiros, fui atirado em cima de um vagão de carga e quebrei três costelas. Fomos ao Rio de Janeiro, e Tacuara se alistou num prostíbulo de Laranjeiras. A casa de pedra exibia na fachada um mosaico com a Virgem e o Menino, e sob o mosaico uma lâmpada elétrica iluminava uma guarita aberta na parede e entrelaçada de perpendiculares barras de ferro à altura da cintura. Nesse nicho, rígida como uma estátua, de pé, Tacuara ficava de plantão durante cinco horas. Através das grades os homens que a quisessem podiam apalpar as suas carnes para constatar sua firmeza. Naquele bairro de mil prostitutas, e enfeitado com palmas e círios nos dias de Páscoa, um destacamento de gendarmes, armados de carabinas, mantinham a ordem para evitar que bagrinhos e marinheiros se pegassem a facadas.

Voltamos a Buenos Aires.

Eu sentia falta da minha rua Corrientes, e ela de seu quarto cheirando a laranja na barra de San Fernando e do doce e monótono zumbido das serras das caixotarias para fruta do Delta.

E assim, fui afundando dia após dia, até encalhar neste canto do Ambos Mundos. É aqui onde nos reunimos Cipriano, Guillermito o Ladrão, Unha de Ouro, o Relojoeiro e o “Pibe” Repolho.

De noite vão chegando preguiçosamente à mesa junto da vidraça, se sentam, cumprimentam de soslaio a moça da vitrola, pedem um café e na posição em que se sentaram permanecem horas e horas, olhando com expressão desolada, pelo vidro, as pessoas que passam.

No fundo dos olhos desses ex-homens dilui-se uma névoa cinzenta. Cada um deles enxerga em si mesmo um mistério inexplicável, um nervo ainda não catalogado, partido no mecanismo da vontade. Isso os torna bonecos de corda frouxa, e essa frouxura se traduz no silêncio que guardamos. Ninguém ainda o observou, mas há dias em que, os quatro juntos, mal chegamos a pronunciar vinte palavras.

De um modo ou de outro, roubamos, alguns chegaram até o crime; todos, sem exceção, destruíram a vida de uma mulher, e o silêncio é o vaso comunicante por onde nosso pesadelo de tédio e angústia passa de alma para alma com uma fricção escura. Essa sensação de aniquilamento torvo, com as caretas inconscientes que acompanham a lembrança canalha, põe em nosso rosto uma máscara de feiúra cínica e dolorosa.

E como os nossos são próximos! Que histórias as que eles podem contar!

Por exemplo... o negro Cipriano:

É rechonchudo como um ídolo de chocolate.

Em outros tempos trabalhou como cozinheiro de um prostíbulo. Ele conta, e com orgulho, que vestido de branco servia a uma seleta roda de rufiães e cafetões um congro enfeitado nu bandeja de prata.

Mesmo que não o diga, ele se enternece evocando as róseas paisagens.

Seus olhos se umedecem e inundam de finas veias de sangue, e é compreensível: sente saudade do tempo em que era o confidente da cafetina. Esta, com as tetas transbordando entre os babados de seu penhoar, prostituía menores de catorze anos, para servi-las à voracidade de terríveis magistrados e velhos potentados. Depois segredava com Cipriano o quanto tinha ganho, e o negro era feliz sabendo-se o homem de confiança da casa. Não se chega às alturas impunemente. Com as achocolatadas

pálpebras entrecerradas e as queixadas apoiadas nos punhos, Cipriano, como um jacaré que sonha com o pântano, persegue com olhos amarelos memórias fabulosas, festas de traficantes polacos e marselheses, rufiães sebentos como fardos de banha, e implacáveis como carrascos.

Esses homens tinham a pele do pescoço mais vermelha que crista de peru, e cachinhos dourados escapavam pelos buracos de seus narizes e orelhas.

Tinham profundo desprezo pelos países onde prosperavam, cuspiam no rosto dos empregadinhos da polícia, e compravam os chefes políticos com cheques que assinavam piscando um olho maliciosamente.

Cipriano sabe de muitas coisas, e, quando o apertam um pouco, ele confessa que nada o agrada mais do que violentar um rapazinho, ou ir para a cama com um marinheiro da Martinica.

E mesmo assim sorri com a ingenuidade de um monstro jovial.

Ninguém, ao vê-lo, pensaria que ele, o cozinheiro dos prostíbulos, era ainda o responsável por tatuar com um chicote vergões roxos nas nádegas das prostitutas desobedientes. Quando relembra as mulheres que castigou, sorri com doçura de hipopótamo, bufando água e barro no juncal de um pântano.

E mais doçura bondosa encerra seu sorriso, ao rememorar os menores que violentou, dramas de cadeia, um garoto rendido por cinco ladrões que o apertam contra o chão tapando sua boca, depois esse grito de entranha rasgada que sacode como uma descarga de voltagem o corpo imobilizado... e a fila de homens que esperam a vez segurando as calças com uma das mãos, enquanto o corpo do menino perfurado por uma dor terrível se arqueia e cai semimorto.

E se alguém, para caçoar, pergunta o que ele prefere, uma moça ou um ladrãozinho, Cipriano, que se gaba de ter “desmaiado grandes”, entrecerra os olhos e range os dentes. Como um crocodilo dormitando no mangue, ele apetece a imundície, e só quando está muito contente pronuncia algumas palavras num doce francês da Martinica. Por outro lado é muito católico e sempre que passa na frente de uma igreja descobre a cabeça respeitosamente.

Tossindo penosamente às vezes vem se sentar à nossa mesa Angelito o Potrilho, rateiro e tuberculoso.

Tem trinta anos de idade, dez dos quais ele passou no “paviilhão cinco”, cansado de repetir sempre a mesma infração inexistente: “porte de armas”. (“paviilhão?”)

Culpa das más companhias.

Quando se zanga gagueja. Com a viseira do boné enterrada até os olhos ele mergulha em intrincados problemas de xadrez, e se vangloria de ser campeão de damas, e embora isso até seja verossímil, para expressar suas idéias utiliza um procedimento um tanto absurdo. Por exemplo, ao falar do Japonês, um ladrão sombrio e feroz, que sempre tem à mão louváveis pretextos para sair na faca, ele diz:

- É como uma menina.

Sem dúvida, resulta um pouco difícil compreender o que é que Angelito o Potrilho entende por “uma menina”.

Quando Angelito está bem de saúde e não se encontra preso, desaparece por algum tempo da cidade na companhia do Japonês. Percorrem o interior aplicando o “conto do paco” e outros ardis mais ou menos sutis, pois Angelito o Potrilho não é um daqueles perdulários que só praticam sua especialidade, e sim um “pau para toda obra”.

Por enquanto Angelito está muito fraco e não viaja. Permanece horas a fio com um canto da testa apoiado no vidro, olhando para a rua, e os tiras que passam sabem que ele está doente, que não pode roubar e não o prendem. Alguns até o cumprimentam e Angelito faz um gesto oco que é quase um sorriso. Ele diz que “é um consolo saber que vai morrer com a consideração das pessoas de bem”. Não vou te dizer como fui afundando dia após dia!

Agora cada um de nós carrega uma lembrança terrível que é uma bazófia de tristeza. Ontem... hoje... amanhã...

Afundando dia após dia.

Como explicar este fenômeno que deixa a inteligência livre, enquanto os sentimentos besuntados de imundície nos esmagam mais e mais em toda renúncia à luz. É por isso que o palavrão nos retorce a carranca, e para cada rosto de mulher a mão se crispa numa tentação de bofetada, porque junto a nós não se encontra aquela, a mais linda que destruiu nossa vida numa encruzilhada do tempo que passou. Para que falar? Se tudo já é dito pelo silêncio de sombras que tolda o bar amarelo, onde

se inclinam as cabeças que já não têm esperanças terrestres. Feras enjauladas, permanecemos atrás das barras dos pensamentos resíduos, e é por isso que com tanta dificuldade se desprende o sorriso canalha do semblante encolado numa contração de tédio canino.

Os dias são negros, as noites mais encafurnadas que calabouços.

Às vezes tua lembrança cruza minha memória como uma estrela de sete pontas, e Tacuara como se adivinhasse um trânsito celeste por minha vida me examina rapidamente dos pés à cabeça e diz como se fosse meu igual:

- Que é que você tem? É dor no coração?

Seu olho direito quase que se entrecerra, estica o pescoço, franze os lábios finos, e com meio corpo torto como se tivesse ficado desfigurada por uma hemiplegia me pergunta:

- Está lembrando dela?

Não vou te dizer como fui afundando dia após dia; Talvez tenha acontecido depois do horrível pecado. A verdade é que fui me isolando.

Caminhava como antigamente pelas ruas, olhava os objetos que se exibem nas vitrines, e chegava até a parar surpreso diante de certas engenhosidades da indústria, mas a verdade é que estava horrivelmente só.

Depois a noite do pensamento caía sobre mim e fiquei por muito tempo submerso no crepúsculo que já não é terrestre, como o que devem conhecer aqueles que a medicina cataloga com o nome de cretinos profundos.

Veza por outra sentia em meu rosto o frio contato de uma alma que me buscava pela terra com seu pobre pensamento acorrentado. Um calafrio então se descarregava através dos interstícios de minhas vértebras.

Assim cheguei por quedas progressivas até a miséria desta amizade silenciosa, onde não podem faltar o Unha de Ouro, o "Pibe" Repolho e o Relojoeiro.

O Relojoeiro nunca fala. No máximo sorri melancolicamente. De vez em quando ministra uma surra brutal a sua "patroa", e se Guillermito o Ladrão lhe pergunta por que bate nela, o Relojoeiro encolhe os ombros, sorri dolorosamente e responde depois de ruminar um bom tempo sua resposta:

- Sei lá. Deve ser por tédio.

Guillermito cuida do físico, usa relógio de pulso de ouro, se trata com fomentos faciais e raios ultravioleta, mas traz na testa o esboço de uma ruga rápida, críspação que antecipa o gesto de levar a mão à cintura para sacar do revólver e resolver um caso de vida ou morte. Jamais roubou na cidade, e vive falando de instalar uma casa de carteados. Aspira, como eu em outros tempos, a ser dono de um recreio com churrasqueira, mas ainda não dispõe do capital necessário e suas opiniões políticas não poderiam ser mais idiotas:

Está com Irigoyen e a democracia.

Unha de Ouro seduz as “louquinhas” com seu perfil de gavião e os transparentes olhos esverdeados e a crueldade felina de seus maxilares que acompanham o impulso das têmporas puxadas para as orelhas pontiagudas. Quando está cansado apóia os braços na mesa, abaixa a cabeça e dorme na turbamulta do café, com um ronco feroz.

É preciso descrever estas coisas simples, bestiais, primitivas?

Nós nos comunicamos com o silêncio. Um silêncio que se descarrega no olhar ou numa inflexão dos lábios respondendo com um monossílabo a outro monossílabo. Cada um de nós está mergulhado num passado obscuro, onde os olhos, de tanto se fixarem, se imobilizaram como os dos cretinos que fitam absurdamente um canto sujo.

O que olhamos?

Não poderia te dizer. Sei que por onde andei fui me lembrando de ti, e que cheguei a profundezas extremamente tristes. Agora mesmo... fecho os olhos, como o Unha de Ouro, carrego a testa sobre as costas das mãos... mas não durmo. Penso em como é triste não saber quem matar.

De repente o choque dos dados rebenta em meus ouvidos como a descarga de um revólver, levanto a cabeça e rumino uma saliva de veneno. A vida continua sempre igual dentro e fora, e este silêncio é uma verdade, um intervalo onde descansa nossa expectativa de uma má notícia, pois é preciso sempre esperar por ela, sempre esperar por ela no desconhecido que entra inopinadamente no café ou no tremor da campainha do telefone.

Jogando baralho ou dominó, lançando dados ou uma moeda, sob a aparência de desinteresse persiste uma constante tensão nervosa, uma espécie de “sentido, senhor”, vigilância inconsciente, sobressalto imper-

ceptível que move permanentemente as pálpebras e as pupilas, num rabejar sinistro.

Nenhum desconhecido ao entrar no café escapa desse exame, montado em invisível leque de noventa graus, a partir da roda de baralho ou das geometrias brancas e pretas das pedras de dominó.

Quando não há jogo, os queixos descansam engastados nas palmas das mãos. O cigarro se consome lentamente no canto dos lábios... e então... quando menos se espera surge o sofrimento surdo, algo como uma nostalgia das entranhas que ignoram o que querem, enruga as testas, ah! como explicar este desespero, corremos para a rua, vamos até os apartamentos onde nunca falta uma vagabunda com quem se deitar e desafogar babando num mau sonho esta dor que não sabemos de onde vem nem para quê.

E é que todos trazemos dentro de nós um tédio horrível, um palavrão contido, um golpe que não sabe onde cair, e se o Relojoeiro desanca sua mulher a pontapés é porque na noite suja do quarto sua alma empoça uma dor que é como a aflição do nervo de um dente podre.

E quando essa dor, que eles ignoram com que palavras nomear, rebenta num coração, aquele que permanecia calado rosna uma inria, e por ressonância os outros também respondem, e de repente a mesa, que até então parecia um círculo de dormentes, se anima de inrias terríveis e de ódios sem razão, e não se sabe como surgem afrontas antigas e ofensas esquecidas. E se não saem no braço é porque nunca falta um comedido que intervém a tempo e com melífluo palavreado lembra as conseqüências da briga.

Uma festa que dinheiro algum pode pagar é a chegada à mesa de desconhecidos e amigos perdidos. Vêm do interior. Estiveram roubando nas províncias. Ou purgando uma pena na cadeia. Ou engrampando nos trens. Mas, estejam de cabeça rapada ou cabeluda, não importa: suas histórias e seu dinheiro bem que valem a acolhida; e então por um minuto o garçom se congestiona. Tamanha a diversidade de bebidas que solicitam as várias goelas. Uma alegria pavorosa rebenta no interior de cada fera e seguindo o impulso de uma vaidade inexplicável, de um orgulho demoníaco, se fala... Quando se fala é de caçadas de mulheres no coração da cidade, de sua perseguição nos clandestinos antros de extramuros onde se escondem; quando se fala, é de lutas com quadrilhas inimigas que as raptaram, de assaltos, emboscadas, roubos, de

escalamentos e fraturas. Quando se fala é de viagens em transportes nacionais “à terra”, quando se fala é da cadeia, das eternas noites na “berlinda” (cela triangular onde o preso não pode se deitar nem sentar), quando se fala é dos procedimentos dos juízes, dos políticos que os compram, dos tiras e suas ferocidades, de interrogatórios, acareações, compelações e reconstituições, quando se fala é de castigos, dores, torturas, murros no rosto, socos no estômago, retorcadura de testículos, pontapés nas tíbias, dedos impresados, mãos retorcidas, flagelações com a borracha, coronhadas ... quando se fala é de mulheres assassina-das, roubadas, fugitivas, espancadas ...

Sempre os mesmos temas: o crime, a venialidade, o castigo, a traição, a ferocidade. Lentamente consomem-se os cigarros. Cada testa crispa uma má lembrança. Mais ou menos distante. Logo sobrevém o silêncio. Os desconhecidos saem acompanhados do camarada que os apresentou.

Então os olhares varrem as mesas vizinhas, pousam sobre a moça que toma conta da vitrola, rebenta um comentário breve e cruel como um petardo, um sorriso frio torce algum lábio, já se sabe nas malhas de quem a coitada está para cair, aquele que a ronda até já antecipou o número de surras que vai lhe dar, um fósforo crepita ao se acender entre dois dedos e a fumaça azulina sobe lenta até o teto.

Oh!, quantas, quantas coisas se contam em poucas palavras nessas in-fundáveis noites negras.

Às vezes é Guillermito o Ladrão, outras vezes o Unha de Ouro. Unha de Ouro, por exemplo, conta como foi que uma vez atravessou a palma da mão de uma mulher com um punhal.

Ela queria ir morar com ele, e o Unha perguntou se estava disposta lhe a dar (“lhe a dar?”) uma prova de amor, e quando a meretriz perguntou no que consistia a prova de amor, ele respondeu: deixar que lhe atravessasse a mão com uma faca, e como ela concordou, o Unha fincou sua mão no tampo da mesa.

Relatos dessa Índole são freqüentes, mas para que censurar as ferocidades gratuitas? Todos estamos cientes de que num dado momento da vida, por tédio ou angústia, seremos capazes de cometer um ato infinitamente mais vil do que aquele que não condenamos. Para dizer a verdade, pesa como chumbo em nossas consciências um sentimento implacável, talvez a mesma fera vontade que encrespa as bestas carni-ceiras em seus covis de bosques e montanhas.

Além do mais, conhecemos muitas tristezas que nem mesmo o baralho é capaz de desfazer, fastios semelhantes a camisas-de-força atam nossos instintos até o dia em que tombaremos sob o punhal de um inimigo, ou a bala de alguém que há muito nos espera nas sombras. Porque cada um de nós tem alguém à espera.

Depois de ter vivido dessa maneira, é lógico estar carregado de um silêncio tão ríspido, mudez de fera que recebeu da vida uma força maldita, somente utilizável nas quebradas do mal.

Agora na mesa do café, sob as luzes amarelas, brancas ou azuis, o silêncio constitui um repouso. Temos necessidade de um pouco de descanso, para que se assentem nossas infâmias caladas, nossos crimes fracos.

A música enlaça o tédio.

Um tango antigo nos lembra um momento carcerário, outros a noite da descoberta de uma mulher, outros um instante terrível de quando estávamos em cana.

Se o tango soa bronco, um espasmo nos retorce a alma. Lembramos então o prazer vermelho e terrível de cobrir de murros o rosto de uma mulher, ou o primeiro dinheiro dado por aquela que nos iniciou na vida, nota de dez pesos que ela tirou da liga e que nós recebemos com alegria trêmula porque esse dinheiro ela o acabara de ganhar indo para a cama com outros.

Choro de bandônions que nos desgrenham em doces lembranças, primeiras emoções agridoce da vida de cafifa: a mulher que vai pela rua com outro homem; a mulher que ri na mesa ao lado acompanhada de três homens, sensação de procacidade e rajada; a mulher que ao longo da noite repetiu o percurso entre o café e o quarto do braço de clientes que passavam na frente dos nossos olhos, emoção que carrega a expectativa de algumas palavras sussurradas sub-repticiamente: "Espera aí, querido, que daqui a pouquinho estou para você."

O tango empenacha nossa alma com a lembrança de primitivas alegrias: a mulher de todos pavoneando-se na companhia daquele a quem entrega seu dinheiro, as pessoas nos vendo passar, os otários espantados com a pornografia das conversas, os atracas no quarto das amigas, as apresentações de praxe: "Este é o meu marido".

Tardes de chuva desbaratadas em longas rodas de mate, a vitrola num canto, a bandeja de biscoitos largada entre potes de brilhantina. Se a

mulher faz a rua, a infalível despedida às quatro, o “até logo, querido”, o “cuidado com os tiras, guria” e a mulher que no instante da despedida sempre tem um gesto estranho, quase doloroso no começo do ofício e que mediante um esforço da vontade recobre seu rosto com uma máscara de impassibilidade transformando-se instantaneamente em outra, misturando-se aos transeuntes com o tardo passo da perda. Imediatamente passa pela nossa cabeça esta preocupação: “Aposto que hoje ela vai em cana”, ou: “Será que hoje não é a última vez que a vejo?”

Por isso, quando no silêncio que guardamos junto à mesa do café, treme a campainha do telefone, um sobressalto move as cabeças, e se não é para nós, sob as luzes brancas, vermelhas ou azuis, Unha de Ouro boceja e Guillermito o Ladrão rosna uma inria, e entra em nossos olhos um negror que nem as ruas mais negras têm em suas profundezas de barro, enquanto atrás da espessura da vidraça que dá para a rua passam mulheres honestas de braço dado com homens honestos.



5 Considerações finais

Caro(a) aluno(a), neste livro...

Você foi apresentado(a) a conceitos mais amplos e abrangentes de tradução, seus desdobramentos e também a algumas exemplificações práticas do uso dos vários modelos aqui discutidos. Lembre-se de que discussões assim vêm ocupando um lugar cada vez mais importante em todas as linhas de pesquisa... Os Estudos da Tradução vêm ganhando o seu próprio espaço. Você, mesmo que na forma modesta deste livro, está sendo convidado(a) a inteirar-se desses conceitos, participar com seus professores e colegas de estudo de discussões sobre a temática, “tradução” e, principalmente, definir suas próprias opiniões, seu “encantamento” pelo saber.

Falamos de construir pontes... o que você entende por isso agora?

A tradução, como objeto de análise, não pode, claramente, ser já abarcada a partir de uma perspectiva disciplinar, antes obriga a convocar toda uma multiplicidade de saberes.

Na verdade, em todas as épocas há conceitos que, em determinado momento, atingem uma circulação tão ampla que parecem, por si sós, ser capazes de nomear tudo o que constitui as determinantes dessa época. Um desses conceitos, nos nossos dias, é, sem dúvida, o de tradução.

Pode-se dizer, sem qualquer reserva, que a tradução tornou-se uma palavra-chave da nossa contemporaneidade, uma metáfora central do nosso tempo. Potencialmente, toda a situação em que se procura fazer sentido a partir de um relacionamento com a “diferença”, com o “Outro”, pode ser descrita como uma situação translatória.

Nessa acepção ampla, o conceito de tradução aponta para a forma como não apenas línguas diferentes, mas também culturas diferentes, diferentes contextos e práticas políticas e sociais podem ser postos em contacto de forma que se tornem mutuamente inteligíveis, sem que com

isso tenha que se sacrificar a diferença em nome de um princípio de assimilação.

Isso significa, dito de outro modo, que a questão da ética da tradução e da política da tradução tornaram-se mais prementes em nossos dias. Se por multiculturalismo entende-se a simples coexistência de culturas, que não têm que interagir e são entendidas como fechadas em si próprias e auto-suficientes, de acordo com a imagem corrente do mosaico, cujas peças têm limites bem definidos e se encontram simplesmente justapostas (FRIEDMAN, 1998), então, de fato, a tradução se torna supérflua e passa a não ter sentido algum. Mas, se entendermos a mesma palavra como além da coexistência de culturas, a troca afetiva, intelectual, científica, artística, social, filosófica e literária, entre outras, aí sim a tradução vai abrindo caminhos para suas inúmeras pontes e estreitamentos geográficos. Suprimindo quaisquer limites fronteiriços, podemos, então, transitar suave e tranquilamente por todas essas trocas, enriquecendo-nos, talvez, com o mais importante saldo da tradução que se estende para além das trocas, para chegar ao respeito entre as diferenças por meio da construção das pontes.

Construa a sua! Vale a pena! Você já foi convidado(a)!

Glossário

Abordagem funcionalista – vê a tradução como um ato de comunicação intercultural. Parte da função comunicativa que certas estruturas lingüísticas exercem dentro de um determinado contexto e da análise das estruturas que cooperam para realizar essa função, caracterizando a intenção pragmática (concreta) do usuário da língua. Surge nos anos 70 e tem seu auge nos anos 80-90, e seus principais representantes são: Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord.

Abordagem sistemática, orientada – termos que designam o caráter das pesquisas em tradução a partir da década de 50, quando Eugene Nida utiliza o termo *ciência* pela primeira vez para se referir aos estudos da tradução.

Abordagem transcultural – trabalhos tradutórios que priorizam o papel da cultura, ou seja, não existe língua, nem trabalho tradutório com línguas, sem a influência da cultura a elas atrelada.

Addressee – termo que designa o receptor ou o público intencionado pelo autor no TF, juntamente com seus conhecimentos culturais, expectativas e necessidades comunicativas específicas. Está presente nas teorias de Hans Vermeer e Christiane Nord.

Análise contrastiva – diz respeito a pesquisas realizadas da década de 30 a 60-70 cujo objetivo era o estudo de duas línguas em contraste a fim de se identificarem diferenças gerais e específicas entre elas.

Anpoll – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística.

Calque – ação na qual se traduz ou introduz uma palavra ou expressão em língua estrangeira para vocabulário nativo.

Corpora computadorizados – textos paralelos (ou seja, um mesmo texto em sua versão original e traduzida) digitalizados com o objetivo de oferecer informações extensivas para trabalhos de caráter descritivos. Os textos são eletronicamente armazenados, o que facilita o estudo de características da linguagem traduzida.

Correspondência – segundo Catford, a correspondência fundamenta-se na formalidade, isto é, baseia-se no sistema de um par de sistemas lingüísticos similares.

DTS – descriptive translation studies – estudos descritivos da tradução e que abordam a tradução como fenômeno.

Equivalência – termo que designa relações entre o TF e o TT do ponto vista lexical, sintático, de conteúdo, semântico, do leitor, do autor, depen-

dendo da afiliação teórica do pesquisador. Segundo Catford, as relações de equivalência estão sempre amarradas a um par de TF e TT específicos.

Estrangeirização e domesticação – termos cunhados por Venuti para definir a sua visão dos métodos de tradução: a estrangeirização mantém uma aproximação maior com o TF e não se preocupa com a literalidade formal, enquanto a domesticação procura “domar” o TF, fazendo com que seja lido como se tivesse sido originalmente produzido na língua do leitor. Esses métodos lembram aqueles propostos por Schleiermacher: levar o leitor para o autor e levar o autor até o leitor, respectivamente.

Fidelidade – pode ser abordada de maneiras diferentes dependendo da afiliação teórica de cada pesquisador; portanto, esse conceito pode estar ligado à reprodução das idéias fiéis do autor; do conteúdo ou estilo do TF; pode ainda estar voltada ao leitor ou à cultura de chegada. Normalmente, fidelidade envolve debates sobre questões lexicais, sintáticas, culturais e estilísticas.

Função – na lingüística tem a ver com uma perspectiva sociocultural da língua, designando a relação entre uma forma e outra (função interna), entre a forma e o significado (função semântica) ou entre o sistema de forma e o contexto (função externa).

Hermenêutica – interpretação do sentido das palavras, tomando-se o texto como uma unidade de sentido, método originário dos textos sagrados.

Intercultural – termo que trata de relações estabelecidas entre culturas diversas por meio da tradução.

Interface – resulta da possibilidade de estabelecer ligações entre a área dos estudos da tradução com outras áreas de pesquisa. Essas mudanças dizem respeito a métodos de pesquisa e conteúdos que começam a mesclar abordagens lingüísticas, literárias e culturais. As pesquisas adquirem um caráter empírico, o que altera o perfil da disciplina com investigações sobre a estrutura do processo de tradução.

Invisibilidade – termo proposto por Lawrence Venuti para se referir à atitude de alguns tradutores que desejam “desaparecer” atrás de uma tradução fluente, da produção de um TT totalmente legível na língua-alvo, domesticado, como se tivesse escrito, originalmente, na língua-alvo, criando, assim, a ‘ilusão da transparência’.

Lingüística de corpus – é uma área interdisciplinar que vem tendo um grande desenvolvimento desde a década de 80 na Europa e, mais recentemente, nos Estados Unidos. Suas aplicações se fazem sentir tanto na área da lexicografia quanto nos estudos sistemáticos do uso da língua, em trabalhos de tradução, lingüística aplicada e processamento de linguagem natural. A interdisciplinaridade constitutiva dessa área de estudos tem possibilitado a troca de experiências e uma real colaboração entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

Metodologia interdisciplinar – desloca as pesquisas em tradução para campos afins na área da comunicação, como é o caso do jornalismo, ou para áreas mais distantes, porém instigantes, como as traduções nas áreas técnica e científica.

Modelo teórico causal – pesquisa as atitudes do tradutor numa determinada fase da tradução, as causas de suas decisões contrapostas às instruções recebidas do cliente, do propósito da tradução, as suas próprias influências socioculturais no texto; o que essas decisões podem causar e quais os seus efeitos nos leitores, no próprio tradutor e no ambiente sociocultural.

Modelo teórico comparativo – estático e orientado ao produto, além de ser centrado em algum tipo de relação de equivalência.

Modelo teórico processual – estuda a tradução como um processo e introduz dimensões de tempo, sendo, portanto, um modelo dinâmico em relação ao modelo comparativo.

PGET – Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC).

Pós-colonialismo – termo que trata de possíveis conseqüências ideológicas da tradução e do seu papel ativo no processo da colonização e na disseminação de uma imagem, ideologicamente motivada, de povos colonizados especialmente na cultura ocidental. Essa imagem é aceita como a única real e verdadeira e funciona como a imposição de valores ideológicos do colonizador.

Prática derivacionista – termo que caracterizava a prática da tradução até os anos 50 quando ainda estava conectada, ou seja, derivava, primeiramente, do ensino e do aprendizado de línguas estrangeiras.

Prática tradutória – ato concreto, realização, da tradução; ato tradutório; atividade tradutória.

Protocolos verbais – registros, em gravação, dos procedimentos que o tradutor utiliza durante a tradução.

Shift – translação, movimento, transferência.

Signo, significante, significado – relações estabelecidas por Saussure e que fomentam discussões acerca de (im)possibilidades de equivalência textual, como no caso da equivalência interlingual, em que um signo corresponde exatamente ao outro em termos de significação.

Skopos – palavra grega que define o “propósito ou a função” da tradução, tal como teorizado pelo alemão Hans Vermeer em 70; origina a *Skopostheory*.

Targumin – traduções para o aramaico dos Escritos Sagrados e do Cânone Judaico.

Teorias da tradução – estabelecem princípios gerais para prever e explicar o fenômeno da tradução.

Teorias descritivas – descrevem a tradução como fenômeno.

Teorias pós-colonialistas – estudam a questão do aspecto colonizador que, segundo alguns teóricos, a tradução pode exercer.

Tipologia textual – termo cunhado por Katharina Reiss na década de 70 e que unia algumas funções e dimensões da linguagem; situações comunicativas.

Tradução – ato comunicativo intercultural realizado entre comunidades que possuem línguas, culturas e vivências diferenciadas.

Tradução como processo – diz respeito a um mapeamento cognitivo dos procedimentos que envolvem a prática tradutória por meio de registros (protocolos verbais) gravados pelo próprio tradutor durante o processo efetivo da tradução.

Tradução como produto – o texto traduzido existe de forma independente do texto original. O estudo do TT, priorizado em relação ao seu original, permite o levantamento de problemas existentes e estratégias utilizados pelo tradutor para a sua solução.

Tradução interlingual – ocorre entre comunidades com sistemas lingüísticos e culturais distintos.

Tradução intersemiótica – ocorre por meio da interpretação de signos verbais pelos signos de sistemas de signos não-verbais; por exemplo, quando um texto escrito é traduzido para o layout de uma música, um filme ou uma pintura.

Tradução intralingual – ocorre entre comunidades que fazem uso do mesmo sistema lingüístico e que podem ou não compartilhar de um mesmo sistema cultural.

Tradução literal – ocorre no nível da “palavra por palavra”. Termos similares são: “forma pela forma”; tradução fiel à letra.

Tradução livre – ocorre ao nível do “sentido pelo sentido”, ou seja, fidelidade ao conteúdo do TF e não ao sistema lingüístico. Também designada por *inventio*, isto é, fidelidade aos valores artísticos do texto, a idéia do texto original. É posteriormente compreendida por Peter Newmark como “tradução semântica”.

Transnacional – vivência pós-colonial de imigrantes e, de forma mais ampla, a “desruptura local” que descreve a situação daqueles que permanecem no lado, praticamente desintegrados, de suas forças “nativas”.

Transnacionalização – seus sinônimos são: mundialização, globalização, processo que leva à ocidentalização do mundo.

Referências

ARRIGUCCI JR, Davi. Entrevista com Davi Arrigucci Jr. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 39, n. 1, p. 9-18, 2005.

ARROJO, Rosemary. **O signo desconstruído**. Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. São Paulo: Campinas; Pontes, 1992.

_____. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

AUBERT, Francis Henrik. **As (in)fidelidades da tradução**. Servidões e autonomia do tradutor. Campinas/SP: Unicamp, 1994.

_____. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.

_____. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin**. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

_____. **A tradução e a letra, ou, o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: Letras/PGET, 2007.

BAKER, Mona. **In Other Words: A Coursebook on Translation**. London and New York: Routledge, 1992.

_____. Lingüística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, Márcia A. P. **Tradução e multidisciplinaridade**. Puc/Rio: Lucerna, 1999.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. São Paulo: Pontes, 2004.

BENJAMIM, Walter. A tarefa – renúncia do tradutor. In: _____. **Clássicos da Teoria da Tradução**. Tradução de Susana Kampf Lages. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menárd, autor do Quixote. In: _____. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: Abril Cultural, 1972. p. 47-58.

BÜRGER, Juliane. Resenha de Antoine Berman. Pour une critique des traductions: John Donne. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 8, 2001/2. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5901/5581> >. (Último acesso 13/01/2009)

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

CAMPOS, Haroldo de. **Da tradução como criação e como crítica**. Em Haroldo de Campos. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CATFORD, J. C. **Uma teoria lingüística da tradução**. Tradução do CET da PUC Campinas. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHESTERMAN, Andrew. **Mememes of Translation**: The Spread of Ideas in Translation Theory. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

FRIEDMAN, Susan S. Beyond Gender: The New Geography of Identity and the Future of Feminist Criticism. In: _____. **Mappings**: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter. Princeton University Press, N.J., 1998. p. 17-35.

GENTZLER, Edwin. **Contemporary Translation Theories**. London: Routledge, 1993.

HEIDERMAN, Werner (Org.). **Antologia bilíngüe**: clássicos da teoria da tradução. NUT-Núcleo de Tradução/UFSC, 2001.

HOFFMAN, Kate. Resenha de Lawrence Venuti. *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 4, 1999.

LARANJEIRA, Mário. **Poética da tradução**: do sentido à significância. São Paulo: EDUSP, 2003.

LÖRSCHER, Wolfgang. Translation Studies in Germany. **Revista Ilha do Desterro**, Florianópolis, EDUFSC, n. 33, jul.-dez 1997.

MARK, Shuttleworth; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. St Jerome Publishing, Manchester, 1997.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies**: Theories and Application. NY: Routledge, 2002.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation**. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam, Atlanta, GA, 1991.

_____. **Functionalist Approaches Explained**. Manchester, UK: St Jerome Publishing, 1997.

_____. Defining Translation Functions: The Translator Brief as a Guideline for the Trainee Translator. In: LÖRSCHER, Wolfgang. Translation Studies in Germany. **Ilha do Desterro**, Florianópolis: EDUFSC, 1997b. p. 39-53.

_____. Text Function(s) in Bible Translation? In: **ATA Chronicle**. Newsletter der German Language Division der American Translators Association, Germany, 2003. v. XXXIII. p. 34-38.

_____. Comunicarse funcionalmente en dos lenguas. In: FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina; WORJAK, Bernd (Ed.). **Léxico especializado y comunicación interlingüística**. Stica, Granada: Granada Lingüística, 2004. p. 285-296.

NASCIMENTO, Lucia de Almeida e Silva. **Investigating Norms in the Brazilian Official Translation of Semiotic Items, Culture-bound Items, and Translator's Paratextual Interventions**. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

OLHER, Rosa Maria. **Texto 'original' e tradução – tal pai, tal filha?** Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/t00007.htm>>. (Último acesso em 01/07/07)

OLIVEIRA, Roberta Pires. Semântica. In: _____. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 2.

OTTONI, Paulo. **Tradução manifesta**. *Double bind* e acontecimento. São Paulo/Campinas: Edusp, 2005.

PAGANO, A et. al. **Competência em tradução: cognição e discurso**. Humanitas, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Trad. Sandra Reina e Celia de León. Madrid: Akal, 1996.

REISS, Katharina. Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text. Heidelberg: Niemeyer, 1983.

SNELL-HORBY, Mary. The Bilingual Dictionary - Victim of Its Own Tradition? In: HARTMANN, Reinhard (Ed.). **The History of Lexicography**. 1986.

_____. **Translation Studies: An Integrated Approach**. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins Pub. Co., 1988.

_____. Eine integrierte Übersetzungstheorie für die Praxis des Übersetzens. In: KÖNIGS, Frank G. (Org.). **Übersetzungswissenschaft und Fremdspachenunterricht: Neue Beiträge zu einem alten Thema**. München, Alemanha: Instituto Goethe München, 1989. p. 15-51.

_____. (Hrsg./Org.). **Übersetzungswissenschaft: Eine Neuorientierung**. 2. ed. Francke Verlag, Tübingen u. Basel, 1994.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Sobre os diferentes métodos de tradução**. Tradução de Margarete von Mühlen Poll. In: _____. **Antologia bilíngüe: clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: NUT/UFSC, 2001.

SILVEIRA, Brenno. **A arte de traduzir**. São Paulo: Melhoramentos; UNESP, 2004.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. In: _____. **Palavra 3**. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Tradução de Laureano Pelegrin et al. Bauru: Edusc, 2002.

WILSS, Wolfram. **Interdisciplinarity in Translation Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V., 1999. p. 131-144. In: Target 11:1.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis**. Uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem**: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. 2002. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Sites consultados

BRITTO, Paulo Henriques. As condições de trabalho do tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 19, 2007/1. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos19/paulo_henriques.pdf>. (Último acesso em 13/01/09)

FREITAS, Luana Ferreira de. Visibilidade problemática em Venuti. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 12, 2003/2. Disponível em: <<http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/luana.pdf>>. (Último acesso em 13/01/09)

HUTTON, Nadine. The Value of Critical Thinking for Journalists. 1997. Disponível em: <<http://nml.ru.ac.za/CARR/~hutton/crit.html>>. (Último acesso em 13/01/09)

MARIRRODRIGA, JORGE Samba a ritmo de mafia. Policía y Parlamento investigan amaños en el concurso del Carnaval de Río. Buenos Aires, 13 jun. 2007. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/ultima/Samba/ritmo/mafia/elpepuint/20070613elpepiult_1/Tes>. (Último acesso em 13/01/09)

PONTES, Geraldo Ramos; BATALHA, MARIA Cristina. A tradução como prática da alteridade. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n. 13, 2004/1. Disponível em: <<http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/batalha.pdf>>. (Último acesso em 13/01/09)

REUTERS. Jilted Chef Admits Sawing off Wife's Head. Apr 14, 2004. Disponível em: <<http://cfadvocate.com/postnuke/html/print.php?sid=306>> and <<http://www.spursreport.com/forums/102718-post1.html>>. (Último acesso em 13/01/09)

RIBEIRO, Antonio Souza. A tradução como metáfora da contemporaneidade: pós-colonialismo, fronteiras e identidades. 2005. Disponível em: <http://www.eurozine.com/articles/article_2005-07-18-ribeiro-pt.html>. (Último acesso em 13/01/09)

ROBINSON, Douglas. Construindo o tradutor de Douglas Robinson. Disponível em: <<http://www.usc.br/edusc/noticias/assesusc40.htm>>. (Último acesso em 13/01/09)

SINTRA. Sindicato Nacional dos Tradutores. Disponível em: <<http://www.sintra.org.br/site/index.php?pag=estudante>>. (Último acesso em 13/01/09)

Santa y Bella Catarina – itinerários turísticos integrados – emociones el año entero. **Folder turístico da Santur**. Secretaria de estado de la Organización y del Entretenimiento. Santur, Santa Catarina.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Por uma ética da diferença. São Paulo: Edusc, 2002. Disponível em: <<http://www.usc.br/Edusc/noticias/assesusc38.htm>>. (Último acesso em 13/01/09)

WYLER, Lia. A tradução é uma ponte entre duas culturas. **Época**, 29 out. 2007. Disponível em: <<http://arquivo.potterish.com/?p=3559>>. (Último acesso em 13/01/09)

